



FERNANDA SANTANA

*Quando não há mais esperanças,
é possível recomeçar?*

Se eu sonhar



Se eu sonhar

SE EU SONHAR

Copyright© 2019 – Fernanda Santana

Todos os direitos reservados.

Direitos reservados à autora dessa obra.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou qualquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa e projeto gráfico: Anderson Marins e Fernanda Santana

Revisão: Rebecca Pessoa

Léo,
esse livro é para você.
Obrigada por ter sido um amigo tão incrível,
você jamais será esquecido!

*“Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar”*

Aonde quer que eu vá – Paralamas do Sucesso

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

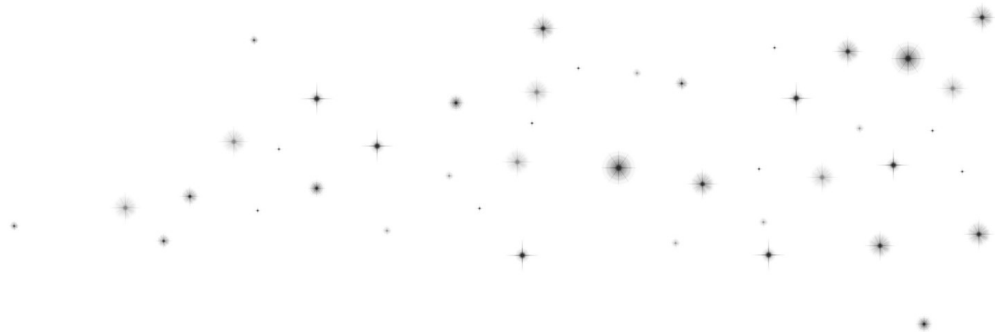
[Capítulo 47](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Siga a autora](#)

Prólogo



Um ano antes

— *Bom dia, dorminhoca.* — Aperto os olhos para abri-los enquanto ouço a voz animada do meu namorado do outro lado da linha.

— Bom dia, amooooor... — Respondo bocejando e ele ri.

— *Você não levantou da cama até agora?*

— Estou curtindo minhas férias, Vi. Quem disse que preciso levantar cedo? Ele ri mais uma vez e sua gargalhada é a mais gostosa que conheço.

— *Está certa, linda. Tem que aproveitar mesmo.*

— Já chegou em Vila Rica?

— *Acabei de chegar. Estou só tomando um café antes de ir para o batalhão.*

Vinícius ingressou cedo na carreira militar e recentemente foi promovido a Cabo, mas a vaga surgiu em outra cidade, no interior do estado, a algumas horas daqui. Hoje ele precisou viajar cedo para levar alguns documentos que lhe foram solicitados.

— Fez boa viagem? — Pergunto enquanto me levanto da cama e vou em direção à cozinha para preparar um café para mim.

— *Tudo tranquilo, amor. A estrada estava vazia, cheguei até rápido.*

— Ah, que bom. Espero que a volta seja assim também.

— *Vai ser. Escuta, se prepare, pois hoje vou te levar a um jantar especial.*

— Jura? — Fico empolgada, pois adoro quando ele me faz essas surpresas.

— *Sim... Precisamos comemorar minha promoção, certo?*

— Claro, Vi. Que horas você chega?

— *Eu não devo demorar por aqui, linda. Acredito que seja coisa rápida, mas te aviso quando chegar. De toda forma, te pego às oito, ok?*

— Combinado.
— *Vou desligar agora, amor, o dever me chama. Mais tarde nos falamos então.*
— Beleza. Boa viagem de volta, venha com cuidado.
— *Obrigado, eu sempre tenho. Te ligo mais tarde. Eu amo você.*
— Também te amo, amor. Um beijo.
— *Beijo, linda. Se cuida.*

Ele desliga o telefone e eu suspiro. Esfrego os olhos e bocejo mais uma vez enquanto espero a cafeteira terminar seu trabalho.

Encho minha caneca de café e vou em direção à sala. Coloco para assistir “*How to get away with murder*” que comecei a maratona ontem.

A vantagem de estar de férias do trabalho é essa: posso dormir até a hora que quiser em qualquer dia da semana e ainda passar o dia fazendo vários nada. Embora às vezes seja um pouco entediante por morar sozinha, acaba não sendo tão ruim, pois o Vinícius passa a maior parte da sua folga comigo.

Estamos juntos há pouco mais de três anos e conhecê-lo foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Meu namorado é engraçado, inteligente, batalhador e, acima de tudo, leal. Vinícius tem o coração do tamanho do mundo e todos que o conhecem se apaixonam por ele. Embora às vezes ele seja insuportável e ame pegar no meu pé, não consigo mais imaginar minha vida sem ele.

A promoção dele foi um grande passo nas nossas vidas. Temos planos de nos casar daqui a alguns anos e agora as coisas tendem a caminhar mais rápido para que isso aconteça. Mesmo que eu precise me mudar para Vila Rica e deixar o litoral, não me importo. Sei que onde ele estiver, eu serei feliz.

*****★☆☆*****

A manhã passa como um borrão e só percebo que está na hora do almoço quando sinto meu estômago roncar. Vou até a cozinha procurar alguma coisa para comer quando ouço meu celular tocar.

Pego o telefone e estranho quando vejo o nome do meu sogro na tela.

— Oi, Luís, tudo bem?

— *Infelizmente não, Beatriz...* — Sinto um aperto no peito ao ouvir o som angustiante da sua voz.

— O que foi, Luís? O que aconteceu?

— *Beatriz...* — Ele respira fundo do outro lado da linha e tenta encontrar sua voz, o que só faz aumentar a minha aflição. — *Houve um acidente... de*

carro... o Vinícius...

— O quê? Um acidente? Como assim? Ele está bem? Onde ele está agora?
— Minha voz eleva tanto que parece que estou gritando.

— *Filha... Uma carreta perdeu o controle na estrada e bateu no carro do Vinícius que acabou capotando... Ele... Ele não resistiu.*

Minha garganta se fecha enquanto ouço o som abafado do choro do meu sogro do outro lado da linha e eu fico em estado de choque. Como assim? O Vinícius morreu? O meu namorado? Não... Isso é impossível.

— Fala que isso é mentira, Luís. Por favor, fala que não é verdade...

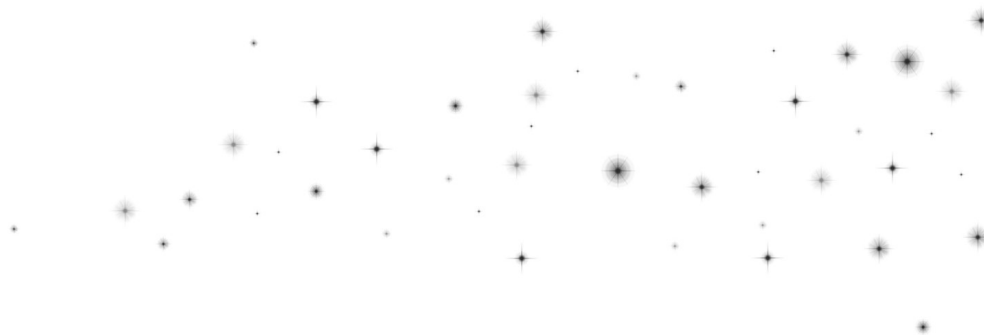
Sinto uma dor excruciante e começo a chorar... Não... não... Por favor, Deus. Não!

— *Também queria que fosse mentira, filha. Infelizmente... Eu... Eu sinto muito...*

Deixo o celular cair da minha mão e desabo.

Imagens do meu namorado passam pela minha mente como flashes, ouço o som da sua voz e da sua gargalhada. Lembranças do Vinícius sério, franzindo o cenho quando está concentrado, sorrindo, triste... Todas surgem como turbilhão e eu perco o equilíbrio. Eu grito e então meu mundo cai.

Capítulo 1



O céu está lindo hoje, de um azul límpido e pequenas nuvens. O sol está tímido, e se não fosse pela data, eu diria que seria um dia perfeito.

Mas aqui estou eu: sentada em um local em que eu não queria estar sentada, olhando para uma placa que eu não queria estar olhando.

O vento vem de leve e balança meus cabelos, como se me desse um pouco de ar para respirar.

Estou sentada na grama encarando a placa. Olhando para algumas palavras que dizem que o amor da minha vida foi embora há um ano.

Respiro fundo e sinto dor. Dor no peito, no coração e na alma.

Há um ano a minha vida saiu completamente do eixo. Eu era uma mulher cheia de planos e sonhos, com um futuro lindo que me aguardava. Mas hoje... Hoje não sou nada.

Não consigo superar a falta que ele me faz e nem conceber a ideia de fazer planos sem ele. Vejo as pessoas ao meu redor seguindo em frente e juro, de coração, que eu queria conseguir fazer o mesmo, mas eu me sinto travada, sem rumo.

Eu não quero essa vida, não quero uma vida sem ele. No entanto, contra a minha vontade, ele foi arrancado de mim. Como um band-aid que é retirado da ferida de uma vez, meu namorado foi arrancado de forma brusca da minha vida.

Olho ao redor e vejo algumas pessoas ao longe. Alguns vieram trazer flores para os entes queridos, outros prestar sua última homenagem. No entanto, eu continuo sentada aqui, com os braços apertando o meu corpo, tentando entender porque isso foi acontecer justamente comigo.

Sabe quando você tem o melhor namorado do mundo e ele também é seu

melhor amigo? Pois é, era isso que eu tinha. Era isso que o Vinícius representava para mim. E hoje? Tudo o que resta dele está debaixo dessa terra.

Ao lado do seu nome, encontro gravada a frase que já repeti tantas vezes para mim mesma: “Viver nos corações de quem fica não é partir”. Não sei de quem é a autoria, mas ela soou perfeita para ele.

Olho ao redor mais uma vez e vejo que as pessoas estão se afastando, me deixando sozinha. Sozinha com meus pensamentos, com minhas dúvidas, com minha dor.

Fecho os olhos e respiro fundo. Então deixo as lágrimas que tanto teimei em conter, rolaem pela minha face.

Abraço minhas pernas e descanso minha cabeça nos joelhos, as lágrimas descem e molham minhas roupas e a grama abaixo de mim.

Meu choro começa tímido, mas logo se transforma em soluços de desespero. A dor que me acompanha todos os dias volta com gás total e derruba todo o equilíbrio que eu vinha buscando.

Olho mais uma vez para o nome do meu amor gravado naquela sepultura e desabo. Eu o faço porque há muito venho segurando. As pessoas esperam que eu seja forte, e eu tento ser na maior parte do tempo, mas em momentos como esse eu simplesmente não consigo.

— Por que, amor? Por quê?

Balanço meu corpo para frente e para trás acompanhando o ritmo inconstante do meu choro.

— Por que você me deixou, Vi? Eu estou perdida, amor. Não aprendi ainda a viver sem você aqui.

Começo a conversar com ele enquanto choro e coloco para fora tudo que estava guardando há tanto tempo.

— Eu não sei o que fazer, amor. Não sei mesmo. Estou tentando viver, tentando seguir em frente, mas não consigo. Eu não queria uma vida sem você...

Enxugo minhas lágrimas com as mãos, mas é um movimento inútil, pois elas não param de escorrer.

— Queria que você estivesse aqui para me dizer o que fazer, qual caminho seguir. Estou tão perdida, amor. Você era meu sol, minha luz. E desde que você se foi, minha vida tem sido só escuridão.

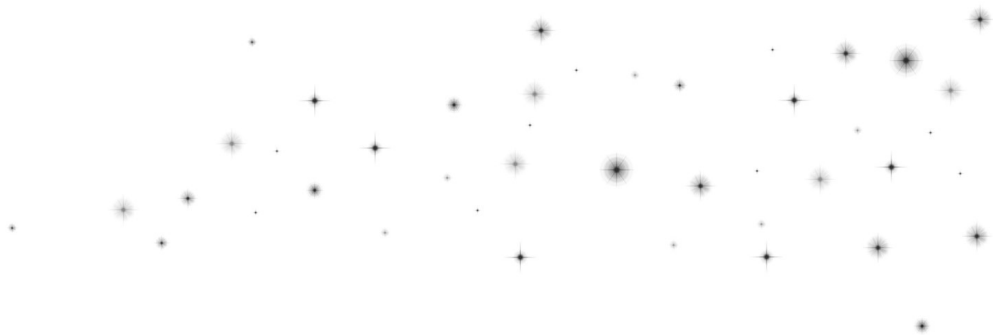
Envolver meu corpo com ainda mais força e choro mais alto. O choro sai do fundo da minha alma e lava um pouco da minha dor.

Uma parte do meu coração foi arrancada de mim no dia em que ele foi embora e a ferida ainda está sangrando. A cada dia que passa a dor só aumenta e a saudade me sufoca.

Eu queria uma luz, queria saber o que preciso fazer agora, mas sem ele tem

sido impossível. Sem ele, deixei de viver, passei apenas a sobreviver.

Capítulo 2



Chego em casa pouco depois das onze da manhã e me sinto um pouco mais leve do que quando saí. Depois de muito chorar no cemitério, senti como se ele estivesse ali me olhando, ouvindo todos os meus lamentos.

Um ano se passou desde a sua morte e eu continuo estagnada na vida, sem sair do lugar. Me formei em Administração de Empresas há seis meses e ir na colação de grau sem ele foi a pior coisa que aconteceu na minha vida.

Continuo trabalhando como Caixa em uma loja de materiais de construção, e embora seja um emprego tranquilo, não é nem de longe o que eu queria. Eu preciso trabalhar na minha área. Fiz estágio no RH de uma empresa e me apaixonei, mas como me fechei para muita coisa na minha vida, acabei me fechando para o mercado de trabalho também. Sei que preciso começar a procurar um novo emprego, mas eu nunca tenho forças suficientes para isso. Sempre deixo para amanhã e assim vão passando os dias.

Minha vida hoje se resume a trabalhar, chegar em casa no fim do dia, assistir seriados, comer alguma coisa e dormir. Ah, e chorar antes de dormir.

Ainda choro. Todo santo dia.

Algumas vezes minha amiga Samanta vem me visitar, em outras ela me expulsa para fora de casa. Mas não é sempre que estou afim. Não sei como ela não desistiu de mim ainda, ela é sensacional.

Samanta é casada há dois anos com o Júlio, melhor amigo do Vinícius. Eu os conheci através dele e logo criamos um vínculo de amizade incrível. Depois que ele foi embora, a Sam tem sido muito presente na minha vida, me dando todo suporte, e eu nem sei como agradecê-la por isso.

Eu não tenho irmãos e meus pais são divorciados, morando em cidades diferentes. Eu vim morar em Monte Castelo para ingressar na faculdade, mas desde então me estabeleci por aqui. Minha mãe já me chamou várias vezes para ir morar com ela, mas eu simplesmente não consigo. Já criei raízes nessa cidade

e, com exceção do último ano, foi aqui que vivi os melhores anos da minha vida.

Tiro os sapatos ao entrar em casa e vou para a cozinha colocar uma lasanha congelada para assar. Além de não ter vivido muito no último ano, também tenho comido muito mal. Quando se perde alguém que ama, você perde a vontade de fazer tudo, inclusive de comer.

Ligo o micro-ondas, e enquanto a lasanha roda no prato lá dentro, sigo em direção ao banheiro para tomar um bom banho.

Abro a água quente e deixo cair sobre meus cabelos e meu corpo, lavando um pouco de mim. Fecho os olhos e respiro fundo, tentando não pensar demais, mas é inevitável. Minha mente adora lembrar do Vinícius e de todas as suas formas, seu sorriso, suas expressões e todos os momentos que passamos juntos. Não há um dia sequer em que eu não pense nele, e fico me perguntando se algum dia isso será diferente.

Sei que preciso me recuperar e seguir em frente, mas não quero. Me sinto culpada por sequer pensar na possibilidade de esquecê-lo, pois é como se eu o estivesse abandonando, tirando ele da minha vida.

Balanço a cabeça para espantar esses pensamentos e desligo o chuveiro. Pego a toalha ao lado do box e me enrolo. Volto para o meu quarto e assim que entro ouço o meu celular tocando.

— Oi, Sam. — Atendo a ligação da minha amiga enquanto procuro o que vestir.

— Ei, Bia. Como você está, amiga?

— Estou bem... — Deixo a resposta no ar, pois ela sabe que dia é hoje, sabe como estou me sentindo.

— Você foi lá?

— Ahã... — Respondo puxando um short e uma camiseta, e começo a me trocar enquanto continuamos nossa conversa.

— Por que não me chamou para ir com você? Você sabe que eu iria.

— Eu sei, Sam, mas eu precisava ir sozinha.

— Tudo bem. Mas sabe que estou aqui, certo?

Mesmo estando preocupada, ela me entende. Samanta procura sempre me ajudar de alguma forma, mas sabe respeitar meus limites.

— Eu sei, amiga, e te agradeço por isso.

— Bom, vamos ao que interessa. Era para eu ter te ligado ontem, mas trabalhei até mais tarde e o dia foi tão corrido... Tenho uma notícia boa para você.

O entusiasmo na sua voz é visível, me deixando curiosa. Estou precisando mesmo de boas notícias.

— Desembucha logo, minha filha. — Ela nota minha empolgação e começa

a rir.

— Então, ontem eu estava conversando com o gerente geral lá da empresa e ele comentou comigo que uma funcionária do RH pediu demissão e que eles ficaram na mão. Lógico que dei meus pulos e falei de você. Expliquei que embora você não tenha grande experiência, já fez um estágio nessa área e é excelente. Ele ficou muito interessado e marcou uma entrevista com você na segunda-feira de manhã, às oito horas.

Meu queixo cai enquanto processo toda aquela informação. Samanta é Inspetora de Qualidade em uma empresa de médio porte e tem uma vida estável. Trabalhar lá seria uma oportunidade maravilhosa para minha carreira. Continuo em choque e meu silêncio incomoda minha amiga do outro lado da linha.

— Bia? Você ainda está aí?

— Oi... Estou... Eu estou sem palavras, só isso. Obrigada, Sam! Sério, você não sabe o quanto isso é importante para mim.

— Sei sim, amiga, e não é nada que você não mereça. Pelas recomendações que eu dei a ele, acredito que a vaga seja sua. Mas vai lá depois de amanhã e arrase. Um novo ambiente de trabalho vai te fazer muito bem.

— Não sei nem como te agradecer!

— Me agradeça conseguindo essa vaga!

Ela está eufórica e isso me faz sorrir. Até que enfim uma coisa boa está acontecendo na minha vida depois de tanto tempo. Sinto uma pontada de esperança crescer dentro de mim.

— Só espero não fazer feio, Sam. Faz tanto tempo que não faço uma entrevista assim.

— Claro que não vai. Você é muito inteligente, amiga. Vai ser moleza, confie em você.

— Está bem. Ai, nem acredito! Você é um anjo na minha vida, dona Samanta!

— Ai ai, sua boba. Seu anjo da guarda é outro e você sabe disso.

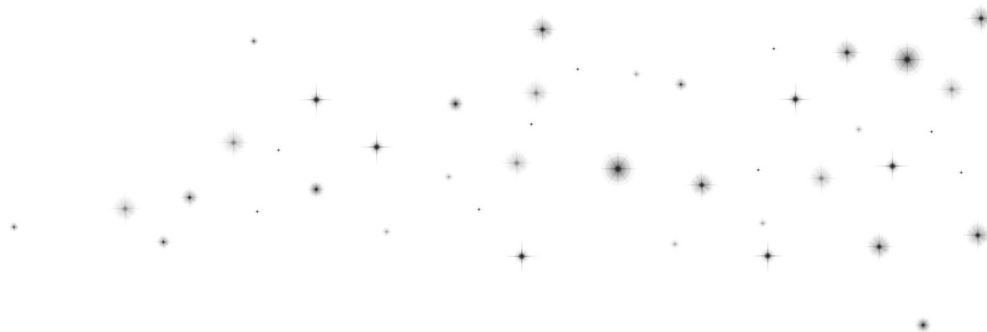
É, eu sei sim. Há um ano eu ganhei um anjo da guarda e sinto como se ele me olhasse todos os dias, me permitindo viver. Por mais que seja difícil e eu tenha vontade de desistir na maior parte do tempo, ainda estou conseguindo sobreviver todos esses dias.

Conversamos por mais alguns minutos antes de me despedir dela para almoçar. Um pouco da minha tristeza se dissipou com essa notícia que recebi. Novos ares vão me fazer bem; conhecer novas pessoas, talvez me ajude a sair um pouco do meu casulo.

Termino de comer e me deito no sofá escolhendo alguns filmes na Netflix para assistir. Depois de assistir dois filmes inteiros, no início do terceiro sinto

meus olhos comecem a pesar, e pego no sono sem perceber.

Capítulo 3



Caminho distraída por um amplo gramado verde cercado por algumas árvores altas. Não reconheço o local, acho que nunca estive aqui antes, mas me parece tão familiar. O céu está lindo, com poucas nuvens, e eu diria facilmente que essa era a visão do paraíso.

Não sei como vim parar aqui, mas enquanto caminho, sou puxada como um ímã em direção à árvore mais alta. Quando chego perto vejo um homem encostado, com os braços cruzados, olhando para o chão.

Há uma luz forte vinda por detrás dele, e quando ergue os olhos para mim eu não o reconheço de imediato. Me aproximo mais, e quando minha visão se acostuma com a claridade e reconhece aquele rosto, minha boca se abre e meu corpo retesa.

Ele mantém seu olhar firme e me abre um sorriso, aquele que eu seria capaz de reconhecer em qualquer canto desse mundo. Mas não pode ser ele, é impossível, ele está...

— Vinícius?

Chego mais perto e ficamos a apenas quatro passos de distância. Ele ainda sorri para mim daquele jeito lindo e eu estou em choque, sem saber o que dizer. Sonhei tanto com o dia em que o veria novamente, e então ele está aqui, diante de mim, e eu não sei o que dizer.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ele quebra o silêncio.

— Oi, meu amor. — Ele abre o maior sorriso do mundo, aquele que é capaz de derreter meu corpo inteiro.

— Po-posso abraçar você?

Preciso saber se ele é real, se não é alguma armação da minha mente.

Seu sorriso se alarga e ele abre os braços para mim.

— Sou todo seu.

Diminuo a distância entre nós e me aconchego em seu peito, inspirando seu perfume. Seu cheiro é o mesmo e a sensação de estar em seus braços é reconfortante. Vinícius me envolve com força, e sentir o calor do seu corpo contra o meu me traz uma paz fora do comum.

Ficamos por um bom tempo assim, abraçados, sentindo o calor dos braços do outro e todo amor que irradia de nós.

Ainda com o rosto afundado em seu peito, sussurro aquelas palavras há tanto guardadas:

— Senti tanto a sua falta, tanto...

— Eu sei, meu amor.

Ele não responde mais nada e uma dúvida toma conta de mim.

— Você não sentiu a minha também?

Ele me afasta dos seus braços para olhar dentro dos meus olhos.

— Eu nunca estive longe de você, linda.

Sua boca forma um sorriso de canto, contido, e por mais que eu queira questionar, sinto a veracidade das suas palavras.

Pego suas mãos e entrelaço nossos dedos, pois preciso sentir cada pedacinho dele junto de mim, memorizar o mínimo dos seus toques.

— Por que demorou tanto?

Ele demora alguns segundos para me responder, como se buscasse as melhores palavras.

— Você precisava seguir em frente, Bia. Precisava enfrentar sua dor sozinha, meu amor. Mas quando vi que mesmo depois de tanto tempo você ainda estava perdida, percebi que era hora de te ajudar.

— Eu não sei viver uma vida sem você, amor.

Abaixo os olhos e sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Ele solta nossas mãos e traça o caminho dela com os dedos.

— Claro que sabe, linda. É por isso que estou aqui. Você precisa seguir em frente, precisa viver. Embora você não consiga me ver, eu sempre estou presente, em cada minuto da sua vida. Mas você não pode viver sempre esperando por mim.

Sua voz é firme e ele me diz com tanta sinceridade que faz com que suas palavras façam morada no meu coração.

Durante todo esse tempo eu pensei que estivesse sozinha, que ele tinha ido embora e me deixado aqui. Mas agora tenho certeza de que ele nunca esteve longe, mesmo que eu não consiga mais vê-lo.

— A Sam conseguiu uma entrevista de emprego para mim.

Eu mudo de assunto e o vejo sorrir. Sinto tanta falta de compartilhar as minhas conquistas com ele.

— Eu sei, Bia. Estou tão feliz por você. Fique tranquila que vai dar tudo certo.

— Como você pode saber disso?

— Eu simplesmente sei.

Ele pisca para mim e sinto meu coração se aquecer. Pego suas mãos de novo e as trago para junto de mim, beijando os nós de seus dedos e roçando-os em meu rosto.

— Eu vou te ver de novo? — Pergunto enquanto continuo a beijar seus dedos.

— Sempre que precisar, meu amor. — Ele vê a expressão confusa nos meus olhos e logo continua. — Eu sempre estarei com você, Bia. Nunca sairei do seu lado, e todas as vezes que eu te vir cair, minha mão estará lá para te levantar. Quando tudo parecer escuro à sua frente, eu serei a luz que irá te iluminar. Quando achar que tudo está perdido, eu te mostrarei que sempre existe uma solução, basta confiar.

Meus olhos marejam enquanto absorvo suas palavras, mas as lágrimas não caem. Ele olha para mim com ternura e aperta minha mão.

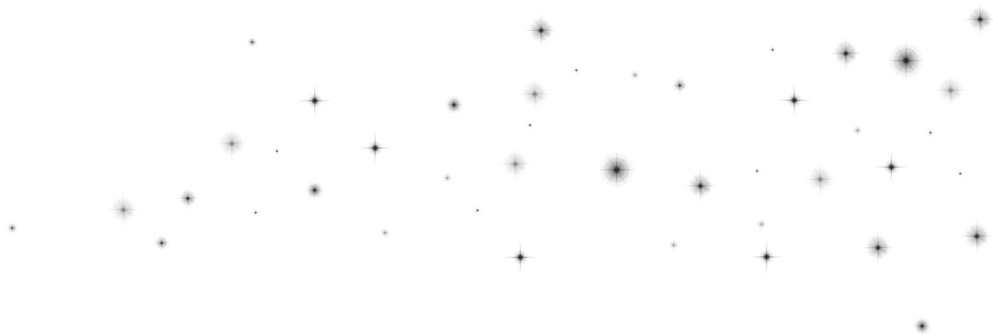
— Você confia em mim, amor?

— Com toda certeza.

Ele sorri para mim mais uma vez e me puxa para si, me aconchegando em seus braços novamente.

O conforto que encontro naquele abraço é suficiente para dissipar toda minha dor, minha insegurança, meus medos. É a forma mais pura que ele tem de dizer que sempre esteve comigo e que jamais me abandonará, e é nos braços dele que encontro minha paz.

Capítulo 4



Dobro meus joelhos e abraço meu corpo enquanto estou sentada na areia. A brisa que vem do mar balança meus cabelos e me enche de tranquilidade.

Há cerca de meia hora eu acordei do meu sonho e decidi vir para a praia ver o pôr do sol, pois é algo que amávamos fazer juntos.

Encontrar o Vinícius, ainda que em sonho, foi muito reconfortante para mim, me trouxe um pouco de paz de espírito. Não sei explicar o que eu vivi, só sei que eu o vi. Eu encontrei com ele ali, em carne e osso, na minha frente, e ainda posso sentir o calor do seu toque na minha pele.

Encontrá-lo matou um pouco da saudade que venho sentindo há tanto tempo e recarregou minhas energias para aguentar um pouco mais.

Hoje é sábado, então a praia está bem movimentada, mesmo assim consigo manter a minha privacidade. Muitas pessoas vêm para fazer caminhada, jogar bola ou somente ver o pôr do sol, como eu.

O sol já se pôs, e vê-lo sendo “engolido” pelo mar é sempre uma visão fascinante. Gosto de admirar o mar; ver o vaivém das ondas e ouvir o som delas quebrando na margem é revigorante.

Um grupo de rapazes joga bola à minha esquerda, um pouco distantes de mim. Estão rindo, xingando entre si, se divertindo. Suspiro ao vê-los assim, pois nem me lembro da última vez que me diverti dessa forma, com coisas simples. Eu preciso seguir em frente, eu sei, agora mais do que nunca, pois é o que ele também quer para mim, só não descobri ainda como vou conseguir fazer isso.

Sigo distraída em meus pensamentos quando sinto uma bola sendo chutada em minha direção e acertando um banco de areia ao meu lado, sujando toda a minha roupa.

— Merda! – Digo em voz baixa para mim mesma, enquanto bato a areia do meu corpo.

Quando ergo o olhar, vejo um dos rapazes correndo na minha direção e

parando na minha frente. Ele pega a bola na areia sem graça e me lança um olhar preocupado.

— Poxa, me desculpe! Eu falei para os caras tomarem cuidado. Você se machucou?

Levanto a cabeça para vê-lo melhor e a visão que eu tenho me faz prender a respiração. Ele está sem camisa e gotas de suor escorrem por todo seu abdômen perfeito. Seus cabelos escuros estão molhados e desgrehados. Ele tem tatuagens por todo o braço direito, desde o ombro até o pulso. Ele tem uma beleza genuína, diferente de tudo que estou acostumada a ver. Seus olhos são de um azul claro acinzentado, tão intensos que fazem com que eu me sinta constrangida por estarem me encarando. Vejo uma argolinha fina na sua orelha esquerda, quase imperceptível, mas que dá um charme incrível. Percebo que demorei tempo demais olhando para ele e afasto meus pensamentos para responder.

— Está tudo bem, a bola não me acertou. Só me sujei mesmo. — Bato mais uma vez no meu short para afastar a areia que ainda restou.

— Tem certeza? Me desculpe mesmo, prometo que não vamos mais jogar a bola para esse lado.

— Não tem problema. — Digo me levantando e terminando de sacudir os últimos grãos de areia do meu corpo. — Eu já estava de saída mesmo.

— Não precisa ir embora por causa disso, nossa partida já estava acabando. Olhe. — Ele aponta para seus amigos que estão indo de encontro a um pessoal que estava tocando violão ali mais cedo. — Não quer ficar para o luau? Nós sempre aproveitamos a lua cheia para ouvir música e jogar conversa fora aqui na praia.

Ele sorri esperançoso para mim e o seu sorriso é lindo, iluminando tudo a sua volta. A proposta é tentadora; pois por mais que eu não o conheça, sinto que é um cara legal e eu realmente preciso sair um pouco da monotonia da minha vida, mas ainda não. Ainda não consigo.

— Te agradeço, mas estou mesmo de saída.

Seu sorriso some e ele parece um pouco desapontado, mas tenta disfarçar. Eu me viro para sair e ele chama minha atenção.

— Ei, se mudar de ideia e quiser voltar, vamos ficar até mais tarde.

Ele me lança um sorriso sincero que mostra suas covinhas mesmo por baixo da barba e eu sinto um frio na barriga que eu não deveria estar sentindo.

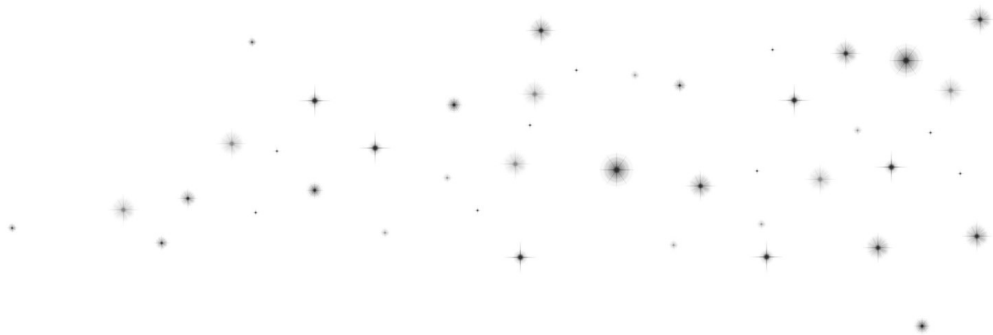
Balanço a cabeça para ele e dou um meio sorriso enquanto me viro para subir no calçadão e voltar para casa. Mesmo de costas para ele, eu percebo que continua parado lá, me olhando, talvez esperando que eu mude de ideia.

Quando estou a certa distância ouço seus passos, e ao olhar de lado, eu o vejo andando em direção ao seu grupo de amigos. Antes de se sentar na areia ele

vira mais uma vez e olha para mim. Mesmo de longe consigo ver seu sorriso e abaixo o olhar. Ele espera que eu volte, eu sinto isso. Uma parte de mim queria mesmo voltar, mas a parte amedrontada que toma conta da minha mente me diz que ainda não é seguro.

Então, de cabeça baixa, ando pelos quarteirões até chegar ao meu prédio. Subo as escadas até chegar ao meu apartamento, entro e fecho a porta atrás de mim. Suspiro, pois sei que eu poderia ter arriscado, mas preferi voltar para casa, para o meu casulo, pois pelo menos aqui eu tenho a certeza de que meu coração está seguro e não voltará a se machucar.

Capítulo 5



Atravesso o corredor da Okada, a maior empresa de fabricação de materiais refratários da região, e chego perto do balcão de recepção.

— Bom dia. — Cumprimento a recepcionista, assim que ela encerra sua ligação.

— Bom dia, em que posso ajudá-la?

— Meu nome é Beatriz, eu tenho uma entrevista marcada com o Sr. Álvaro Campos.

— Ah sim, um momento que eu vou ver se ele pode recebê-la agora.

— Obrigada.

Enquanto ela faz uma ligação, eu olho para as paredes ao meu redor. Do lado direito tem uma fileira de quadros com premiações e selos de qualidade, e só de ver isso minha barriga congela. Será que eu vou conseguir ingressar em uma empresa tão sólida? Deus queira que sim.

Continuo distraída vendo os quadros para tentar dissipar um pouco a minha ansiedade quando ouço a recepcionista me chamando.

— Beatriz?

— Sim. — Me viro e vou em direção a ela.

— Pode entrar, ele está te aguardando. É na segunda porta à esquerda. — Ela gesticula indicando o caminho que eu sigo tentando controlar meus nervos.

Quando paro em frente à porta da gerência, respiro fundo e bato. Ouço uma voz me convidando para entrar e vou, com as mãos ainda trêmulas.

— Com licença. — Digo enquanto passo pela porta, fechando-a atrás de mim.

À minha direita há um homem na casa dos cinquenta anos sentado atrás

de uma mesa grande. Ele possui um semblante sereno, me transmitindo um pouco de tranquilidade.

Ele me olha por cima dos óculos e gesticula, indicando que eu me sente.

Eu me acomodo na cadeira à sua frente e o espero em silêncio. Ele termina de digitar alguma coisa em seu computador e logo desliga a tela, se virando para mim.

— Bom dia, Beatriz, tudo bem?

— Tudo ótimo, graças a Deus. E com o senhor?

— Pode dispensar o senhor, não sou tão velho assim. — Ele balança as mãos e dá uma gargalhada curta, me fazendo ficar mais a vontade. Eu sorrio sem graça, pois meu nervosismo ainda me impede de dizer muita coisa. — Então, a Samanta me deu boas referências suas. Pelo que pude ver no seu currículo, se formou recentemente, certo?

— Sim, me formei há seis meses.

— E estagiou na área de RH?

— Isso. Fiz um estágio na faculdade mesmo e me identifiquei muito com a área.

— Não sei se ela comentou com você, mas perdemos nossa funcionária antiga e ficamos sabendo disso em cima da hora. Atualmente, temos cem funcionários na empresa e esse setor cuida de toda parte trabalhista também. Desde o registro e exames admissionais, folha de pagamento, férias e desligamento dos mesmos. É feito o controle do sistema de ponto, contagem de horas extras e manutenção de banco de horas. Enfim, toda rotina dos funcionários.

Assinto com a cabeça enquanto ouço atentamente a tudo que ele me diz.

— Temos um sistema que administra todo esse processo e depois que você se familiarizar com a rotina e os prazos, fica tranquilo. Hoje, precisamos de duas pessoas responsáveis pelo RH da empresa. Como perdemos uma funcionária, só ficou o Marcus com essa demanda e é difícil dar conta de tudo sozinho.

— Entendo...

— Precisamos de alguém para preencher essa vaga com certa urgência. Vi que você está trabalhando atualmente, mas acha que consegue começar amanhã?

Eu arregalo os olhos e fico em choque. Como assim? Eu consegui mesmo essa vaga? Só posso estar sonhando...

— Claro, eu passo lá agora e converso sobre isso.

— Ótimo, vou te levar até a sua futura sala e te apresentar ao Marcus que te orientará acerca dos documentos necessários.

Balanço a cabeça assentindo, mal conseguindo processar todas as palavras que saem da boca dele. Antes de nos levantarmos, ele me explica sobre horário de trabalho, benefícios da empresa, salário e regras gerais. Fico sem palavras ao absorver tudo isso, pois é muito melhor do que eu imaginei; muito mais do que eu mereço.

Assim que terminamos de acertar tudo e eu concordo, claro, seguimos pela empresa até uma sala no final do corredor com uma placa: “Recursos Humanos”, e sinto um frio na barriga ao entrar, pois só pode ser um sonho!

A sala é pequena e climatizada, tem um armário grande no canto esquerdo e várias gavetas cobrindo toda a parede à direita. Ao centro, duas estações de trabalho, uma de frente para outra, e um rapaz trabalhando nelas, que acredito ser o tal Marcus que o Álvaro havia comentado.

— Bom dia, Marcus. — Álvaro o cumprimenta enquanto ele se levanta para vir até nós. — Essa é a Beatriz, sua nova colega de trabalho que começa amanhã. Passe para ela a relação de documentos que precisa trazer e agende os exames admissionais.

— Bom dia, Álvaro. Deixa comigo. Muito prazer, Beatriz. — Ele estende a mão para mim e sorri. Quando nossos olhares se cruzam, eu sinto meu corpo inteiro derreter. Aqueles cabelos escuros, embora mais curtos, e os olhos acinzentados marcantes compõem aquele rosto que me deixou sem ar há dois dias.

— O prazer é meu, Marcus. — Aperto sua mão e sorrio de volta encabulada, mas o que mais me estranha é que ele não demonstra nenhuma reação ao me ver, como se não me reconhecesse.

— Bom, vou deixar vocês aqui porque tenho uma reunião marcada. Amanhã te espero as oito, ok? Seja bem-vinda à Okada, Beatriz!

— Muito obrigada, Álvaro. Até amanhã.

Ele acena para nós e se retira da sala, nos deixando sozinhos. Eu fico em silêncio olhando tudo ao meu redor e tentando entender porque o Marcus parece não me reconhecer. Essa percepção me entristece, pois eu teria reconhecido aquele rosto em qualquer lugar, mas pelo visto não é o mesmo comigo. Tento disfarçar minha decepção, já que preciso focar no trabalho, e se ele realmente não me reconheceu, é melhor eu esquecer essa história, já que daqui para frente vamos nos ver todos os dias.

— Essa é a ficha que você deve preencher com a lista de documentos para trazer amanhã. A clínica atende por ordem de chegada, você consegue passar lá agora para fazer o exame?

— Claro, só me passar o endereço.

— É aqui no bairro mesmo, indo hoje você fica liberada amanhã.

— Certo, passo lá então.

— Ok, essa é a guia para apresentar na clínica. — Ele me estende um papel junto com a ficha de admissão.

Balanço a cabeça assentindo e tentando processar tudo que aconteceu. Ainda estou em silêncio olhando para ele.

— Então tudo certo. Amanhã começo a te explicar as rotinas de trabalho. Seja bem-vinda! — Ele pisca para mim e sorri, mostrando aquelas covinhas fofas e me fazendo ter mais certeza ainda de que o meu novo colega de trabalho é o cara que eu conheci na praia sábado.

— Muito obrigada, Marcus, até amanhã.

Saio da sala e faço o caminho para a saída da empresa tentando entender tudo que acabou de acontecer. Vejo o endereço da clínica no GPS do celular e decido ir a pé mesmo, caminhar vai fazer minha adrenalina baixar um pouco.

Faço os exames admissionais, e com o resultado em mãos vou para meu trabalho para pedir minha demissão. Não é fácil me despedir das pessoas e do ambiente em que trabalhei por tanto tempo, mas é necessário. Preciso me desligar deles para iniciar uma nova fase da minha carreira.

Uma hora depois, saio da loja com meus pertences, lágrimas nos olhos e uma sensação de dever cumprido. Nunca é fácil virar uma página da vida, eu sei bem como é isso, mas é preciso mudar, é preciso arriscar para progredir.

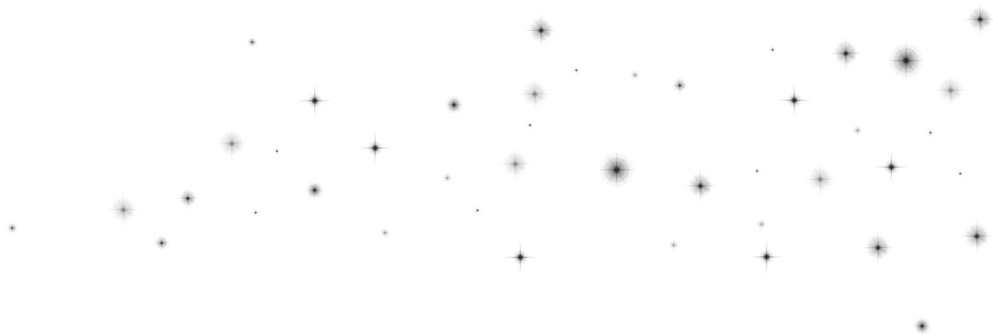
No caminho de volta para casa ligo para a Sam e conto tudo o que aconteceu hoje, agradecendo mais uma vez por sua ajuda. Ela é incrível, um dos melhores presentes que o Vinícius poderia ter deixado para mim. Pensar nele me faz lembrar do meu sonho e em como ele tinha convicção de que eu ia conseguir. Não sei se algum dia vou vê-lo de novo, mas sei que preciso agradecê-lo por nunca se esquecer de mim.

Ao chegar em casa, ando até o meu quarto e me sento na cama, pego o porta-retratos no criado-mudo e suspiro. Ali está uma foto de nós dois em uma viagem que fizemos juntos e sorrio com essa lembrança, estávamos tão felizes nesse dia. Corro o dedo pelo rosto lindo do Vinícius, aquele que era capaz de tirar o fôlego de qualquer um, seus olhos azuis vibrantes e os cabelos loiros escuros lisos e bagunçados. Suspiro mais uma vez vendo seu rosto e sinto aquele

aperto no peito, mostrando o quanto sinto sua falta. Aproximo a foto da minha boca e beijo seu rosto.

— Obrigada, amor.

Capítulo 6



— Bom dia, amiga! — Samanta sorri empolgada enquanto entro no seu carro. Hoje é meu primeiro dia de trabalho e ela fez questão de me dar uma carona.

— Bom dia, Sam!

— Está ansiosa?

— Não tanto quanto você. — Ela faz uma careta para mim e eu solto uma gargalhada.

— Ai, nem acredito que vamos ser colegas de trabalho também! Apesar de não trabalhar perto de você, podemos sempre nos esbarrar por lá. Falando nisso, já conheceu o gato do RH?

— O Marcus? Sim! O Álvaro nos apresentou ontem. E o pior você não sabe...

— O quê? — Ela vira para me olhar curiosa, gesticulando para que eu continue.

— Eu conheci o Marcus sábado, na praia. Eu fui lá para ver o pôr do sol sentada na areia e ele estava com um grupo de amigos jogando bola perto de mim. Algum deles chutou a bola em minha direção e por pouco não me acertou, mas o impacto jogou areia em mim. Ele veio correndo e me pediu desculpas e depois me chamou para ficar para o luau.

— Jura, Bia? E você ficou?

— Não, né Samanta? — Reviro os olhos e olho pela janela do carro.

— Mas deveria, dona Beatriz! Já falei que não te faz bem ficar só trancada dentro de casa. Mas e aí, qual foi a reação dele ontem ao te ver?

— Aí é que está, Sam. Ele não me reconheceu.

Ela se assusta e pisa no freio bruscamente, e quando olho pela janela,

vejo que já chegamos ao trabalho.

— Hã? Como assim?

— Não sei, amiga. Ele me cumprimentou e me tratou super bem, mas não demonstrou reação nenhuma ao me ver.

— Que estranho, Bia...

— Pois é, e eu tenho certeza de que era ele. Eu reconheceria aquelas covinhas em qualquer lugar.

— Bom, se tem alguma coisa logo você vai descobrir, já que vão trabalhar juntos agora.

Nós saímos do carro e ela o tranca enquanto passa os braços por mim para entrarmos na empresa.

— Quero esquecer essa história, Sam, não foi nada demais mesmo.

Ela dá de ombros e me abraça quando chegamos ao lugar em que nos separamos e cada uma vai para seu posto de trabalho.

Passo pela recepção e vejo aquela mesma funcionária que me recebeu ontem.

— Bom dia!

— Bom dia, Beatriz. Seja bem-vinda! Meu nome é Carla, muito prazer.

Ela estende a mão para mim por cima de sua mesa e eu a aperto sorrindo.

— O prazer é todo meu, Carla. Posso ir direto para o RH?

— Claro, o Marcus já chegou. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar aqui.

Agradeço e sigo pelo corredor rumo a minha nova sala de trabalho. Confesso que estou bem nervosa para começar essa nova etapa e mais ainda por ter o Marcus como meu colega ali, de frente para mim, o dia inteiro. Espero muito que possamos nos dar bem.

Respiro fundo antes de abrir a porta da sala e entro. Marcus já está lá, como a Carla me disse. Ele está de costas mexendo em alguma gaveta e sinto um frio na barriga por vê-lo ali. Ele usa a camisa de uniforme com mangas compridas, então não posso ver suas tatuagens, mas consigo visualizar todas ali. Mesmo ele sendo absurdamente lindo, quero mais do que nunca ser apenas sua amiga, vai ser melhor para mim e para nosso convívio no trabalho.

— Bom dia, Marcus. — Eu o cumprimento entrando na sala e colocando minha bolsa em cima da mesa desocupada.

Ele se vira para mim, fecha a pasta que está segurando e sorri.

— Bom dia, Beatriz. Animada para o primeiro dia?

— Muito. — Sorrio. — E pode me chamar de Bia, eu prefiro. Sinto como se fosse levar uma bronca toda vez que ouço meu nome inteiro.

Ele sorri com isso e se aproxima de mim.

— Ótimo, Bia. Trouxe seus documentos?

— Sim, estão todos aqui. — Estendo o envelope para ele que abre e confere tudo que eu trouxe.

— Ok, pode ligar seu computador que vou cadastrar seu usuário para o sistema e te dar as coordenadas sobre o processo. A primeira coisa que você vai fazer é a sua própria admissão, e assim que terminar eu te passo mais coisas.

— Tudo bem.

Enquanto espero meu computador ligar, tento iniciar uma conversa com ele para diminuir um pouco meu nervosismo.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — Eu me sento na minha cadeira e ele senta de frente para mim.

— Pouco mais de dois anos. E você, já trabalhou em RH antes?

— Só fiz um estágio mesmo, mas me identifiquei muito com a área.

— Eu gosto bastante, e aqui na Okada é muito tranquilo de trabalhar. Tem aquela mesma cobrança de toda empresa, sabe? Mas o ambiente aqui é muito bom.

— Deu para perceber, e isso faz muita diferença, né?

— Nem me fale... E, cá entre nós, agradei pela Silvia ter saído, nós não nos dávamos muito bem.

— Sério? — Pergunto curiosa. Quem poderia não se dar bem com um cara tão legal quanto ele? E lindo, claro.

— Nós tínhamos o mesmo cargo e ela se achava minha chefe. — Ele revira os olhos e faz uma careta, me fazendo soltar uma gargalhada. Já adorei esse cara.

— Nossa, que chato isso. Pode ficar tranquilo que isso não vai acontecer comigo.

— Aleluia! — Ele junta as mãos e lança um olhar dramático para o céu me fazendo rir mais uma vez.

— Meu computador ligou, como acesso ao sistema?

Ele vira a tela do meu monitor de modo que nós dois possamos ver e me indica com o dedo onde devo clicar na área de trabalho.

Marcus me dá as coordenadas e presto bastante atenção em tudo que ele me diz para não precisar perguntar mais uma vez. Faço o processo de admissão e aos poucos ele vai me passando mais trabalhos para fazer.

A manhã passa como um borrão e nem percebo quando chega a hora do almoço.

— Hora do almoço, Bia. Vamos lá? — Ele me tira da minha concentração e eu assinto, desligando a tela do meu monitor.

— Onde vocês almoçam? — Eu pergunto ainda tímida, não me lembrei de perguntar a Sam qual é o horário de almoço dela e não sei se o Marcus vai me querer como companhia.

— Nós recebemos vale refeição e tem alguns restaurantes aqui no bairro que podemos usá-lo. Eu vou a um que particularmente acho o melhor. Quer ir comigo?

— Claro! Odeio almoçar sozinha em restaurante. — Sorrio enquanto saímos da sala.

— E você acredita que eu almoço sempre sozinho? — Ele dá de ombros como se fosse uma coisa comum.

— Sério?

— É. O pessoal daqui quase não vai ao mesmo restaurante que eu e nossos horários não costumam bater. E a antiga funcionária... — Ele faz mais uma careta, o que me faz rir. É muito fácil sorrir com ele.

— E não se importa se eu for com você? Já que está acostumado a ir sozinho...

— Claro que não, Bia. É bom sair da rotina. — Ele pisca para mim e seguimos caminhando até um restaurante que fica a apenas um quarteirão da empresa.

Passamos por várias mulheres, dentro e fora da empresa, que o olham de cima a baixo e ele parece nem notar o efeito que causa nas pessoas.

Depois de nos servirmos, sentamos numa mesa de canto, com a janela dando vista para o mar. Monte Castelo é uma cidade pequena, com o mar cortando a cidade toda, então temos essa vista em vários bairros daqui.

— Você é de Monte Castelo mesmo? — Marcus puxa conversa comigo enquanto almoçamos. Acho legal isso, é bom nos conhecermos melhor. Sinto que vamos ser bons amigos.

— Não, eu sou de Villa Bella, mas vim para cá há cinco anos para estudar e como me estabeleci por aqui, não quis voltar.

— Ah sim, bacana. E sua família veio com você?

— Não, eu moro sozinha. Meus pais são separados e cada um mora em uma cidade. Eu morava com minha mãe antes de vir para cá.

— E não tem irmãos?

— Não, sou filha única. Se isso é bom ou ruim, já não sei. — Faço uma careta para ele, que sorri para mim.

— Ah, não é tão ruim ter irmão. Eu tenho apenas um e ele é meu melhor amigo, mas às vezes ele me irrita tanto que tenho vontade de ter sido filho único.

Ele ri para mim e eu sorrio de volta. Ele é tão espontâneo. Tem uma alma livre, sempre sorri e eu o admiro muito por isso. Preciso aprender muito com ele.

— Seu irmão é mais velho? — Estou curiosa para saber mais sobre meu novo amigo e não fica difícil conversar, pois ele me deixa muito a vontade.

— De certa forma, sim.

Não entendo bem sua resposta, mas não quero perguntar. Ainda não criei uma intimidade tão grande com ele para especular demais. Mas acho que ele não pensa o mesmo, pois a pergunta que vem a seguir me faz engasgar.

— Seu namorado também é daqui?

Eu arregalo os olhos para ele e congelo: por essa eu não esperava. Ele franze o cenho e antes que possa perguntar mais alguma coisa, eu gaguejo.

— Me-meu... namorado?

— É, você não tem um? — Marcus aponta para meu anel de compromisso na minha mão direita. Sim, perdi meu namorado há um ano e ainda não consegui tirar esse anel do meu dedo. Para alguns é ridículo isso, mas eu simplesmente não consegui me despedir dele ainda.

Meus lábios tremem e eu tento respondê-lo, mas minha voz não sai. Sinto meus olhos marejarem, mas respiro fundo e luto para a lágrima não escorrer. Caramba, eu acabei de conhecê-lo e não preciso assustá-lo com meus problemas, embora ele pareça mesmo preocupado comigo.

— Desculpa, Bia. Se vocês tiverem terminado ou se estão com problemas, não precisa responder. Eu não devia ter perguntado isso.

— Não, tudo bem, não é sua culpa... É só que...

Engulo em seco e aperto os olhos antes de abri-los de novo e olhar para meu novo amigo.

— Ele morreu.

Marcus arregala os olhos e parece ficar em choque, demonstrando a mesma reação que tive quando fez a pergunta para mim.

— Sério? Poxa, Bia. Sinto muito, sinto muito mesmo...

Ele fica desconcertado porque o peguei de surpresa e não o culpo, sei que a sua intenção foi das melhores e não esperava por uma resposta assim.

— Obrigada, Marcus. — Sorrio para ele em resposta. É um sorriso tímido, mas ele entende que foi minha forma de agradecer por ter se importado comigo.

— E foi recente?

— Sábado fez um ano... — Deixo a resposta no ar e suspiro. Viro minha cabeça para olhar para a janela e fico alguns segundos ali, parada, olhando o movimento das ondas.

Ele permanece em silêncio, como se não soubesse se devia perguntar mais sobre isso ou iniciar um assunto novo. Volto minha visão para frente e o olho. Seus olhos estão preocupados e ver que ele se importa comigo me conforta. No fim das contas, gostei do fato de ele não ter me reconhecido, posso não ter nenhum envolvimento maior com o Marcus, mas sinto, dentro do meu coração, que ganhei um bom amigo, e isso já me basta.

Terminamos nossa refeição e saímos do restaurante em silêncio. Olho para o relógio e vejo que ainda falta um tempo antes que precisemos voltar para o trabalho, e decido quebrar o clima.

— Tem alguma sorveteria por aqui?

— Tem uma muito boa na avenida principal.

— Vamos lá? Ainda temos tempo antes de voltar para o trabalho.

— Minha dieta não permite essas gracinhas, dona Beatriz. Mas vou abrir uma exceção por você. — Ele arqueia uma sobrancelha e me lança um sorriso zombeteiro.

— Ah, fala sério, Marcus, dieta? — Reviro os olhos e dou um empurrão no ombro dele. Quem precisa de dieta com aquele corpo perfeito?

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ele responde fingindo ar autoritário.

— Acha que é fácil me manter em forma? Tem todo um trabalho árduo aqui.

As caras e expressões que ele faz a cada frase dita me fazem rir; seu bom humor é contagiante.

— Ah, e você acha que eu também não me esforço para manter esse “corpítho”? — Faço um sinal mostrando meu corpo magro, porém nada malhado. — Aqui a dieta é pesada, a base de carboidratos e açúcares. — Coloco

seriedade nas minhas palavras e dessa vez quem ri é ele.

— Não me envergonhe, Beatriz. — Ele bate a mão na testa e revira os olhos.

Eu dou mais um empurrão em seu ombro e seguimos rindo e conversando sobre coisas aleatórias até chegar à sorveteria.

Entrando lá, decido pelo sorvete self-service e Marcus me acompanha. Eu já coloco bolas de sabores variados e encho meu potinho de granulados, balinhas e calda de chocolate. Olho para o pote sem graça do meu amigo com apenas duas bolas de sorvete e suspiro.

— Sério mesmo? Você só vai colocar isso?

— Não quero morrer de diabetes, Beatriz. Não, muito obrigado.

Caminhamos juntos até o caixa e continuo o alfinetando.

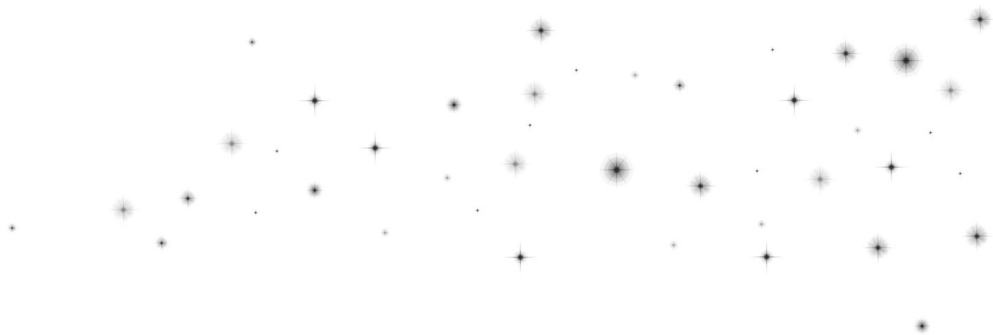
— Você parece minha avó falando, deixa de ser chato.

— Se sua avó for saudável, não ligo de ser comparado a ela. — Ele pisca para mim e sorri, ele é uma graça.

Escolhemos uma mesa na calçada de frente para o mar e ficamos um tempo em silêncio tomando nossos sorvetes. São dessas coisas simples que eu mais sentia falta na minha vida. Estar sentada de frente para o mar, tomando sorvete e tendo uma conversa despreocupada com um amigo. Não me lembro da última vez que sorri tanto em um dia e nem a que fiz uma nova amizade.

Sinto a brisa do mar chegar e balançar meus cabelos. Inspiro o ar que vem dela e sorrio. Sinto que vem muita coisa boa por aí e esse é apenas o começo.

Capítulo 7



Desço o calçadão da praia e sigo em direção ao mar. Tiro as sandálias e caminho descalça até atingir a água, deixando que molhe meus pés. Permaneço de pé na margem, sentindo a água na altura do meu tornozelo.

O vento balança meus cabelos e preciso segurar meu vestido para que não se levante. Fecho os olhos para sentir toda essa energia e inspiro o ar, enchendo meus pulmões. Quando abro os olhos, sinto a presença dele ao meu lado.

Viro-me e vejo que Vinícius está parado de frente para o mar, assim como eu, com as mãos nos bolsos da bermuda, olhando para o horizonte. Fico um tempo admirando seu perfil e o movimento que o vento faz em seus cabelos antes de me virar novamente para frente.

Ficamos em silêncio por um longo momento, apenas assimilando a presença do outro e toda magia que se instala ao nosso redor. Então eu me viro para olhar em seus olhos e ele sorri, ficando de frente para mim.

— Oi, Bia.

Ele tira as mãos do bolso para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, que insiste em voar com o vento. Esse simples gesto dele me faz sorrir.

— Oi, Vi.

Dessa vez eu não tenho desespero para tocá-lo, para senti-lo, como se minha saudade estivesse controlada; como se não tivesse tanto tempo assim que eu não o via.

— Consegui o emprego na empresa da Sam. — Conto a ele, embora sinta que ele já sabe disso.

— Parabéns, linda. Sabia que você ia conseguir.

— Obrigada, estou muito feliz. Hoje foi meu primeiro dia, mas ainda assim sinto que vou adorar esse trabalho. Obrigada por acreditar em mim.

Ele me dá um sorriso de canto de boca, pega minha mão e leva até seus lábios, plantando um beijo ali.

— Sempre, meu amor.

Ele afasta minha mão dos seus lábios, e antes que possa soltar, olha para o anel que está em meu dedo anelar. Ele acaricia o anel com seus dedos e fecha os olhos, respirando fundo.

— Por que você ainda o usa, linda?

Ele abre os olhos e me olha fixamente, e a maneira como ele me encara me faz sentir um frio na barriga.

— Não consigo tirá-lo...

Abaixo a cabeça e olho para o chão, sentindo um aperto no peito por me sentir tão incapaz.

— Mas por quê?

Ele insiste em perguntar e sinto que é uma forma de me fazer falar, para eu colocar para fora aquilo que não consegui contar a ninguém.

— Porque... — Raspo a garganta e levanto a cabeça para olhá-lo nos olhos, apenas para ver em seu olhar o quanto se preocupa comigo. — Porque só se tira esse anel quando se termina um relacionamento, e nós nunca terminamos, Vi. O que nós temos é eterno... Porque eu sinto que se eu o tirasse, estaria te abandonando, nos abandonando.

Abaixo os olhos de novo, pois olhar em seus olhos me faz sentir um aperto no coração. Eu deveria deixá-lo orgulhoso de mim e não o contrário.

— Amor, olhe para mim.

Ergo o olhar e vejo que seu semblante está um pouco mais relaxado. Ele levanta sua mão e traz ao meu rosto, acariciando-me. Sentir seu toque me faz fechar os olhos.

— Bia, não tem porque você continuar usando esse anel, minha linda. Você não está abandonando nossa história por causa disso. O que vivemos foi único, e isso ninguém pode nos tirar. Mas essa é uma forma de você seguir em frente. Você precisa conhecer novas pessoas, precisa se apaixonar novamente, e, acima de tudo, precisa ser feliz. — Eu tento contestar, mas ele coloca o dedo na minha boca, me fazendo calar. — Você vai encontrar alguém que te faça feliz e que te ame do jeito que você é, que vai te ajudar a curar seu coração. Construir uma nova história não vai anular aquilo que vivemos, você precisa entender

isso. Você é linda demais, meu amor, sua alma é linda. Você merece alguém que te faça feliz.

Meus lábios tremem e meus olhos marejam. Sei que tudo que ele me diz é verdade, e parece que cada palavra que sai da boca dele, entra pelos meus ouvidos e se aloja direto no meu coração.

— Bia, no dia em que eu parti... — Ele pausa, respira fundo e fecha os olhos; quando os reabre continua: — No dia em que eu parti, eu deixei de ser seu namorado, linda. Deixei de sê-lo, pois fui promovido a algo melhor: me tornei seu anjo.

Ele ergue minha mão até a altura dos seus lábios e beija meus dedos antes de retirar o anel. Ele o retira com cuidado e o coloca na palma da minha mão, fechando-a e beijando mais uma vez.

— Você não precisa usar esse anel para provar que está ligada a mim, minha linda. Pois eu estou guardado em um lugar melhor: no seu coração.

Assinto em silêncio enquanto ele me puxa para os seus braços, me apertando contra seu corpo. Inspiro seu cheiro e absorvo mais uma vez tudo que vem dele. Seu abraço é reconfortante e traz a minha dose de paz.

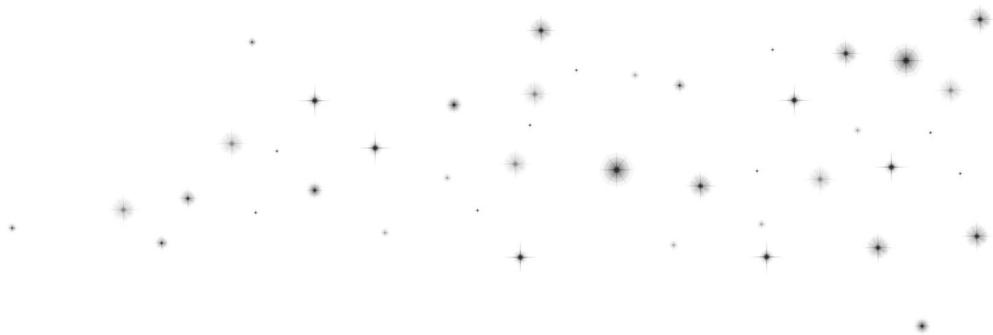
Então eu entendo tudo que ele quis me dizer: eu jamais deixarei de amá-lo e não apagarei o que vivemos juntos por conhecer outra pessoa ou me apaixonar de novo. Me aninho mais em seus braços e finalmente tudo parece claro para mim: é hora de seguir em frente.

*****★*****

Olho para a janela e vejo que continua escuro. Me sento para pegar meu celular no criado-mudo e olhar as horas, mas antes que possa me mexer, percebo que a minha mão está fechada.

Abro a mão e vejo o meu anel lá dentro, deixando uma marca por estar apertado contra a minha palma. Lembro-me do sonho que acabei de ter e sorrio por constatar: ele sempre está comigo.

Capítulo 8



A semana passou como um borrão. Meus dias, que antes passavam arrastados, agora estão voando, e eu entendi o porquê. Minha vida está começando a ficar mais leve, eu estou mais tranquila e isso tem me ajudado muito.

Os encontros que tive com o Vinícius em sonho foram muito esclarecedores para mim, me fizeram enxergar exatamente aquilo que eu não queria ver. E eu acredito em tudo o que ele diz, pois sei que, mais do que ninguém, ele sabe o que é melhor para mim.

O meu novo emprego também tem me feito muito bem, tenho conhecido novas pessoas, feito novas amizades e criei uma nova rotina. Coisas novas têm sido boas para mim. Além do Marcus, que tem sido maravilhoso comigo, acabei fazendo amizade com a Carla e a Bianca, do setor financeiro.

Todos na empresa são muito gentis e eu estou me sentindo cada dia mais entrosada, sentido que era exatamente isso o que faltava para mim. Todos os dias eu e o Marcus almoçamos juntos, e conhecê-lo um pouco mais tem sido muito bom. A sua espontaneidade e seu bom humor são contagiantes e têm me tirado vários sorrisos.

Eu quase não vejo a Sam na empresa. Nossos horários de almoço não coincidem e minha sala é bem longe da dela, mas ainda assim nos esbarramos vez ou outra.

Falando nela, acabou de me ligar dizendo que está vindo me ver. Hoje é sábado, e sempre que ela pode, procura me encontrar nem que seja um pouquinho, porque sabe que fico sozinha em casa durante o fim de semana.

Estou sentada no sofá com a TV ligada passando uma coisa qualquer, mas meus pensamentos vagueiam longe. Passo os dedos sobre meu dedo que antes abrigava um anel e ainda estranho a sensação de não tê-lo mais ali, mas sei

que fiz a coisa certa. Devagar eu vou caminhando, mesmo que aos tropeços, mas dando um passo de cada vez.

Continuo em meu devaneio quando ouço o interfone tocar. Me levanto e abro para a Sam subir, destrancando logo a porta do apartamento. Dentro de poucos minutos minha amiga surge no corredor.

— Oi, Bia! — Ela me abraça e entra no meu apartamento, fechando a porta atrás de si.

— Ei, Sam! Como você está?

— Estou ótima, amiga, e você?

— Muito bem! — Sorrio para ela. Eu realmente me sinto bem melhor do que estava na semana passada.

— Bem mesmo? — Ela insiste, arqueando uma sobrancelha.

— De verdade, Sam. Esse emprego novo tem feito muito bem para mim, e a companhia do Marcus é maravilhosa.

— Hmmmmmm... — Ela me lança um sorriso malicioso e eu dou um tapa no ombro dela.

— Nem vem, Samanta. É só amizade, juro! Ele tem sido tão bom para mim que eu jamais estragaria isso. Além do mais, trabalho o dia inteiro de frente para ele, nunca daria certo, né?

— Verdade, amiga, olhando por esse lado...

— Mas e você, tem alguma novidade para mim?

Eu a puxo pela mão e a conduzo até o sofá, onde nos sentamos.

— Tenho sim, na verdade é sobre isso mesmo que queria te contar. Estou tentando engravidar, Bia.

Cubro a boca, que se abriu expressando minha surpresa.

— Jura, Sam? Desde quando?

— Você sabe que o Júlio sempre quis um bebê e eu ficava adiando, né? Conversando com ele há uns meses, vi que não tinha motivo para ficar postergando isso mais. Nós já estamos casados há dois anos e juntos há dez. Nós dois temos um emprego estável, graças a Deus. Então por que não? Tem dois meses que parei de tomar os remédios. — Ela dá de ombros e me olha como se esperasse minha aprovação.

— Poxa, amiga, que ótimo! Fico feliz por vocês, espero que esse bebê venha logo! E porque não me contou antes, sua desnaturada? — Eu faço careta para ela, mas bem sei o motivo para ela ter demorado tanto.

— Estava esperando você ficar melhor, Bia. Estava esperando pelo

momento certo e ver o quanto você está mais animada esses dias me encorajou, desculpa não ter te contado antes.

— Não faz mal, Sam. Eu entendo... — Aperto suas mãos entre as minhas, como forma de dizer que está tudo bem.

Ela sorri para mim e olha para nossas mãos entrelaçadas e então sua expressão se torna curiosa e ela arqueia uma sobrancelha.

— Amiga, você tirou seu anel? — Ela arregala os olhos quando eu balanço a cabeça assentindo.

— Quem foi que te conseguiu te convencer, para eu dar um Oscar? Sério, usei todos os argumentos do mundo e você nunca me ouviu. — Ela revira os olhos e eu solto uma risada, mesmo não sabendo como explicar isso.

— O Vinícius.

— Vi-Vinícius? Qual Vinícius? — Ela coça a nuca confusa, e eu não tiro sua razão. Respiro fundo, pois sei que a história vai ser longa.

— O meu Vinícius. — Reviro os olhos e faço expressão de: “existe outro?”.

Ela abre a boca e fecha, coça a nuca mais uma vez e fica me olhando com expressão confusa, como se tentasse entender o que acabei de dizer.

— Como assim, Bia? Não entendi...

Pego suas mãos e entrelaço nas minhas, respiro fundo mais uma vez e olho em seus olhos antes de começar a contar.

— Sam, tem uma coisa que também preciso te contar. Lembra que sábado eu fui para a praia ver o pôr do sol? — Ela balança a cabeça assentindo e eu continuo. — Então, naquela tarde, antes de sair de casa, eu acordei de um sonho. Eu passei a tarde vendo TV e acabei pegando no sono aqui no sofá mesmo e sonhei com ele. Mas não foi um sonho qualquer, Sam. Eu o vi, toquei nele e ele me disse tantas coisas lindas... Ainda posso sentir seus toques na minha pele.

Ela permanece em silêncio com os olhos vidrados em mim e dá um aperto na minha mão, indicando que eu continue.

— Foi a primeira vez que eu sonhei com ele em um ano, Sam, e foi tão lindo. Ele me abraçou e me disse que nunca esteve longe de mim, e que mesmo que eu não possa vê-lo, ele sempre está presente e jamais me abandonará. — Uma lágrima escorre do rosto dela e quando percebo, o mesmo acontece comigo. — Eu matei um pouco da minha saudade, sabe? E na terça feira eu sonhei com ele de novo. Nesse sonho ele me questionou porque eu ainda usava o anel e eu

disse que não conseguia me despedir dele ainda.

Paro para recuperar meu fôlego e continuar.

— Ele me disse que não preciso usar nosso anel para provar que estou ligada a ele, pois o que vivemos foi eterno. Mas que eu preciso seguir em frente e conhecer novas pessoas, preciso me apaixonar novamente e mereço ser feliz.

Minha amiga sorri por entre as lágrimas e eu retribuo.

— Naquele sonho ele retirou o anel do meu dedo e o colocou dentro da minha mão, Sam. E quando eu acordei, o anel estava aqui dentro. Não me peça explicações que nem eu mesma sou capaz de dar, mas sei que ele estava ali, eu o senti. Vinícius foi embora, mas em momento algum me abandonou e agora, mais do que nunca, eu entendi. Meu anjo da guarda jamais se esquece de mim.

Samanta me puxa para os seus braços e me aperta com força. Sei o quanto ela também sente falta dele e o quanto se emocionou por ouvir isso.

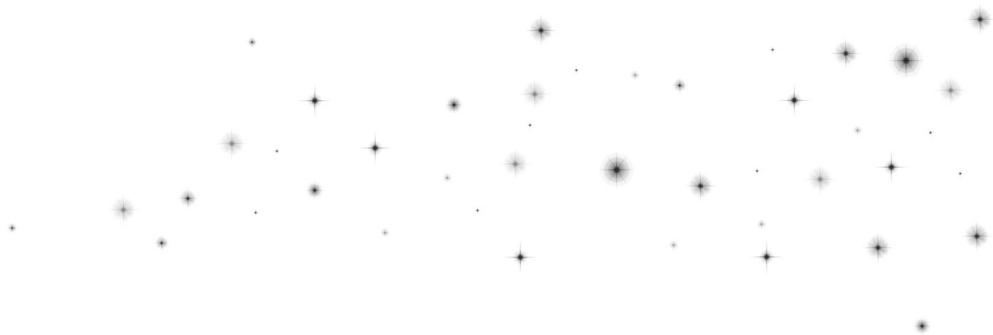
— Queria sonhar com ele também... — Ela sussurra no meu ouvido e eu sinto um aperto no peito. Me separo de seus braços e a olho nos olhos.

— Ele sempre está presente, amiga. Não só comigo, mas com você e o Júlio também. Vocês eram os melhores amigos que ele tinha e ele jamais os abandonaria.

— Eu sei... — Ela sorri e enxuga uma última lágrima teimosa.

Passamos mais algumas horas conversando antes de ela ir embora, e percebo o quanto a presença da minha amiga me faz bem. Preciso vê-la mais vezes, sei disso. Sei que estou em falta com ela e comigo mesma, e embora tenha demorado a me dar conta disso, sei que não é tarde demais. Chegou a minha hora de recomeçar, chegou a minha hora de começar a viver.

Capítulo 9



— Marcus, vou pegar café para mim, você também quer? — Pergunto já me levantando da cadeira, pois preciso ir até a cozinha urgentemente.

— Pode trazer para mim, Bia.

— Beleza. Sem açúcar, né?

Ele balança a cabeça assentindo. Saio da nossa sala bocejando e sigo em direção à cozinha do nosso andar. Quando entro, vejo que a Carla está se servindo de café também e a cumprimento.

— Ei, Carla.

— Oi, Bia, veio buscar café também?

— Sim, segunda-feira é o dia internacional da preguiça, né?

Ela ri e eu também solto uma risada, é bom para dar uma animada no dia. Carla é uma garota muito bonita, tem cerca de vinte anos, cabelos pretos e lisos na altura da cintura e os olhos azuis que se destacam. Eu já reparei que ela tem uma quedinha pelo Marcus, só não entendo porque ele nunca notou isso.

Começo a servir o café em duas canecas, parando na metade para colocar açúcar na minha. Pego as duas pronta para voltar para a minha sala quando a Carla me surpreende.

— Queria muito que fosse eu a levar esse café...

— Hã? — Eu estava distraída e nem percebi que ela estava reparando na caneca dele na minha mão.

Ela aponta para o café do meu amigo e suspira.

— Quem me dera trabalhar junto com vocês, talvez eu tivesse mais sorte... — Ela termina de tomar seu café e se junta a mim em direção à porta.

— O Marcus é um cara legal, Carla, mas talvez não mereça todo seu

esforço.

— É verdade, mas queria poder ter o privilégio da dúvida.

Ela me lança um sorriso triste e segue em direção à recepção, enquanto eu volto para minha sala. Assim que tivesse uma oportunidade eu cutucaria o Marcus para ver se ele abria os olhos.

Entro na nossa sala e estendo sua caneca para ele, que pega e me agradece sem tirar os olhos do seu monitor. Me sento a sua frente e volto ao que estava fazendo, pois hoje estamos a todo vapor. Início de mês é sempre um período mais apertado de serviço e acabamos nem tendo tempo de conversar muito, apenas nos intervalos.

Já faz um mês que comecei a trabalhar aqui e para mim parece que foi ontem, de tão rápido que passou. Ainda tenho muito a aprender, mas estou conseguindo entrar na rotina e tenho dado conta do meu serviço, então estou bem satisfeita.

O dia hoje foi exaustivo, mas pelo menos a parte da tarde passou bem mais rápida. Olho para o relógio e vejo que faltam apenas trinta minutos para encerrar meu expediente e começo a ficar mais relaxada.

Ouçoo um barulho de alguém batendo na porta e antes que eu possa responder, ela se abre.

— Sam? — Vejo minha amiga entrar na nossa sala com um sorriso muito suspeito no rosto, aposto que está aprontando alguma.

— Oi, Bia. Ei, Marcus. — Ela nos cumprimenta e permanece de pé.

— Oi, Samanta, tudo bem? — Marcus responde seu cumprimento.

— Tudo ótimo! — Ela está empolgada demais, lá vem bomba, conheço minha amiga.

— Desembucha logo, Samanta. — Cruzo os braços e olho fixamente para ela, esperando sua resposta.

Mas para minha surpresa, ela se vira para o Marcus e dá as costas para mim, me ignorando.

— Marcus, sabia que o aniversário da Bia é sexta-feira?

— Samanta! — Repreendo minha amiga, ela bem sabe como passei a odiar meu aniversário.

Ela me fuzila com o olhar como se dissesse “fica na sua”, e eu continuo de braços cruzados esperando pelo que vem em seguida.

— Sérioo? Ela não me falou nada... — Marcus lança um sorriso cúmplice para minha amiga e minha vontade agora é de cometer um homicídio duplo.

— Sim, essa “cricri” odeia festa, mas nós vamos fazer assim mesmo.

— Sem chance, Sam! — Repreendo-a mais uma vez e ela continua me ignorando, mantendo sua conversa com ele como se eu não estivesse aqui.

— Por mim, fechou! Qual a ideia?

— Bom, ela adora praia, acho que podíamos fazer alguma coisa lá, mas não consegui pensar em nada.

— Ah, já sei! Meu irmão tem uns amigos que se reúnem às vezes na praia para um luau, tocam músicas, bebem cervejas e jogam conversa fora, vou falar com ele.

— Ótimo, adorei! Um luau é perfeito! Podíamos marcar perto de algum quiosque, que aí fica fácil pedir alguns petiscos para comer e tal.

— Ei! Eu ainda estou aqui! Não querem saber o que eu acho disso?

— Não! — Respondem os dois juntos, me olhando bravos. Pronto, agora até o Marcus entrou nessa loucura da Sam, estou mesmo ferrada com esses dois!

— Ok, Marcus. Combinado então! Confirma com seu irmão e vamos nos falando durante a semana para acertarmos os detalhes. — Ela bate palmas entusiasmada e eu reviro os olhos.

Eles trocam telefones e olhares cúmplices e minha vontade de cometer um homicídio duplo qualificado só aumenta. Sam sai da sala me mandando um beijo e me deixa sozinha com meu amigo traíra.

— Sério, Marcus? — Lanço um olhar duro para ele, mas tudo que consigo é fazê-lo rir.

— Cara de brava não combina com você, Bia. — Ele gargalha mais uma vez e eu faço uma careta. — Relaxe. Vai ser bom, você vai ver. Meu irmão é um cara legal, você vai gostar dele. E os amigos dele são gente fina demais.

— E eu tenho outra escolha? — Bufo, derrotada.

— Não. — Ele ri mais uma vez e eu reviro os olhos, então me lembro de aproveitar a deixa.

— Já que vocês vão fazer isso mesmo, vou chamar a Carla e a Bianca também.

— Ótimo, quanto mais gente melhor.

— Marcus, posso te perguntar uma coisa?

— Até duas. — Ele sorri e cruza os braços para me olhar.

— Você já reparou que a Carla tem uma quedinha por você?

Ele se assusta e fica branco, como se tivesse visto um fantasma. Será que

meu amigo era tão sonso assim?

— Não, nunca... — Ele desvia o olhar de mim e começa a brincar com uma caneta que está em sua mesa.

— Pois deveria. Aproveite que sexta-feira ela estará lá e converse com ela. A Carla é uma garota legal.

— Eu sei, Bia, mas não vai dar. — Ele coça a nuca e fica desconcertado, como se tentasse me dizer alguma coisa e não soubesse como.

— Por que não? — Eu insisto porque acho que os dois ficariam tão bem juntos.

— É complicado...

Ele está confuso e eu percebo que é melhor deixar essa história para lá. Pelo menos a minha parte está feita.

— Tudo bem, eu só quis te dar um alerta. Só faça o que te deixar a vontade.

Eu volto minha atenção para o computador e pego minha caneca, mas antes que eu possa dar um gole, ele fala.

— Eu sou gay.

Eu engasgo com meu gole de café e queimo minha língua. Como é que é?

Ele vê minha reação e balança a cabeça assentindo como se entendesse meu comportamento.

— Ninguém aqui no trabalho sabe, Bia. Só você agora porque sei que é minha amiga.

Eu fico ainda em choque olhando para ele sem saber o que dizer. Esperava por qualquer coisa, menos isso.

— E é por isso que eu nunca reparei a Carla e nem nenhuma outra colega de trabalho. — Ele dá de ombros e me dá um sorriso contido, então sinto uma pontada de culpa por ter insistido com a história da Carla.

— Marcus, desculpa... Se eu soubesse disso, jamais teria sugerido a história da Carla. Só falei mesmo porque sei que ela gosta de você.

— Não tem problema, Bia. Não tinha como você saber. Eu nunca contei a ninguém aqui porque sempre quis separar o lado pessoal do profissional, mas como nós dois nos tornamos amigos, sabia que podia confiar em você.

— Claro, com certeza. Obrigada por confiar em mim. E você tem namorado?

Se estou na chuva é para me molhar, né? Já que é dia de revelações...

— No momento estou solteiro.

— Ah, para! Um gato como você, solteiro?

— Ah, então só esperou eu dizer que sou gay para assumir que me acha um gato?

Eu fico sem reação e só percebo que estou corando quando ele começa a gargalhar.

— Não precisa ficar vermelha, Bia. Você está parecendo um pimentão!

Ele gargalha mais e eu não aguento, rio junto com ele.

— Imagina se fosse eu que tivesse uma queda por você? Você ia partir meu coração...

Lanço um olhar sofrido e finjo cravar uma faca no meu coração, tirando mais risadas do meu amigo.

— Cara, isso nem passou pela minha cabeça, Bia. Criamos uma amizade tão incrível...

— Verdade, criamos mesmo. Mas ainda assim quero te matar por sexta-feira.

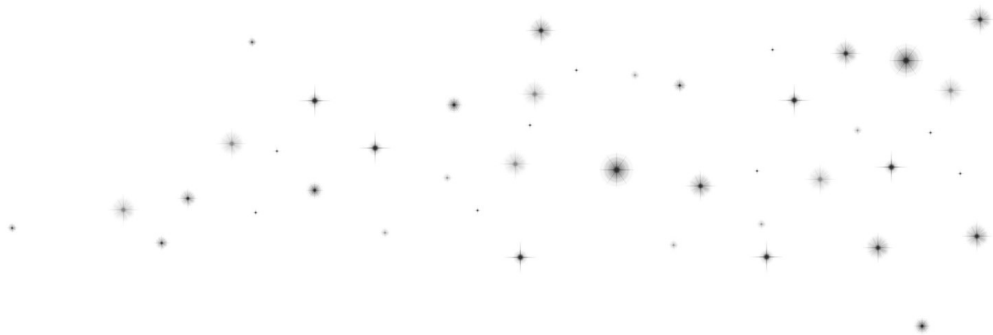
— Sério? Você está nessa até agora?

— Só vou te perdoar se levar algum amigo gato no luau... Que seja hétero, de preferência.

— Pode deixar, gatinha.

Ele pisca para mim e eu sorrio. Começamos a juntar nossas coisas para irmos embora e olhar para ele me faz lembrar o dia da praia, acho que agora entendi o motivo do Marcus não se lembrar de mim. No fim, tudo se encaixa. E agora é só esperar para ver o que esses dois vão aprontar para mim sexta-feira. Que Deus me ajude...

Capítulo 10



Sigo por uma trilha em um bosque desconhecido, não me lembro de como vim parar aqui, mas sigo as marcas de pés até chegar a um riacho. Está escurecendo, o sol acabou de se pôr e quando me viro para olhar ao meu redor, vejo um quiosque à beira do riacho, ornamentado com luzes coloridas.

Fico curiosa para saber o que é e caminho até lá. Quando meus olhos se encontram com os dele, sinto que tudo faz sentido.

— Feliz aniversário, meu amor.

Ele abre os braços para mim e sorri. Chego perto dele e o abraço, me aninhando em seu peito. Ficamos alguns minutos assim, antes de nos separarmos.

— Obrigada por se lembrar de mim.

— Sempre, linda. Gostou da surpresa?

Ele gesticula me mostrando ao redor e eu vejo que todo o pequeno quiosque está adornado por luzes coloridas e flores. Está simplesmente perfeito.

— Amei, Vi. É perfeito.

Uma música toca nos alto-falantes e eu não a reconheço de imediato, até ele estender a mão para mim, me convidando para dançar.

Então eu reconheço. É ela, a nossa música. Enquanto ele me conduz em seus braços no ritmo dela, sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto, pois só agora pude entender como aquela música foi feita para nós dois.

Eu danço com Vinícius ao som de Always, de Bon Jovi, e quando o refrão se aproxima ele encosta nossas testas e o canta para mim em um sussurro baixo.

E eu te amarei, querida, sempre

E estarei ao seu lado por toda a eternidade, sempre
Eu estarei lá até as estrelas deixarem de brilhar
Até os céus explodirem e as palavras não rimarem
E sei que quando eu morrer, você estará em meu pensamento
E eu te amarei, sempre...

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto ouço a música saindo de seus lábios e quando o refrão acaba, ele me puxa para mais perto dele e me abraça. Ficamos abraçados em silêncio até a música acabar, e então me separo dele e olho dentro de seus olhos azuis.

— Obrigada. — Digo, simplesmente. E não preciso dizer mais nada, pois ele sabe todo o significado dessa única palavra.

Ele sorri para mim, pega minha mão e beija.

— Tenho um presente para você.

— Jura? O que é?

— É surpresa, amor.

— E onde vou encontrá-lo? Como vou saber que é o seu presente?

— Ele terá asas.

— Asas?

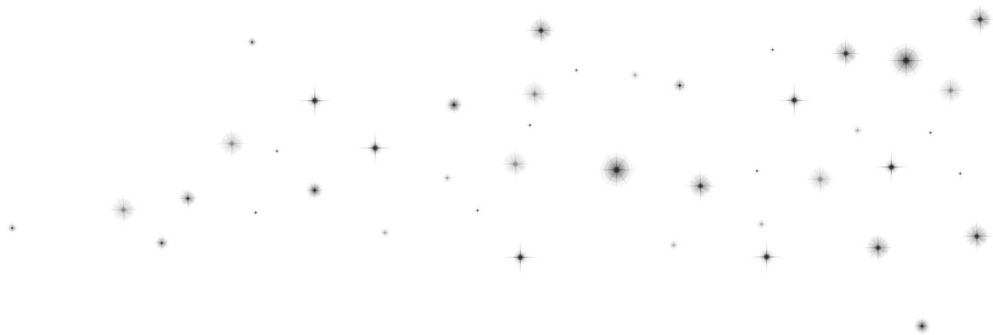
— Sim, meu amor, asas. E quando você o vir, vai reconhecer e saberá que é o meu presente para você.

Concordo, assentindo com a cabeça. Não consigo imaginar o que seja, mas vindo dele, sei que é uma coisa boa.

Outra música começa a tocar e ele me puxa mais uma vez para os seus braços. Continuamos abraçados enquanto as músicas tocam, e nos balançamos no ritmo delas.

Me lembro do meu último aniversário, que foi o primeiro sem ele, e como foi um dia doloroso para mim. Mas estar aqui com ele tornou tudo especial. Esse é o melhor presente que eu podia ganhar e talvez, afinal, esse dia não seja tão ruim assim.

Capítulo 11



Olho para o espelho incontáveis vezes enquanto espero a hora de descer. Para hoje eu escolhi um vestido curto de alças finas, estampado com flores, e sandálias rasteiras.

Apliquei uma maquiagem leve, apenas para destacar meus olhos claros, e optei por um batom rosa clarinho.

Meus cabelos loiros caem soltos e ondulados até a metade das costas. Sou uma garota comum, não tenho nada em especial que chame a atenção, mas gosto de como fico quando estou bem arrumada.

Estou muito ansiosa por esse luau. Confesso que no princípio tive relutância, mas foi impossível ir contra aquela dupla dinâmica. Sorrio ao me lembrar de como aqueles dois me irritaram durante a semana, pois sei que é a forma que eles têm de demonstrar que se importam comigo e sou muito grata por isso.

Mais cedo recebi uma ligação dos meus pais me parabenizando, e embora eu converse bastante com eles por telefone, sinto uma saudade enorme de estar com eles.

Receber a visita do Vinícius mais uma vez em meus sonhos logo no dia do meu aniversário também fez toda a diferença. Desde que comecei a encontrá-lo tem sido mais fácil conviver com a dor da sua ausência e sei que é exatamente isso o que ele quer de mim: que eu aprenda a viver com isso e simplesmente viva.

Ouçó o toque do meu celular e abro uma mensagem da Sam dizendo que já chegou. Pego minha bolsa e as minhas chaves e saio do apartamento em direção à praia.

Eles escolheram a Praia dos Namorados que é a mais próxima da minha

casa e a que eu mais gosto de ir. Embora tenha certo movimento, é bem afastada do centro da cidade, então foge do tumulto.

Ando pelos quarteirões do meu bairro e quando chego ao quiosque marcado por eles, vejo um grupo de pessoas sentadas reunidas em círculo tocando e cantando, e outras dispersas de pé.

Avisto Sam e Júlio de pé ao lado da roda conversando com a Carla e chego perto deles, cumprimentando.

— Oi, gente! — Digo e logo sou abraçada pelos três que me parabenizam pelo meu aniversário.

— Quantos anos já, Bia? Trinta? — Júlio zomba de mim e eu dou um soco fraco em seu ombro.

— Vinte e cinco, seu ridículo. Tenho idade para ser sua filha, inclusive.

Ele finge estar ofendido e bagunça meu cabelo, me tirando gargalhadas. Eu vejo pouco o marido da minha amiga, mas sempre que nos encontramos é assim, como se nos víssemos todos os dias. Sam e Júlio são a família que Deus me permitiu escolher.

Depois de conversar alguns minutos com os três, olho para os lados para procurar o Marcus e o encontro no balcão do quiosque. Peço licença aos meus amigos e ando em direção a ele.

— E aí, gatinho? — Chego por trás do Marcus o cumprimentando. Desde aquele dia que ele me contou que era gay, passamos a nos chamar assim, devido a liberdade que criamos entre nós.

— Ei, moça! Feliz aniversário!

Marcus me abraça apertado, me fazendo sorrir.

— Vai beber o quê, gatinha? Hoje é por minha conta. — Ele pisca para mim e sorri, mostrando aquelas covinhas lindas.

— Hmmm, acho que vou de *mojito* hoje.

— Boa garota! — Ele sinaliza para o balconista do quiosque, pedindo meu *mojito* e um chope para ele.

— Aqueles são os amigos do seu irmão? — Aponto para a roda que está tocando violão a alguns metros de nós.

— Sim, são eles mesmo. Ele também já deve estar chegando.

Assinto com a cabeça e então começo a reparar no meu amigo que está de frente para mim, encostado no balcão. Desde que cheguei, notei que tem algo diferente nele, mas não consegui perceber o que era. E então me vem um estalo.

Marcus está usando regata e seus braços torneados estão à amostra e por

mais que eu esteja acostumada a vê-lo apenas de uniforme, não é isso que está me incomodando. Seus braços estão lisos...

Coço a cabeça confusa. Onde foram parar as suas tatuagens?

— Marcus, você não tem... — Antes que eu complete minha frase, ele me interrompe.

— Bia, deixa eu te apresentar alguém. — Então eu me viro e quando eu vejo quem chega perto de nós, meu corpo congela.

— Gatinha, esse é o meu irmão, Lucas. — Eu olho para ele e meu queixo cai.

Ao lado do meu amigo tem um clone dele, de cabelos pouco mais compridos, e pela sua regata eu vejo que ele é o dono daquelas tatuagens. Eu fico paralisada na frente dos dois enquanto processo essa informação.

Não foi o Marcus que eu conheci há um mês na praia, foi o Lucas, seu irmão gêmeo. Gêmeo! Como eu nunca pensei nisso antes?

Os dois me observam enquanto eu me recomponho e antes que eu possa falar alguma coisa, Lucas intervém.

— Ei, você não é aquela garota que nós quase acertamos com a bola?

Eu balanço a cabeça, assentindo. Meu rosto queima e sinto que devo estar igual um pimentão, como o Marcus disse.

Marcus, Lucas... Meu Deus, que loucura!

— Vocês já se conhecem? — Marcus olha para o irmão e para mim, confuso.

— Eu a vi na praia há algumas semanas, mas não tivemos a chance de nos conhecermos. Muito prazer, Bia. — Ele estende a mão para mim e eu aperto, tímida.

— O-o prazer é meu... — Eu gaguejo, pois ainda estou em choque.

Olho do Marcus para o Lucas e noto as semelhanças e diferenças entre os dois. Lucas é uns poucos centímetros mais alto que o irmão, usa a barba mais cheia e tem o rosto mais fino. E as tatuagens... aquelas tatuagens lindas que compõem todo seu braço direito e deixam-no mais gato do que já é.

Fico alguns minutos em silêncio e percebo que os dois me olham curiosos, e quando meu choque passa, eu disparo a rir. Gargalho muito, a ponto de saírem lágrimas dos meus olhos, e os dois que antes pareciam confusos, se juntam a mim nas risadas.

Depois que minha risada cessa e recupero meu fôlego, olho para os dois.

— Não posso acreditar.

— No quê, Bia? — Marcus me pergunta, curioso.

— Esse tempo todo eu achei que era você. — Solto minhas palavras enquanto dou soquinhos no peito do meu amigo.

— O quê?

— Você. Ele. Pensei que eram uma pessoa só. Conheci seu irmão dois dias antes da minha entrevista na Okada e fiquei chateada porque você não me reconheceu. Mas era seu irmão gêmeo o tempo todo. Por que raios você nunca me disse que tinha um irmão gêmeo?

Quando Marcus entende minha confusão, é sua vez de cair na gargalhada.

— É tão comum para mim que nem me lembrei de te falar que ele era gêmeo.

— Você me disse que ele era mais velho que você. — Digo brava e só o faço rir ainda mais.

— Mas eu sou. Quinze minutos, mas sou. — Lucas responde, piscando para mim.

Reviro os olhos e os faço rir mais um pouco.

— Bom, agora que você já sabe que eu não sou esse chato aqui, deixa eu te parabenizar. Feliz aniversário, Bia.

Ele me puxa para um abraço e eu aceito, me aninhando nele e inspirando seu cheiro. Lucas tem um perfume amadeirado, suave e maravilhoso. Seus braços me envolvem de um jeito que me deixa muito a vontade, como se eu me encaixasse perfeitamente ali.

Percebo que ficamos tempo demais abraçados e me desvencilho dele, olhando em seus olhos. Seus olhos acinzentados são ainda mais vibrantes que os do Marcus e a forma como ele me olha me faz sentir um frio na barriga. Devo estar corando, pois sinto minhas bochechas pegarem fogo.

— Obrigada. — Respondo tímida, enquanto coloco minha franja atrás da orelha.

Pegamos nossas bebidas no balcão e caminhamos de volta para encontrar o pessoal. Todos já estão sentados na roda e Sam abre espaço para que eu possa me sentar ao seu lado.

Lucas e Marcus sentam do outro lado do círculo, ficando de frente para mim. Bebo meu drinque de cabeça baixa, mas sempre que ergo o olhar, vejo Lucas me encarando e às vezes sorrindo para mim, me mostrando aquelas covinhas lindas.

Eu retribuo o sorriso com timidez e Sam, que tem um excelente radar, capta meu constrangimento.

— Não sabia que o Marcus tinha um irmão gêmeo ainda mais gato que ele.

— Nem eu, Sam. Nunca nem me passou pela cabeça e você não imagina a minha reação ao ver os dois juntos.

— Por quê?

— Porque naquele dia na praia não era o Marcus, nunca foi ele. Era o Lucas.

Sam começa a engasgar e segura uma risada.

— É, eu sei. Aí você pensa na cara que eu fiz quando o vi.

— Nossa, amiga. Queria estar lá para ter visto isso. Mas vamos pensar pelo lado bom, pelo menos o Lucas é muito mais gato e não trabalha com você.

— E...?

— E acho que você deveria aproveitar a chance e conhecê-lo melhor, já que ele não tira os olhos de você.

Eu ergo os olhos e vejo que realmente ele continua olhando para mim, me fazendo corar mais uma vez.

— Não sei não...

— Ah, Bia, pode ir largando essa sua paranoia. Conhecer não quer dizer que você vai se casar com ele. Pode ser que não dê em nada, mas não perca uma oportunidade dessas, amiga.

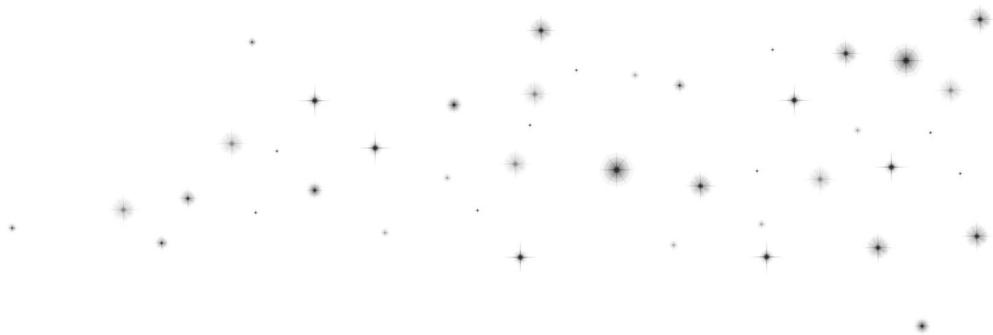
Eu fico um minuto em silêncio, ponderando o conselho da minha amiga, quando ela chega perto de mim e sussurra no meu ouvido.

— Lembra do que o Vinícius te disse.

Ela aperta a minha mão e eu entendo. O meu anjo me disse que eu precisava conhecer pessoas novas e me apaixonar de novo, precisava viver. Talvez seja esse empurrãozinho que eu estava precisando.

Ergo meu olhar e encontro o do Lucas mais uma vez, e dessa vez eu não desvio. Ficamos nos encarando por um tempo que parece uma eternidade e então eu sorrio. Não um sorriso tímido, como os primeiros que dei, mas aquele sorriso maior, que guardo apenas àqueles que realmente merecem. Aquele sorriso que diz: tudo bem.

Capítulo 12



Passamos o resto da noite cantando, rindo e jogando conversa fora. Nem me lembro da última vez em que me diverti tanto. Depois de certa hora, Marcus e Samanta apareceram com um bolo coberto de velas e toda a roda cantou parabéns para mim. Juro que tive vontade de morrer de tanta vergonha, mas no fim das contas, foi divertido passar a noite com todos eles.

Aos poucos as pessoas foram embora e fui me despedindo de todos. Sam se ofereceu para me levar em casa, mas eu recusei, pois queria ficar um pouco sozinha curtindo a praia.

Ando alguns metros até ficar bem próxima da margem e me sento na areia para olhar o mar. Permaneço por um longo tempo sozinha, absorta em meus pensamentos, apenas ouvindo o som das ondas, quando sinto um perfume familiar se aproximar de mim.

Nem preciso me virar para saber que Lucas está sentado ao meu lado, olhando para o mar da mesma forma que eu. A brisa chega e balança nossos cabelos, fazendo com que seu perfume amadeirado preencha todo o ambiente.

Me viro para olhá-lo e vejo que ele está de joelhos dobrados, com seus braços torneados abraçando-os. Fito-o por um tempo de perfil e vejo o quanto ele é lindo.

Enquanto ele permanece olhando para o mar, aproveito a deixa para reparar nas suas tatuagens. No ombro ele tem uma que não consigo identificar, mas que parecem penas. Descendo vejo que tem uma maori, que se mistura com uma águia, um leão e uma bússola, chegando ao pulso. Os desenhos são todos em preto e se misturam de forma que não consigo identificar onde começam e terminam, mas juntos são perfeitos. Tenho vontade de tocá-las, de tão maravilhada que estou, mas sei que ainda não é o momento.

Viro meu rosto para frente novamente e permanecemos mais um tempo

em silêncio, apenas aproveitando a companhia um do outro.

— Você vem sempre aqui? — Lucas quebra o silêncio e se vira para me olhar, mas antes que eu possa responder, ele completa: — Ficou parecendo uma cantada barata, né? — Ele dá uma risada contida e me mostra aquelas covinhas lindas.

— Um pouco. — Eu rio também, entrando em sua brincadeira.

— Mas sério, te vi aquele dia sozinha na praia e agora de novo. Pelo jeito gosta de olhar o mar, né?

— Sim, me traz uma paz fora do comum. Gosto de vir aqui para pensar um pouco, me faz bem.

Deito minha cabeça sobre meus joelhos para olhá-lo melhor.

— E algo te preocupa, Bia? Aquele dia você parecia distante.

Fecho os olhos e penso se é um bom momento para me abrir com ele, mas eu ainda não me sinto segura para isso.

— É... complicado. — Digo apenas, e desvio meu olhar do dele.

— Entendo... — Ele diz simplesmente e logo o silêncio paira novamente entre nós.

Vejo que ele tentou iniciar uma conversa comigo por querer me conhecer melhor e eu me fechei. Preciso reverter isso.

— E você? Costuma vir muito aqui jogar bola?

Ele percebe meu interesse e sorri para mim antes de responder.

— Geralmente um sábado ao mês, quando o tempo está bom.

— Ah, bacana.

— Você mora aqui perto? Vi que aquele dia você foi embora andando.

— Sim, moro no bairro mesmo. Há alguns quarteirões daqui, bem perto.

— Eu fiquei esperando você voltar, sabia?

Sinto uma pontada de culpa por ter deixado o Lucas me esperando, pois, embora eu desconfiasse disso, não imaginei que ele fosse mesmo fazê-lo.

— Me desculpa, Lucas. Eu realmente não estava bem.

— Tudo bem, eu entendo.

— Mas adorei ter te reencontrado hoje. — Solto, e antes que possa perceber, já estou corando.

Ele sorri para mim e balança a cabeça, assentindo.

— Então você é a nova colega de trabalho do Marcus, certo? Está gostando do emprego?

— Bastante! Eu precisava encontrar um trabalho na minha área e estava muito frustrada por não conseguir.

— Que bom, Bia. Fico feliz por você.

— E você, Lucas? Trabalha com o quê?

— Sou programador, trabalho em uma empresa de T.I.

— Uau... Sempre achei que fosse um trabalho bem difícil.

— E todos os trabalhos não são? Eu gosto do que faço, então fica mais fácil.

— Isso é verdade. E quantos anos você tem?

Está parecendo um interrogatório, eu sei. Mas estou tão curiosa para saber mais sobre ele.

— Vinte e oito. Você fez vinte e cinco, certo?

Assinto balançando a cabeça.

— E você gostou do luau? Marcus me disse que você não queria uma festa.

— Não mesmo! Ano passado meu aniversário foi horrível, mas ele e a Sam foram irredutíveis, então tive que concordar. Mas no final valeu a pena. Gostei bastante dessa noite.

— Fico feliz que tenha gostado. E o que houve de tão ruim no seu aniversário passado para que você não quisesse comemorar esse de jeito nenhum?

Sua intenção é das melhores, eu sei. Mas sem querer ele coloca o dedo na minha ferida, e ainda é doloroso demais. Acontece que eu não quero mentir para ele, não entendo a razão, mas sinto uma necessidade imensa de ser sincera com o Lucas.

— É só que... foi em um momento difícil. — Ele olha dentro dos meus olhos em silêncio, esperando que eu continue. — Eu havia perdido meu namorado há um mês, então foi doloroso demais para mim.

— Poxa, sinto muito Bia, de verdade. Nem imagino o que você enfrentou.

— Pois é... — Abaixo o olhar e solto meus joelhos, colocando os braços ao lado do meu corpo.

— E sua tristeza aquele dia tinha a ver com isso?

— Sim, estava fazendo um ano...

— Sinto muito, Bia. Você não merecia passar por isso.

— Obrigada, Lucas. Está tudo bem, tenho conseguido caminhar aos poucos. Tem dias que não tenho vontade nem de levantar da cama, sabe? De tanto que a saudade dói. Mas me obrigo a levantar, pois preciso me manter de pé. Sei que ele não ia querer me ver assim.

— Com certeza não, ele deve sofrer tanto quanto você por te ver assim.

— Eu sei, obrigada por entender.

Sorrio para ele e vejo em seus olhos o quanto ele está sendo verdadeiro comigo e isso me conforta. O pouco que conheci dele já me fez perceber que Lucas é diferente de tudo que já vi.

— Sempre, linda. — Ele pisca para mim e sinto meu rosto corar.

— E como é ter um irmão gêmeo? — Pergunto para mudar de assunto.

— Um mala como o Marcus? Um porre! — Ele solta uma risada e eu sorrio.

— Não fale assim dele, Lucas. Eu adoro seu irmão!

— Eu sei, ele é o cara mesmo. Quando não estamos implicando com o outro, somos muito amigos.

— Ah, que máximo. Queria saber como é ter um irmão.

— Não tem nenhum, Bia?

Balanço a cabeça em negativa.

— Mora só com seus pais então?

— Na verdade eu moro sozinha.

— Sério? — Ele arqueia uma sobrancelha e faz uma expressão um tanto fofa.

— Sim, meus pais são separados e moram em cidades diferentes. Vim para Monte Castelo para estudar e me estabeleci por aqui.

— Não quis dividir o apartamento com ninguém?

— Quando me mudei, morei com algumas pessoas sim. Mas quando consegui um emprego e vi que conseguia me manter sozinha, acabei saindo. Queria ter mais privacidade, sabe?

— Poxa, deve ser bem maneiro morar sozinho.

— É e não é. A liberdade é ótima, mas é um tanto solitário também.

— Ah, imagino. Nunca morei sozinho então não faço ideia de como deve ser.

— Vocês moram com seus pais?

— Sim, desde sempre. Sei que estou um pouco velho para isso, mas

gosto muito de lá.

— Velho? Deixa de ser ridículo, Lucas. Até parece... Se eu pudesse ainda moraria com os meus.

Ele ri da minha brincadeira e eu percebo como tudo é tão natural e espontâneo entre nós.

Tiro o celular na minha bolsa para conferir as horas e vejo que está ficando tarde.

— Lucas, nossa conversa está ótima, mas preciso ir para casa, está ficando tarde.

— Claro, Bia. Eu te levo lá.

— Não precisa, eu gosto de ir andando, sério mesmo.

— Então posso ir com você?

Como se recusa um pedido desses munido de duas covinhas?

— Claro.

Ele se levanta prontamente e estende seu braço direito para me levantar. Eu aperto sua mão aceitando sua ajuda e o calor que sinto no contato de nossas mãos me faz sentir novamente aquele frio na barriga.

Andamos em silêncio pela areia até chegar ao calçadão e ele me dá a mão novamente para me ajudar a subir na calçada. Sinto uma pontada de decepção toda vez que ele solta minha mão, pois queria prolongar esse contato.

Caminhamos lado a lado pelas ruas do meu bairro, e quando me dou conta, estou na porta do meu prédio.

— Então, chegamos... — Aponto para o prédio e Lucas o olha, assentindo com a cabeça. — Obrigada pela companhia, Lucas.

— Não há de quê, Bia. Foi um prazer para mim.

Começo a subir e descer as mãos pela alça da minha bolsa, um pouco apreensiva.

— Vamos nos ver de novo? — Ele pergunta enquanto tira as mãos do bolso da bermuda.

— Claro, estou sempre por aqui. — Tento dar um sorriso, disfarçando meu nervosismo.

Ele sorri e se aproxima de mim, dando um beijo na minha testa, fazendo meu corpo inteiro derreter.

— Boa noite, Bia.

— Boa noite, Lucas. — Sorrio para ele antes de me virar para entrar no

meu prédio.

Depois que passo pela porta principal, vejo que ele abaixa a cabeça e se vira para sair.

Respiro fundo e subo para o meu andar. Quando entro no meu apartamento, faço um resumo mental do meu dia e vejo como foi maravilhoso.

Tomo um banho quente e demorado e visto meu pijama para dormir. Quando estou prestes a pegar no sono, ouço o toque da notificação de mensagem do meu celular.

“Obrigado pela noite perfeita, linda. Espero que tenha bons sonhos. Um beijo, Lucas.”

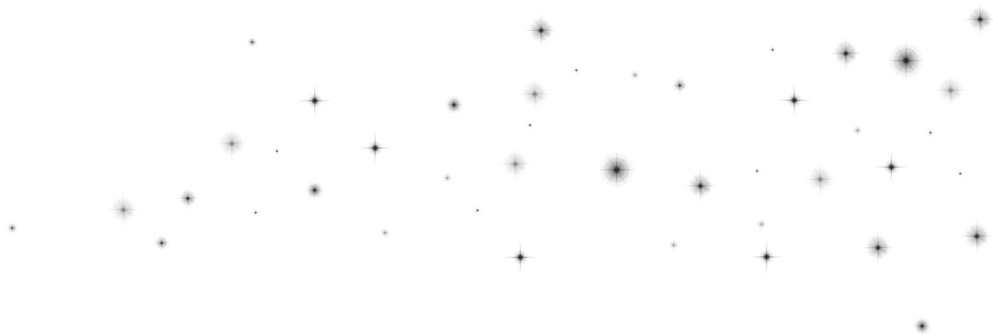
Leio a mensagem mais de cinco vezes e sorrio em todas elas. Ainda estou pensando no que dizer, quando começo digitar a resposta.

“Que bom que chegou bem em casa. Boa noite, Lucas. (Emoticon de beijo)”

Se ele me mandou mensagem é porque chegou em casa e pediu meu telefone ao Marcus. Sinto uma pontada de felicidade por ele se preocupar comigo e isso me faz sorrir.

É com esse sorriso que fecho os meus olhos e durmo.

Capítulo 13



— *Fala, gatinha! Tudo bem?* — Atendo a ligação do Marcus já apertando os olhos para abri-los. Por que ele me ligaria tão cedo em pleno sábado?

— Ei, Marcus! Não é possível que já esteja com saudades de mim, você me viu ontem!

— *Rá, rá. Está se achando muito hein, Bia?*

— A que devo sua ilustre ligação em pleno sábado de manhã, Sr. Marcus Freire? Você não dorme até mais tarde nem aos sábados?

— *Dormir para quê, Bia? Acordei cedo para correr e você deveria fazer o mesmo.*

— Definitivamente você não sabe viver. Sério! Mas então me diga, o que você manda?

— *Então, gatinha. Hoje vai ter noite de pôquer aqui em casa e lembro que você comentou comigo que fazia muito tempo que não jogava. Bora?*

Me remexo sentando na cama. Nunca recebi um convite desses antes, então fico um pouco apreensiva.

— Hmmm, e quem mais deve ir, Marcus?

— *Acho que uns dois amigos nossos.*

— Hmmm...

Continuo pensativa, ainda não sei se devo ir. A verdade é que estou morrendo de vergonha de ir a casa deles e, principalmente, conhecer seus pais.

— *E então, você vem ou não?*

— Ah, não sei não... Só vai ter homem aí.

— *Ah, deixa de ser fresca, Bia. Você é de casa, nem vem. Se você não*

gostar, te levo pra casa mais cedo.

— Ok, seu chato. Tudo bem, eu vou.

— *Ótimo. O Lucas vai te pegar aí as sete, ok?*

— O-o Lucas? — Não vou negar que quero muito vê-lo de novo, mas só de pensar nisso já sinto um frio na barriga.

— *É, gatinha. Ele vai te pegar. Tudo bem?*

— Ok, estarei pronta.

— *Beleza, Bia. Até mais tarde.*

— Tchau, gatinho.

Desligo o celular e fico um tempo de olhos fechados pensando. Como minha vida deu essas reviravoltas em tão pouco tempo? Há alguns meses eu ainda estava estagnada, sem conseguir andar para rumo algum. Hoje tenho um bom emprego, fiz novas amizades e conheci um cara legal. Não sei onde vai dar essa minha história com o Lucas, mas estou disposta a pagar para ver.

*****★*****

O relógio marca sete horas e estou terminando de retocar meu batom. Aproveitei que o clima está favorável e escolhi um short jeans e uma bata branca para vestir, junto com minhas sandálias rasteiras.

Não vou mentir que estou ansiosa desde que recebi a ligação do Marcus. Olho o relógio mais uma vez e vejo que o Lucas já deve estar chegando. E falando nele...

“Cheguei ;)”

Pego minha bolsa e as chaves e tranco o apartamento para descer. Quando chego à porta do prédio, vejo um Lucas ainda mais gato que ontem, encostado em seu carro.

Ele usa uma camisa gola polo grafite, dando um destaque ainda maior aos seus olhos, bermuda jeans e chinelos. Seus cabelos estão molhados e meio bagunçados, deixando-o ainda mais charmoso. Não sei como esse cara consegue ficar ainda mais lindo toda vez que o vejo.

Chego até ele e sorrio.

— Ei, Lucas.

Ele se aproxima e dá um beijo demorado no meu rosto, fazendo meu corpo se acender.

— Ei, Bia. Tudo bem, linda?

Ele abre a porta do carona para que eu entre e acho sua atitude um tanto fofa.

Entro no carro e coloco o cinto, esperando que ele entre também.

— Tudo ótimo e você?

— Bem melhor agora. — Ele pisca para mim e dá partida no carro.

O bairro onde eles moram fica a cerca de dez minutos do meu e fico feliz em passar esse tempo com ele.

— Vamos ver o que você estava ouvindo antes de eu entrar. — Digo enquanto ligo o som de seu carro.

Aerosmith começa a tocar nas caixas de som e eu sorrio.

— Aerosmith? Nada mal...

— Você gosta, Bia?

— Bastante.

Aumento o volume do som quando começa a tocar *Dream On* e me balanço no ritmo da música. Lucas ri de mim e eu dou um soco fraco em seu braço, como protesto. Começo a cantar junto com a música e vejo em seu sorriso que ele sente um misto de graça e encantamento.

Quando chega ao refrão, canto mais alto e o cutuco para cantar junto comigo e ele logo me acompanha.

Nós cortamos as ruas da cidade cantando e nos balançando no ritmo da música e vira e mexe soltamos umas gargalhadas. Pela expressão que vejo no rosto do Lucas, ele parece nunca ter feito isso antes e está se divertindo tanto quanto eu.

A música acaba e antes que outra comece, eu abaixo o volume.

Nós ficamos um momento em silêncio e de canto de olho percebo que o Lucas divide seu olhar entre o trânsito e eu.

— Então quer dizer que além de curtir Aerosmith, você é jogadora de pôquer?

Balanço a cabeça assentindo e tiro um sorriso dele.

— Onde você estava esse tempo todo, mulher?

Ele brinca comigo e eu sinto meu rosto corar.

— Mas faz tanto tempo que não jogo, que devo estar bastante enferrujada. — Mudo o rumo da conversa para disfarçar meu constrangimento.

— Uma vez que aprende, não esquece mais.

— Ah, não sei... Não vale me deixar ganhar por dó, hein? — Eu o cutuco mais uma vez, tirando-lhe uma gargalhada.

— Até parece! Terei o maior prazer em derrotá-la em todas as partidas. — Ele pisca para mim e dá um sorriso de canto perfeito.

— Não conte muito com isso, meu caro. — Arqueio uma sobrancelha dando um ar desafiador e ele ri.

— Veremos.

Ele para o carro na porta de uma casa de portão azul e o desliga.

— Chegamos, Bia.

Ele tira o cinto e abre a porta para sair, e enquanto estou tirando o meu, ele aparece para abrir a porta para mim. Já disse o quanto ele é fofo?

Desço do carro e olho para a casa à minha frente com um pouco de apreensão. Estou bem nervosa para conhecer seus amigos e principalmente seus pais. Antes que eu possa dizer alguma coisa, Lucas percebe minha hesitação.

— O que foi, linda? — Sinto um bater de asas no estômago toda vez que ele me chama assim.

— Nada, só estou um pouco nervosa.

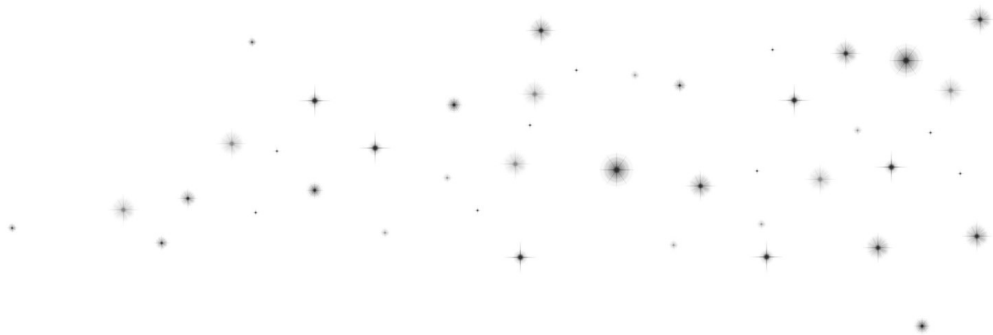
— Com o quê?

— Ah, não sei... conhecer seus amigos, seus pais...

— Não se preocupe, Bia. Eles vão adorar você, tenho certeza disso. — Ele se aproxima e me dá um beijo na testa como forma de carinho, e eu me derreto com esse gesto.

— Vamos lá? — Assinto enquanto ele abre a porta e me conduz para dentro da sua casa. Respiro fundo e passo pela porta torcendo para que nada dê errado essa noite.

Capítulo 14



— Então você é a famosa Bia, amiga dos meus meninos? — Uma mulher linda na casa dos cinquenta anos, de estatura média, cabelos e olhos castanhos escuros, me puxa para um abraço assim que eu entro na cozinha da casa deles.

— Mãe... — Lucas lança um olhar bravo a repreendendo, e eu acho graça da sua expressão.

— Me desculpe, Bia. Deixa eu me apresentar direito. Muito prazer, me chamo Elisa. — Ela estende a mão para mim, que aperto sorrindo.

— O prazer é todo meu, Elisa. Precisa de ajuda?

— Não, querida. Já está tudo pronto, vamos lá fora para você derrotar esses meninos.

Ela me lança um sorriso cúmplice, o que me faz rir. Toda aquela tensão que eu estava sentindo antes de chegar aqui se dissipou no momento em que conheci a mãe deles, pois ela é um amor.

Lucas e Elisa me conduzem pela casa até a área dos fundos e eu fico impressionada com a beleza do lugar. Vejo dois rapazes junto com o Marcus e um cara mais velho que deduzo ser o pai deles em uma área coberta com churrasqueira e um balcão de bar. Uma mesa grande está forrada com um tecido verde e as cartas de baralho e fichas de pôquer estão dispostas em cima.

Ao lado desse ambiente, vejo uma piscina enorme cercada por um jardim perfeitamente cuidado. Sem dúvidas eu diria que essa é a casa dos sonhos.

— Ei, gatinha! — Marcus me puxa para um abraço assim que me aproximo deles. — Que bom que você veio. — Ele me lança um sorriso sincero fazendo com que eu me sinta muito bem por estar aqui.

— Ei, Marcus. Obrigada pelo convite. — Pisco para ele e me viro para cumprimentar os outros rapazes.

— Bia, esse é meu pai, Marcelo. — Lucas apresenta seu pai para mim e agora que estou mais próxima posso ver como eles são parecidos. Marcelo é um coroa bem arrumado, com os cabelos lisos cortados mais curtos, onde posso ver alguns fios de cabelo branco. Os olhos são da mesma cor dos meninos e as feições do rosto também.

— Muito prazer, Marcelo. Agora já sei como os meninos vão ficar daqui a alguns anos. — Sorrio para ele enquanto estendo minha mão, que ele logo aperta dando uma gargalhada.

— Bobagem! Eles vão ficar mais feios e gordos, aposto!

— Rá! Duvido “Seu” Marcelo. — Marcus brinca com o pai em tom de deboche.

— Mas o prazer é todo meu, Bia. Finalmente os garotos trouxeram uma mulher para nossas rodadas de pôquer, sempre são os mesmos cuecas por aqui.

— E falando em cuecas, deixa eu te apresentar o Digão e o Cadu.

Lucas me apresenta seus dois amigos que me cumprimentam de forma muito calorosa. Realmente toda aquela tensão havia se dissipado, tanto os pais quanto os amigos deles são incríveis.

Carlos Eduardo, o Cadu, é um pouco mais baixo do que os outros rapazes, tem os cabelos loiros e olhos castanhos, e sua armação de óculos quadrada dá a ele um ar de nerd, o tornando um gato. Rodrigo, o Digão, é o mais alto de todos e faz jus ao apelido. Com quase dois metros de altura e a pele bronzeada de sol, ele tem um sorriso que faria qualquer mulher ir à loucura. Ele tem os cabelos e olhos escuros, que se destacam com seus braços tatuados. Ele é o típico cara com porte intimidador, mas que quando você conhece, percebe que é um moleque, de tão bobo.

Conversamos por alguns minutos antes de decidirmos começar a jogar. Todos estão procurando me deixar muito confortável e o Lucas permanece ao meu lado o tempo todo, como se para se assegurar de que estou mesmo à vontade em sua casa.

— Quer beber alguma coisa, Bia? Vou buscar cerveja pra gente, mas você pode pedir o que quiser.

— Pode ser um suco.

Lucas sai de perto de mim e volta minutos depois com as bebidas. Ele me olha sorrindo e devo confessar que estou me acostumando muito fácil com isso.

— Trouxe de abacaxi com hortelã, você gosta?

— É perfeito, Lucas. Obrigada. — Digo enquanto dou um beijo em seu

rosto, tirando um sorriso enorme dali.

— Então, vamos lá, galera? Hoje a noite vai ser longa! — Digão esfrega as mãos, fazendo um gesto dramático e puxa a cadeira para se sentar à mesa.

Todos nos sentamos e eu fico de frente para o Lucas, que me lança um olhar desafiador.

— E o que vamos apostar?

— Sério, gatinha? Quer fazer alguma aposta de verdade? — Marcus me pergunta com uma expressão um tanto curiosa.

— Ah, vocês só brincam com as fichinhas? Que bando de fracos! — Eu reviro os olhos os provocando e tiro uma boa gargalhada da mesa.

— A não ser que você tope um strip pôquer.

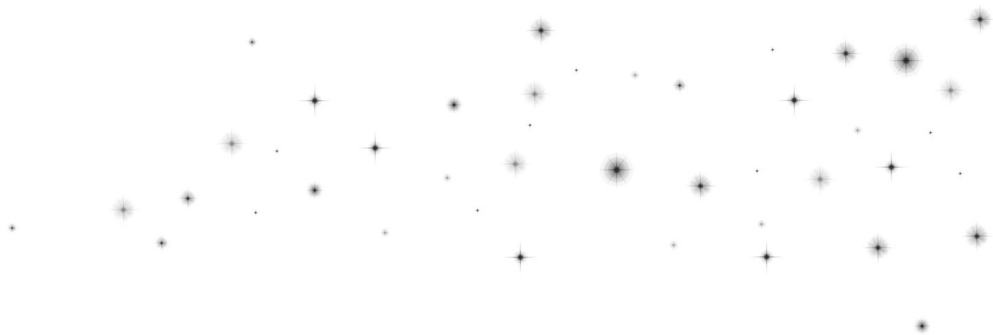
— Porra, Digão! — Lucas lança um olhar duro para seu amigo e sua atitude só faz meu peito se aquecer.

— Eu só não entro nessa, meu amigo, por que vocês todos vão terminar de cueca e não vão conseguir tirar nem um brinco meu. — Devolvo a provocação e o Lucas sorri relaxado para mim.

— Vamos ver se você é boa mesmo, loirinha. — Digão pisca para mim e eu devolvo o olhar desafiador.

Marcelo se junta a nós e embaralha as cartas, distribuindo-as para cada um de nós. Pego as minhas e quando as levanto para vê-las, sorrio por dentro ao ver um par de ases: essa noite realmente vai ser longa.

Capítulo 15



Observo todos atentamente fazendo suas apostas iniciais e quando chega a minha vez coloco metade das minhas fichas, fazendo com que todos me olhem espantados.

— Começou confiante, hein? Gostei disso. — Ironiza Digão, cobrindo minha aposta.

Logo todos fazem o mesmo e eu fico me segurando para não rir, pois, pelo visto, eles estão achando que estou blefando.

Quando todos cobrem minha aposta, Marcelo abre as três primeiras cartas da mesa. Quase tenho um infarto quando o vejo virando um ás, um rei e um dois. Puta merda! De cara já tenho uma trinca de ases.

Tento manter o controle e a pose séria, para não entregar o jogo. Olho para todos os meus adversários que parecem estar tão concentrados quanto eu. Não consigo ver nada em suas expressões, com exceção do Digão que está me dando um sorriso malicioso. Coitado, não sabe o que lhe aguarda.

Olho para o Lucas que não tira os olhos de mim desde a hora em que nos sentamos à mesa e abro um sorriso para ele, que pisca para mim sorrindo.

Desde que o jogo começou, reparei que Cadu e Marcus se lançam olhares que me dizem que tem coisa aí nessa história. Não vou demorar a pressionar meu amigo para me contar tudo.

Volto minha atenção para o jogo e espero chegar a minha vez. Digão aumenta sua aposta achando que vai me fazer amarelar, mas eu a cubro e lanço um olhar desafiador para ele, como quem diz: “aqui não”.

Todos continuam no jogo e então Marcelo vira mais uma carta: um cinco. Não me ajuda em nada, mas também não me prejudica. Olho para os rapazes e vejo que todos estão passando a aposta e faço o mesmo.

Eu continuo em vantagem, mas estou com esperança de a última carta ser decisiva e quando Marcelo abre a última carta na mesa eu quase infarto de verdade: um rei.

Meu coração dispara e minha respiração pesa. Puta merda, *full house*! É hoje que eu derrubo esse bando de marmanjos. Olho mais uma vez para meus oponentes, avaliando um a um. Lucas coça a cabeça confuso, acho que o jogo dele não está dos melhores. Cadu e Marcus continuam quietos, inexpressivos.

E o Digão? Ah, esse está sorrindo feito criança quando ganha um pirulito, mal sabendo que vou acabar com a diversão dele em poucos minutos. Acho bem improvável que o jogo dele esteja melhor do que o meu e vou apostar todas as minhas fichas nisso, literalmente.

Digão dobra a sua aposta e me lança aquele sorriso malicioso mais uma vez e eu estou me segurando muito para não rir da sua cara. Lucas, Cadu e Marcus saem do jogo, confirmando minha suspeita de que estavam com jogo ruim.

Digão olha para mim mais uma vez e seu sorriso se alarga.

— Somos só eu e você agora, loirinha. Vai “arregar”?

— Jamais, meu amigo! — Digo enquanto junto todas as minhas fichas e as empurro para o centro da mesa.

— *All in*? Gananciosa, hein? — Ele ergue uma sobrancelha como se não acreditasse no que acabei de fazer.

— Vai “arregar” agora, Digão? — Devolvo o sorriso de malícia e tiro uma risada dele.

— Jamais, querida. Uma pena que você vá perder todas as suas preciosas fichas. — Ele diz enquanto empurra as suas fichas para o centro da mesa, repetindo meu movimento.

— Então, vamos lá. Abram suas cartas, jogadores. — Marcelo diz em tom formal e todos estão dividindo olhares entre eu e Digão. Até Elisa se juntou a nós e está olhando para mim cheia de expectativas.

— Primeiro as damas. — Digão gesticula a mão para mim imitando um cavalheiro e eu começo a rir.

— Obrigada, cavalheiro. — Respondo enquanto coloco meu par de ases na mesa, completando o *full house*.

— Porra, gatinha! *Full house*? — Marcus dá um grito e todo mundo arregala os olhos e eu dispero a rir.

— E então, Digão, abra suas cartinhas. — Provoco, e ele começa a bufar, indignado.

Ele abre suas cartas e nos mostra um rei e uma dama.

— É Digão... Se deu mal, hein? — Lucas ri do amigo e dá um soco fraco em seu braço, tirando uma risada de todos nós.

— Porra, Lucas! Como eu iria correr com uma trinca de reis? Está de brincadeira, né? Deu sorte hein, loirinha? Vamos ver se nas próximas você se dá tão bem.

— Isso aí, Bia! Mostre a esses marmanjos quem é que manda aqui! — Elisa bate a mão na minha me tirando uma risada.

— Eles não sabem com quem estão mexendo.

Prendo meus cabelos em um rabo de cavalo e me preparo para a próxima rodada. Lucas me olha orgulhoso e ao contrário do seu amigo, sei que está feliz por eu ter ganhado.

Continuamos a jogar e depois de várias rodadas, encerramos nossa noite. Por mais que Digão tenha ganhado algumas rodadas, no final eu saí com o melhor saldo e fui a vencedora do dia, a contra gosto dos rapazes. Elisa ficou muito eufórica e me disse para voltar sempre para derrotá-los.

O jogo acabou, mas continuamos a jogar conversa fora e em pouco tempo pude perceber como todos são legais e me senti feliz em fazer parte dessa turma.

Lucas se afasta de nós para ir ao banheiro e eu aproveito a deixa para caminhar pela área da piscina. De perto é ainda mais bonita e eu fico encantada com o lugar. Me sento em uma espreguiçadeira na beirada da piscina e olho ao meu redor; é tudo tão lindo. Fico me perguntando como deve ser morar em uma casa tão aconchegante e com uma família tão boa. Meus amigos têm muita sorte.

— Um milhão pelos seus pensamentos. — Lucas chega perto de mim e se senta na espreguiçadeira ao meu lado. Seu perfume amadeirado preenche todo o ambiente e eu noto o quanto adoro seu aroma.

— Estou valendo tanto assim? — Brinco com ele enquanto passo as mãos pelos meus cabelos.

— Aposto que vale mais. — Ele me lança um sorriso de canto que mostra aquelas covinhas, me fazendo corar.

— Estava vendo como sua casa é linda. E essa piscina maravilhosa?

— Linda, né? Gosto muito de ficar aqui.

— Nossa, deve ser ótimo ter uma piscina dessa só para você.

— É muito bom mesmo! Próximo dia que tiver um sol bom, te chamo para nadar comigo.

— Eu vou adorar. — Respondo já corando, me perguntando onde foi parar

aquela Beatriz tímida, porque certamente essa não sou eu. Sinto como se eu fosse uma pessoa diferente quando estou ao lado dele, me sinto mais segura, o que é bem novo para mim.

— Qual é a do Marcus e o Cadu? — Pergunto a ele mudando um pouco de assunto.

— Ah, você também percebeu?

— Eles trocaram olhares durante todo o jogo e eu senti como se tivesse alguma coisa ali.

— E de fato tem. Eles são apaixonados um pelo outro.

— E por que não ficam juntos?

— Ali é complicado, Bia. Quando tiver oportunidade, converse com meu irmão sobre isso. A questão é que a família do Cadu não sabe que ele é gay e o Marcus não aceita manter um relacionamento escondido. Então eles ficam nessa. Se gostam, mas não se resolvem.

— Poxa, sério? Que chato... E como vocês reagiram quando o Marcus contou que era gay?

— Bem, foi um choque, não vou negar. Ninguém esperava porque ele nunca deu indícios. Marcus sempre foi um cara na dele, mais reservado. Mas depois tudo fez sentido porque eu realmente nunca o vi com nenhuma garota e achava que era só timidez. Meus pais ficaram um pouco sem reação, mas logo o apoiaram. Nós amamos o Marcus do jeito que ele é, e o fato dele ser gay ou hétero não muda nada.

— Poxa, que bacana Lucas. Deu para eu perceber mesmo como vocês são incríveis.

Ele sorri para mim e balança a cabeça assentindo e logo o silêncio paira sobre nós.

Ficamos um tempo assim, apenas desfrutando da companhia um do outro, quando percebo que já está ficando tarde.

— Lucas, você me leva pra casa? Já está ficando tarde... — Eu quebro o silêncio e ele logo se levanta, estendendo a mão para mim.

— Claro, linda. — Eu aceito sua mão e me levanto e, para a minha surpresa e felicidade, ele não me solta quando fico de pé.

Caminhamos de mãos dadas pela área da piscina, e o calor que sua mão traz para a minha me faz sentir calafrios.

Quando chegamos perto do pessoal eu me solto de sua mão para me despedir de todos, e é notório que ele sente o mesmo desconforto que eu quando

nos separamos.

Lucas me conduz da casa até o carro, e durante esse trajeto ele não pega a minha mão de novo, o que me dá uma sensação estranha.

Fazemos todo o trajeto em silêncio, apenas ouvindo a respiração do outro. Eu mantenho meus pensamentos longe, lembrando de tudo que aconteceu hoje, e se devo ou não seguir em frente com o Lucas e ver onde essa história vai dar.

Depois de alguns minutos ele para em frente ao meu prédio e eu tiro o cinto de segurança, me virando para olhar para ele.

— Obrigada pela noite, Lucas, foi incrível.

Ele me dá aquele sorriso genuíno, mostrando suas covinhas que me fazem derreter.

— Eu quem agradeço, Bia. Já vi que quando eu quiser ganhar no pôquer, não vou chamar você.

Eu rio dessa reação e o jeito que ele me olha me faz enrubescer.

O silêncio constrangedor volta e eu fico sem saber o que dizer, então mesmo contra a minha vontade eu vejo que preciso me despedir.

— Boa noite, Lucas. Obrigada pela carona.

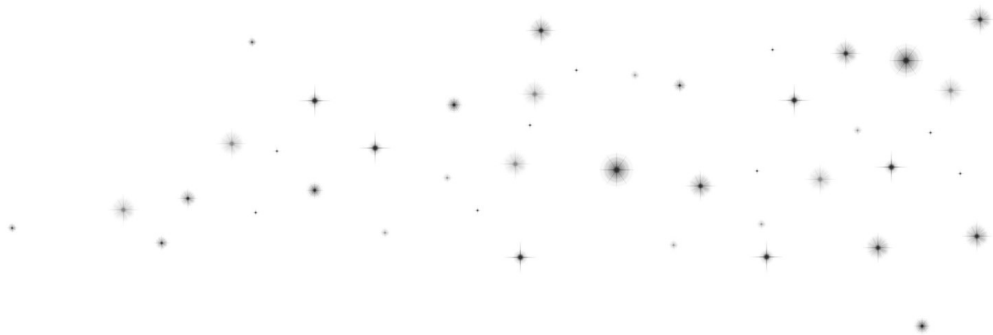
Ele se aproxima de mim e me dá um beijo estalado no rosto, fazendo minhas bochechas pegarem fogo.

— Boa noite, linda. Bons sonhos.

Eu sorrio para ele e abro a porta do carro para descer. Enquanto atravesso a porta de vidro do meu prédio, ouço o barulho do seu carro se afastando e indo embora.

Respiro fundo e caminho em direção ao meu apartamento. O Lucas é um cara incrível e tem me feito um bem que há muito ninguém faz. Sei que nossa história não vai parar por aqui, pois sinto que ainda vem muito pela frente, e eu só espero estar fazendo a coisa certa.

Capítulo 16



Já se passou pouco mais de uma semana desde a partida de pôquer e eu ainda não vi o Lucas depois disso. Trocamos algumas mensagens por esses dias, mas não nos encontramos de novo.

No trabalho também tem sido tudo tranquilo. Sinto que finalmente as coisas na minha vida estão seguindo um rumo. Espero que continue assim por um bom tempo.

— Bom dia, gatinha! — Marcus entra na nossa sala de trabalho e me cumprimenta com um sorriso enorme.

— Bom dia, Marcus! Está animado hoje, é?

— Acordei feliz, Bia. Só isso. — Ele pisca para mim e senta na sua cadeira, ligando o computador para começar a trabalhar.

— Hmmmm... E essa felicidade por um acaso tem a ver com um certo Cadu? — Arqueio uma sobrancelha para ele que se espanta com a minha pergunta. Desde que tive aquela conversa com o Lucas, ainda não toquei nesse assunto com meu amigo, pois estava esperando a melhor oportunidade para fazê-lo.

— Como... como você sabe? — Ele me pergunta confuso e eu me seguro para não rir.

— Não sou cega, amigo. Vi como vocês se olharam durante todo o jogo de pôquer e sabia que tinha alguma coisa nessa história, então perguntei ao Lucas e ele comentou por alto. Mas então, tem alguma coisa aí?

— Não sei o que o Lucas te falou, Bia. Mas sim, tem alguma coisa. Minha história com o Cadu é antiga, mas nunca conseguimos nos acertar.

— E agora?

— Agora estamos tentando, gatinha. Não sei como vai ser daqui para

frente, mas vou deixar rolar. Ele está disposto a enfrentar sua família e eu vou dar a ele o tempo que precisa para isso, pois eu bem sei que não é fácil. Cansei de fingir que não gosto dele, só espero muito que eu não me decepcione.

Pego sua mão que está em cima da mesa e aperto na minha, fazendo carinho.

— Torço muito por vocês, gatinho. Espero muito que se acertem e que dê tudo certo.

— Muito obrigado, Bia.

Eu sorrio para ele e solto nossas mãos para voltar minha atenção ao computador à minha frente, mas antes que eu possa começar meu trabalho, ele me interrompe.

— E você e o Lucas?

Estava demorando...

Engulo em seco e olho para meu amigo, que me olha paciente, esperando pela minha resposta.

— Não sei, Marcus. Seu irmão é um cara incrível e eu estou adorando conhecê-lo melhor.

— Mas...?

— Não vou acelerar nada entre nós dois, porque eu nem sei se vai dar alguma coisa ali. Não vou criar expectativas, vou deixar rolar e vamos ver até onde vai. Pode ser que sejamos só amigos e eu vou ficar muito feliz com isso.

— Não acho que ele quer ser só seu amigo.

Minha barriga gela e meus lábios tremem, e antes que eu possa questionar qualquer coisa, ele continua.

— Conheço meu irmão, Bia. Conheço melhor do que a mim mesmo. Eu nunca o vi falar de nenhuma garota da forma como ele fala de você.

Sinto meu rosto corar e fico sem reação. Claro que eu já desconfiava do interesse do Lucas por mim, mas ouvir isso do Marcus me pegou desprevenida.

— Ele gosta de você, gatinha. Ele não me disse nada, mas eu já percebi isso. Se você não tiver intenção de corresponder, não deixe meu irmão se iludir.

— De jeito nenhum, Marcus. Jamais faria isso com ele. Eu adorei conhecer seu irmão, de verdade. Eu sinto algo diferente quando estou com ele, sinto uma paz fora do comum. Algo que há muito tempo eu não sentia. Mas no momento você sabe como anda meu coração, então não posso prometer muito.

— Eu sei, Bia. E torço para que você seja feliz, seja com quem for. Você merece isso.

— Obrigada, Marcus.

Ele sorri para mim e retornamos ao trabalho. Durante todo o dia não tocamos mais nesse assunto e eu sinto certo alívio, pois a conversa de hoje me deixou um pouco desconfortável.

Começo a juntar as minhas coisas para sair e me despeço do meu amigo quando encerramos o expediente. Saio pelo corredor para encontrar com a Samanta, mas antes que eu possa chegar à saída, sou interceptada pela Carla.

— Ei, Bia! Tudo bem?

Ela me cumprimenta sorrindo e eu retribuo. Ainda me sinto mal por não poder contar a ela sobre o Marcus, mas eu não tenho o direito de contar a ela algo tão íntimo dele.

— Ei, Carla. Tudo bem, e com você?

— Estou ótima. Só queria te contar que desencanei do Marcus.

— Sério? — Arregalo os olhos para ela, será que ela descobriu?

— Ah, Bia. Não vou ficar mendigando a atenção de ninguém e conheci um cara legal e estamos saindo.

— Poxa, Carla. Que coisa boa! Fico feliz, você merece muito.

— Obrigada! Eu precisava te contar caso você ainda quisesse me ajudar com ele...

— Ah, claro! Pode deixar que nem toco mais no assunto. Estou na torcida por vocês.

Saímos juntas conversando pelo prédio até eu me despedir dela para me encontrar com a Sam, que me espera na saída.

— Ei, amiga! — Ela me cumprimenta com um abraço apertado.

— Ei, Sam! Saudade de você.

— Nossa, Bia. Até parece que tem um ano que não me vê. — Ela me cutuca gargalhando. — Mas eu te entendo, também senti sua falta. Quer uma carona hoje? Vou passar no supermercado antes de ir para casa e é caminho da sua.

— Lógico! Quando é que vou recusar uma oferta de não pegar ônibus lotado?

Rimos juntas e caminhamos jogando conversa fora até chegarmos ao seu carro.

— Sam, quer ir ao cinema comigo hoje? É dia de promoção e eu estou louca parar assistir aquele filme de terror que lançou.

— Até gostaria, Bia. Faz tempo que não vou ao cinema. Mas hoje é aniversário de um colega de trabalho do Júlio e vamos fazer um churrasco na casa dele, por isso estou indo fazer algumas compras.

— Ah, tudo bem, não tem problema. Não gosto de ir sozinha, mas fazer o quê...

— Por que não chama o Lucas para ir com você?

— O-o Lucas? — Eu gaguejo e minha amiga ri.

— Claro! Eu te garanto que ele vai adorar ir com você.

— Ah, não sei, Sam... Morro de vergonha.

— Deixa de ser boba, amiga. Anda, liga para ele se não quiser que eu mesma ligue!

Bufo derrotada e pego o celular na minha bolsa. Olho para a tela com seu número e de volta para a Sam, que gesticula me incentivando a ligar.

Disco o número e coloco o telefone na orelha, sentindo o coração sair pela boca. O medo de ele recusar meu convite ou simplesmente não me atender me deixa nervosa, mas eu preciso tentar.

— *Ei, Bia! Que surpresa você ligar.*

Lucas atende no terceiro toque e só de ouvir sua voz depois de tanto tempo, sinto meu coração se aquecer.

— Ei, Lucas. Tudo bem?

— *Melhor agora, linda. E você?*

— Estou ótima. Me diz uma coisa, você tem algum compromisso hoje?

— *Por enquanto não, Bia. Estou livre, por quê?*

— Quer ir ao cinema comigo? Tem um filme de terror que está em cartaz e estou louca para ver.

— *Claro! Que horas é a sessão?*

— Sete e meia.

— *Ah, beleza. Te pego as sete então, pode ser?*

— Está ótimo, Lucas.

— *Perfeito então, linda. Até mais tarde. Beijo.*

— Outro, Lucas. Até.

Desligo o telefone e olho para a minha amiga que está dando pulinhos de euforia na frente do volante.

— Viu? Ele te mordeu?

— Não... — Respondo fazendo bico, tirando uma gargalhada dela.

— Amiga, saia mais com o Lucas, sério mesmo. Ele tem te feito bem e você precisa aproveitar isso. Você precisa conhecer pessoas novas e ele é perfeito para isso.

— Eu sei, Sam. Mas eu ainda tenho medo...

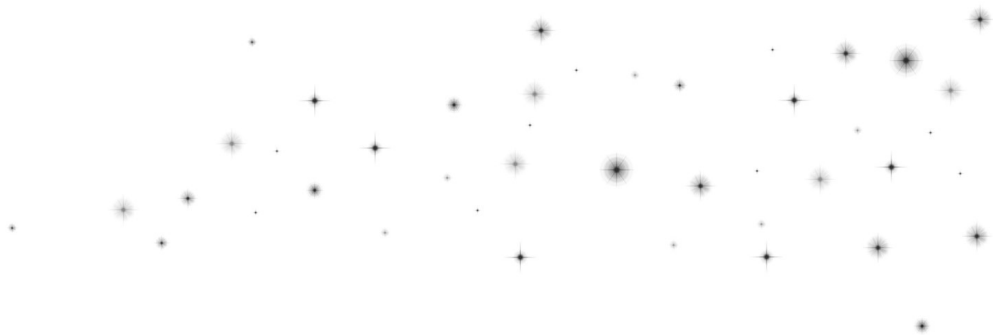
— O medo sempre vai existir, Bia. Mas mais cedo ou mais tarde você vai ter que criar coragem de enfrentá-lo, você não pode viver assim para sempre.

— Eu sei...

Abaixo a minha cabeça e olho para as ruas através da janela do carro. Permanecemos em silêncio durante todo o restante do trajeto e eu mergulho em meus pensamentos.

A Sam está certa, assim como o Marcus também está. Além do próprio Vinícius. Mas é tão fácil falar quando só eu sei a dor que eu sinto dentro do meu peito todo santo dia. Não sei se o Lucas é capaz de curá-lo sem que eu o machuque também. Deus! Por que isso tudo tinha que acontecer justo comigo?

Capítulo 17



Atravesso a porta de entrada do meu prédio e prendo a respiração quando eu vejo o Lucas encostado no carro. Como ele consegue ficar ainda mais lindo a cada vez que eu o vejo? Ele usa uma camisa branca de botão, com os primeiros botões abertos e a manga dobrada até a altura do cotovelo; calça jeans justa e sapatênis escuros. Noto que tem algo diferente em seu rosto e quando chego mais perto é que percebo sua barba está mais baixa, deixando-o ainda mais bonito.

— Ei, Lucas. — Eu o cumprimento e ele me puxa para um abraço bem apertado. Seu cheiro amadeirado logo chega até mim e me deixa zozza.

Ele beija meus cabelos e se afasta para me olhar.

— Você está linda, Bia.

Eu sinto meu rosto corar enquanto sorrio para ele agradecendo.

— Vamos lá?

Balanço a cabeça assentindo e entro no carro, me sentando no banco do carona.

Fazemos o trajeto ao som da música que toca no carro, mas percebo de canto de olho que ele me olha durante todo o caminho até o cinema.

Depois de estacionar o carro, ele sai depressa para abrir a minha porta e estende a mão para mim. Eu aceito de bom grado, e mesmo depois que saio do carro ele não me solta. Sorrio por dentro, pois eu gosto desses pequenos gestos de carinho dele.

— Então você gosta de filme de terror, linda? Nunca imaginei...

— Tem muita coisa que você ainda não sabe sobre mim. — Eu pisco tirando um sorriso lindo dele, enquanto caminhamos até a bilheteria.

— Sei disso, e estou adorando descobrir.

Seu sorriso se alarga e aquelas covinhas, agora mais visíveis com a barba baixa, me fazem derreter. São tão lindas! Na verdade, no que se refere à Lucas Freire, tudo é muito lindo.

Ele compra nossos ingressos, contra a minha vontade, já que tento em vão insistir em pagar pelo meu, compra nossas pipocas e caminhamos lado a lado para a sala de cinema.

A sala hoje está vazia, tem apenas dez pessoas, o que eu acho ótimo, pois odeio cinema lotado.

Nos acomodamos em umas poltronas mais ao fundo, para nos dar uma melhor visão do filme. Assistimos em silêncio e vez ou outra tiro uma gargalhada do Lucas com um susto que eu tomo.

Terminamos de assistir e caminhamos para a saída, e nessas horas eu agradeço a Sam por insistir para eu convidá-lo, pois todo tempo que eu passo ao lado dele é maravilhoso.

— Quer tomar um sorvete ou já quer ir para casa, Bia? — Lucas me pergunta apontando para a sorveteria do outro lado da rua.

— Como se recusa um sorvete?

Eu o puxo pela mão e atravessamos a rua de mãos dadas. Fazemos nossos pedidos e quando pegamos nossos potes, escolhemos uma mesa mais reservada para nos sentarmos.

— Então você toma sorvete, como pessoas normais? Porque o fresco do seu irmão quase me matou no dia que eu o chamei para tomar um sorvete comigo depois do almoço.

— O Marcus não sabe aproveitar a vida, Bia.

— É, eu percebi... Falando nele, me disse hoje que está tentando se acertar com o Cadu. Espero que dê tudo certo entre eles.

— Eu também espero que sim. Eles tiveram uma conversa séria e parece que agora vão se entender.

— Que bom, ele merece.

— E você, Bia? Alguma coisa te preocupa?

Ele pega minha mão por cima da mesa e a acaricia com os dedos. Eu abaixo o olhar e respiro fundo antes de olhá-lo novamente, e lá vou eu me abrir com o Lucas mais uma vez.

— Na verdade é só insegurança mesmo, Lucas.

— Com o quê, linda?

— Eu vi a forma como o Marcus sorriu hoje, vejo a minha amiga feliz com

o casamento dela e parece que eu estou sempre sobrando, sabe? Não sei se sou capaz de me relacionar de novo.

— Claro que é, Bia. Não pense assim...

— Não sei, Lucas. É complicado...

— Sei que não é fácil. Não passei pelo mesmo que você, mas posso imaginar. Você não pode viver com medo para sempre.

— Todo mundo diz a mesma coisa, sabe? Mas é tão fácil falar.

— No que eu puder te ajudar, eu sempre estarei aqui. Você vai conseguir sim, eu acredito. Você merece ser muito feliz.

— Obrigada, Lucas. Eu adoro o tempo que eu passo com você, me traz uma certa paz.

Acaricio seus dedos com os meus e ele sorri para mim.

— Que bom saber disso, vou me esforçar ao máximo para estar sempre por perto.

— Obrigada. E me conte mais de você, é tão obcecado por academia quanto o seu irmão?

— Eu gosto muito de malhar, não vou negar. Mas não tenho essa paranoia do Marcus de fazer dieta. Tudo bem que ele tem o corpo melhor que o meu, mas não tenho a paciência que ele tem.

— Ah, eu não acho...

— Não acha o quê? — Ele arqueia uma sobrancelha, confuso.

— Que ele tem o corpo melhor que o seu. — Digo e enrubesço na mesma hora em que as palavras saem da minha boca. Onde foi parar a Beatriz tímida? *Ei, volte para dentro de mim!*

Lucas me olha curioso e depois abre aquele sorriso maior que o mundo, me mostrando mais uma vez suas covinhas perfeitas.

— Que bom saber disso. — Ele pisca para mim, me fazendo corar ainda mais. — E você, faz alguma atividade física?

— Levantamento de garfo, conta? — Faço uma cara zombeteira e tiro uma gargalhada dele.

— Estou falando sério, Bia. Nada mesmo?

Balanço a cabeça em negativa.

— Odeio esportes. Sei que não é legal ser sedentária, mas simplesmente não consigo. A preguiça sempre me vence.

— Vou começar a te levar para caminhar comigo então.

— Ah, sério, Lucas? Só porque eu disse que gosto de passar um tempo com você? Por favor, esqueça o que eu falei! Odeio ficar com você. Falando nisso, me leva para casa?

— Engraçadinha! Desista, você não vai se livrar de mim tão fácil agora...

Bato a mão na testa e faço uma careta para ele que solta uma gargalhada tão gostosa que me faz rir junto com ele.

— E então, quando começamos? — Ele me pergunta assim que nos recuperamos das risadas.

— Começamos o quê?

— A caminhar,oras.

— Você não pode estar falando sério... — Reviro os olhos para ele que me lança um sorriso desafiador.

— Claro que estou, já te disse que não vai se livrar de mim tão fácil. Podemos amanhã?

— Tenho outra escolha?

Ele nega com a cabeça enquanto coloca uma colher de sorvete na boca. Ficamos mais um tempo conversando sobre nossos trabalhos e hobbies, quando vejo que já está ficando tarde e é hora de voltar.

— Sinto ter que encerrar nosso assunto, Lucas. Mas podemos ir? Amanhã ninguém dorme até mais tarde, né?

— Infelizmente, linda. Mas não vou me importar, já que vou te ver amanhã de novo. — Ele pisca para mim e sorri mais uma vez.

— Ah, é. Tem isso. Não vou conseguir me livrar de você, não é?

— “Nops”!

Ele levanta da mesa e vai pagar a conta e quando volta, andamos juntos até o carro. No caminho de volta para casa, cantamos mais uma vez ao som de Aerosmith e pelo pouco tempo que conheço o Lucas, já vi que essa se tornou a nossa banda favorita.

Ele desliga o carro na porta do meu prédio e ficamos conversando mais um tempo antes de eu me despedir dele.

— Boa noite, Lucas. Obrigada pela companhia. — Me inclino para dar um beijo em seu rosto e sinto sua face arrepiar pelo contato dos meus lábios.

— Boa noite, linda. Obrigado pelo convite, pode me chamar mais vezes que não vou me importar de forma alguma.

— Pode deixar.

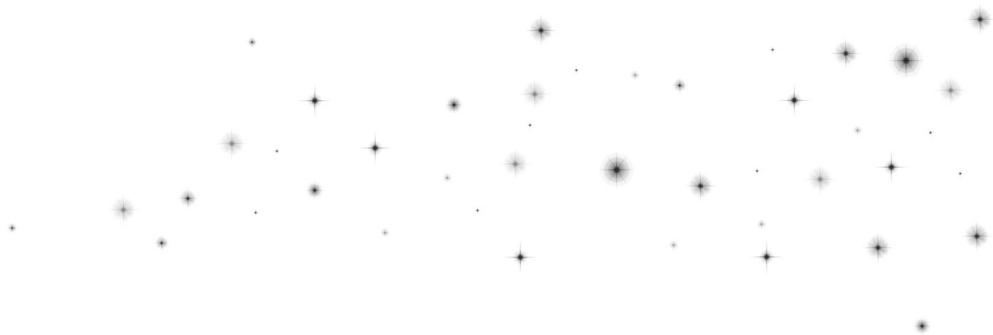
— Amanhã eu passo aqui às sete horas, ok?

— Tudo bem, seu chato. Estarei pronta.

— Ótimo. Até amanhã, Bia.

Sorrio para ele e saio do carro, entrando no meu prédio. Saber que vou ver o Lucas mais vezes me faz sentir um frio na barriga, pois não estava brincando quando disse que adoro passar um tempo com ele. Quando estou com ele, me sinto uma garota normal saindo com um cara legal. Mas quando eu entro no meu apartamento a realidade me choca, me fazendo sentir uma pontada de dor. É solitário demais por aqui, pois é justamente aqui onde todas as minhas inseguranças e medos voltam com gás total.

Capítulo 18



— Já podemos parar para descansar? — Eu paro de andar colocando as mãos nos joelhos e olho para o Lucas.

— Ah, fala sério, Bia. Nós mal começamos a caminhar, ainda não chegamos à parte de correr.

Arregalo os olhos para ele que acha engraçado e começa a rir.

— Estou brincando, linda, hoje não vamos correr. Mas assim que você entrar no ritmo vou acelerar nossos passos.

— Onde eu estava com a cabeça quando fui concordar em fazer isso?

— Deixa de ser boba, anda! Ainda temos que fazer o trajeto de volta.

— Não podemos chamar um táxi ou pegar um ônibus?

Lucas me fuzila com o olhar me fazendo perceber que não vou ter chance mesmo.

— Ok, ok. Vamos voltar então.

Ele passou lá em casa hoje pontualmente as sete para sairmos para caminhar e decidiu que começaríamos com pouco. Depois que andamos cerca de quarenta minutos, começamos a voltar para minha casa, onde ele deixou seu carro.

Embora eu não goste de nenhuma atividade física, devo confessar que estou adorando passar esse tempo com ele. Tivemos uma conversa despreocupada durante todo o trajeto e acho que posso me acostumar muito fácil com isso.

Na volta andamos um pouco mais devagar, pois estou cansada e ele respeita meu ritmo, me acompanhando, por mais que ele aguente andar bem mais rápido que eu.

Assim que chegamos paramos na porta do meu prédio, e eu estou bufando enquanto ele mal demonstra cansaço.

— Isso não é justo.

— O quê, Bia?

— Estou quase morrendo aqui e você parece que andou da sala até a cozinha.

Ele solta aquela gargalhada gostosa e se eu não tivesse sem fôlego, riria com ele também.

— É porque eu malho, linda. Meu corpo já é acostumado com exercícios, o que ainda é novo para você, mas daqui a uns meses vai ver como vai ser mais fácil.

— Meses? Ai meu Deus, achei que caminharíamos só essa semana.

— “Rá”! Quanta inocência! Já te falei que não vai se livrar de mim tão fácil. — Ele cruza os braços torneados e me lança um olhar decidido.

— Ok, eu me rendo. — Ergo os braços para ele que só ri ainda mais.

— Quer subir para tomar uma água? — Pergunto despreocupada, mas é sua expressão desconfiada que me faz perceber o que acabei de fazer. Eu nunca o chamei para entrar no meu apartamento antes.

— Não vou te incomodar?

— Claro que não, estou morta de sede, vamos!

— Tudo bem.

Entramos no meu prédio e pelo silêncio que se instala entre nós eu percebo que ele está um pouco tímido com toda essa situação, ainda mais por eu morar sozinha.

Subimos pelo elevador e quando ele se abre, caminhamos até a minha porta. Tiro a chave do bolso e abro a porta, acendendo a luz.

— Seja bem-vindo à minha humilde residência. Por favor, não repare. — Gesticulo para ele entrar e ele dá um passo para dentro olhando tudo ao redor.

— Com licença.

— Fique à vontade, vou pegar água para nós dois.

Eu deixo o Lucas sozinho na sala de TV e entro na cozinha para encher dois copos de água, quando eu volto vejo que está segurando o porta-retratos com a minha foto com o Vinícius e isso faz com que meu coração dispare no peito. Essa foto costumava ficar na cabeceira da minha cama, mas há uns dias eu trouxe para o móvel da sala, pois assim é menos doloroso para mim.

— Aqui. — Estendo o copo de água para ele, que o pega sem soltar a foto.

— Obrigado. Esse era ele?

Balanço a cabeça assentindo.

— Como se chamava?

— Vinícius... — Eu tomo um gole de água e percebo que minhas mãos estão tremendo.

— Quer conversar sobre isso?

Eu nego com a cabeça e sinto uma pontada de decepção passar pelo seu rosto. Sei que ele quer que eu fale mais do Vinícius para ele, mas eu ainda não consigo.

— Tudo bem. — Ele coloca o porta-retratos de volta no móvel e olha para mim antes de tomar um gole de água.

— Sabe que quando precisar estou aqui, certo? — Ele ergue sua mão e faz o contorno do meu rosto com seus dedos, me fazendo estremecer.

— Eu sei, obrigada. — Eu abro um meio sorriso e ele assente descendo a mão do meu rosto.

— Quer sentar? — Aponto para o sofá e ele assente, se juntando a mim.

Ficamos um tempo em silêncio enquanto eu o observo correr os olhos por todo meu apartamento, curioso. Aqui não é grande, ao lado da sala que estamos sentados, tem a cozinha e a área de serviço, e mais para dentro um banheiro e o meu quarto, que tem uma sacada com vista para o mar.

— E então, o que achou? Gostou da minha casa? — Pergunto a ele, interrompendo seus pensamentos.

— Adorei. É pequeno, mas aconchegante. Fico me perguntando como deve ser morar sozinho.

— Como eu te disse, é bom. Sou completamente livre aqui, porém me sinto muito sozinha também. Mas é melhor assim, passei meu último ano chorando, se alguém morasse comigo provavelmente não iria aguentar.

— Você ainda chora muito?

— Hoje não tanto, só quando vem alguma lembrança forte ou quando a saudade aperta demais. Mas nos últimos meses eu tenho ficado melhor.

— Que bom, Bia. Fico mal só de saber que você se sente assim.

— É a vida, né? Infelizmente ninguém pode passar pelo que eu passo, só eu.

— Isso é verdade. Eu não posso passar por isso por você, mas posso te ajudar a distrair um pouco.

— Obrigada, Lucas. Você já faz muito por mim sem nem mesmo saber.

Ele sorri para mim e toca no meu rosto mais uma vez, me acariciando de forma delicada. Eu tombo minha cabeça em sua mão e fecho os olhos, me permitindo me entregar mais um pouco àquele carinho.

Ainda de olhos fechados sinto o roçar leve de seus dedos em meu rosto e é tão reconfortante, tão puro, que por um momento me permito pensar em como seria ter um relacionamento com o Lucas. Ele é um cara incrível e merece alguém que entregue seu coração por inteiro a ele e eu infelizmente ainda não sei se sou capaz de fazer isso.

Abro os olhos e levanto minha cabeça, me afastando um pouco dele. Noto seu semblante desapontado e vejo que ele tenta disfarçar.

— Acho que é melhor eu ir agora, Bia. Você precisa descansar.

Assinto com a cabeça e me levanto para conduzi-lo até a porta.

— Amanhã no mesmo horário? — Ele me pergunta antes de ir para o corredor.

— Não sei por que me pergunta isso, se não me deixa escolher.

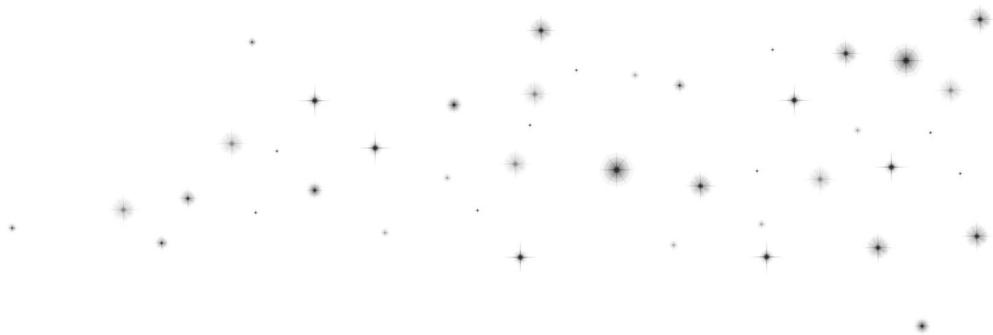
Ele ri da minha resposta e eu sorrio para ele.

— Verdade. Boa noite, linda, até amanhã. — Ele se inclina para me dar um beijo na testa e eu sorrio mais uma vez com esse simples gesto.

— Boa noite, Lucas. Estarei te esperando.

Ele balança a cabeça e atravessa o corredor, indo em direção ao elevador. Eu fecho a porta atrás de mim e solto o ar dos pulmões. Se eu disser que não estamos começando a nos envolver, será a mentira mais deslavada de todas. Mas eu preciso reconhecer que ele tem se aproximado devagar, não me forçando a nada, e eu sou muito grata por isso. Quem sabe assim não é mais fácil de eu me soltar com ele e talvez um dia, quem sabe, entregar meu coração.

Capítulo 19



Durante o restante da semana eu e o Lucas caminhamos todos os dias. Ele decidiu me dar folga apenas aos fins de semana e confesso que me senti um pouco solitária sem sua presença. Passar dois dias inteiros em casa sozinha não foi nada agradável, mas deu para aguentar.

A nova semana se iniciou, e com ela, mais uma dose de caminhada com ele. A cada momento que passamos juntos, descobrimos mais sobre o outro e tem sido maravilhoso conhecê-lo melhor.

No último ano eu nunca nem cogitei a possibilidade de me relacionar com alguém novamente, mas desde que conheci o Lucas tenho me perguntado constantemente como seria namorar alguém tão incrível como ele e se eu seria capaz disso.

Confesso que passar esse tempo com ele todos os dias, tem me feito pensar cada vez menos na minha perda. Tem doído menos. Tem me mostrado que além do meu mundinho existe vida, existe cor. Que eu posso sorrir e posso me permitir ser feliz, ainda que por poucos momentos.

Desde o meu aniversário eu não sonhei novamente com o Vinícius. Acho que de onde ele está, consegue ver que estou melhorando aos poucos, já que ele me disse que viria sempre que eu precisasse dele. Não vou negar que sinto falta de vê-lo mais uma vez, mas se ele ainda não veio, é sinal de que eu finalmente estou conseguindo.

Ainda não encontrei o seu presente para mim e estou começando a me perguntar se ele se esqueceu, pois, por onde eu ando, procuro pelas tais asas, mas nunca sequer encontrei algo semelhante. Acho que no momento certo o meu presente vai aparecer.

Mais uma semana se passou dentro da normalidade, meu trabalho tem sido um sonho e eu sempre chego em casa mais animada por saber que vou encontrar

o Lucas mais uma vez. Pela primeira vez em tanto tempo, me sinto feliz por viver, me sinto bem.

Hoje é sábado, e ontem, quando terminamos nossa caminhada, perguntei ao Lucas se ele não queria sair comigo hoje. Me sinto tão solitária aos fins de semana que só de saber que vou vê-lo novamente, fico mais animada.

Ele marcou de me buscar as oito para irmos a um barzinho que inaugurou no centro e o pessoal tem dito que é muito bom. Faz tempo que não vou a um lugar assim e estou muito animada para conhecer.

O dia passou voando, organizei algumas coisas que precisavam aqui em casa e estou terminando de me arrumar para encontrá-lo.

Escolhi um vestido preto de alças finas que vão até a metade da coxa e sapatos de salto vermelhos. Arrumei meus cabelos de forma a dar mais volume e apliquei uma maquiagem leve, apenas para dar um realce. Sinto meu coração bater descompassado dentro do meu peito, pois sei que estamos dando pequenos passos rumo a algo que vai além de uma simples amizade.

O interfone toca me fazendo sentir um frio na espinha e me olho no espelho mais uma vez para ver se está tudo certo antes de descer.

Quando saio pela porta do prédio, sinto minha garganta se fechar. O Lucas está um absurdo de tão lindo. Seus cabelos escuros estão perfeitamente arrumados e um sorriso aberto, capaz de me deixar sem fala. Ele usa uma camisa de botão azul marinho que faz seus olhos adquirirem um tom mais escuro. A barba está um pouco mais cheia, fazendo o contorno de seu rosto e seus lábios estão carnudos e molhados, me tirando a linha de raciocínio.

Chego mais perto dele e inspiro seu perfume amadeirado, sorrindo com isso.

— Lucas, você está maravilhoso.

Seu sorriso se alarga, me mostrando aquelas covinhas lindas, e ele abre os braços em um convite. Eu me aninho em seu peito, sendo envolvida por seus braços fortes, e inspiro todo seu aroma, toda sua paz.

— São seus olhos, Bia. A maravilhosa aqui é você. — Ele diz enquanto beija meus cabelos, se afastando de mim. — Vamos lá?

Eu assinto e caminho em direção ao lado do carona, me aconchegando.

Lucas dirige por cerca de vinte minutos e logo estamos na porta do bar, que tem uma pequena fila de pessoas para entrar. O lugar é novo e seu letreiro em neon é bem chamativo.

Chegamos à portaria e Lucas pede uma mesa para dois e logo somos

conduzidos ao andar de cima. O bar é cheio de mesas e banquetas espalhadas e tem fliperamas e mesas de bilhar. As músicas que saem dos alto falantes são de extremo bom gosto.

— Será que tem música ao vivo hoje? — Pergunto a ele apontando para o palco e ele dá de ombros.

— Não sei, Bia. Quando o garçom vier podemos perguntar.

Eu assinto e pouco depois o garçom chega. Ele anota o nosso pedido e Lucas o pergunta a respeito do palco.

— Não, hoje é dia de karaokê. — O garçom nos responde e sai para levar nosso pedido.

Eu abro a boca e começo a rir.

— Karaokê? Acho que essa noite vai ser ainda mais divertida do que eu pensei, adoro ver o pessoal bêbado cantando, é hilário.

— E porque não vamos cantar também?

— Você está me gozando, né?

— De forma alguma...

— Bom, vamos esperar o efeito de alguns drinques e aí conversamos de novo.

— Mal posso esperar. — Ele pisca para mim e sorri.

Depois de alguns minutos o garçom chega com nossas bebidas; eu pedi uma marguerita e o Lucas um chope. Brindamos com nossos copos e damos o primeiro gole.

Uma movimentação começa no andar de baixo e então vejo que o karaokê vai começar. Eu e Lucas nos ajeitamos melhor nas cadeiras para olhar para baixo e vejo que uma moça ruiva sobe no palco junto com uma morena. Elas pegam o microfone e começam a cantar Roxette. Eu não consigo identificar se estão bêbadas ou não, mas cantam tão mal em inglês que é impossível não rir a cada verso. Pelo menos a galera está animada, e quando chegam ao refrão todo mundo canta junto para dar apoio moral. Eu cutuco o Lucas para se juntar a nós no coro, e ele começa a cantar num inglês embolado de propósito, me fazendo engasgar de tanto rir.

Nossas bebidas acabam e logo vamos pedindo outra e mais outra. A fila do karaokê não para e quando estou na terceira marguerita, puxo o Lucas para ir para baixo cantar comigo. Embora eu esteja começando a ficar bêbada, Lucas se mantém sóbrio, pois seu chope é bem leve.

Quando chega a nossa vez, é claro que escolhemos uma música do

Aerosmith. A tela com a letra começa a rodar na nossa frente ao mesmo tempo em que a melodia sai das caixas de som, e logo estamos cantando *Dream on*, a primeira música que cantamos juntos. Dessa vez é muito mais divertido por estarmos em um palco, e nossa alegria contagia a plateia que se agita e canta junto conosco.

Lucas se empolga e dá até pulos no palco enquanto canta e eu me seguro para não rir e errar a letra. Quando a música acaba todos nos aplaudem, e eu olho para o Lucas que dispara a rir junto comigo. Ele me puxa pela mão e saímos do palco para voltar à nossa mesa, deixando que outras pessoas cantem também.

Depois que voltamos para a mesa não bebi mais nada, apenas água, pois não quero ficar mais alta que ele e passar alguma vergonha, estragando nosso encontro. Ficamos conversando mais um pouco e rindo dos novos cantores que sobem ao palco, e eu nem me lembro da última vez que me diverti tanto em uma noite.

Quando foi chegando perto da meia noite, Lucas me chamou para ir embora, mas antes queria me levar a um cachorro quente ali perto que fica aberto até de madrugada. Nada como um bom hot dog depois de uma saída dessas.

Ele encosta seu carro na orla e descemos para comer em umas mesas na areia, de frente para o mar. Existe forma melhor de acabar uma noite como essa?

Nosso lanche é servido, e eu só percebo que estou com muita fome quando dou minha primeira bocada. Solto um gemido baixo de satisfação, tirando uma risada do Lucas.

— É bom, né?

— É maravilhoso, Lucas.

— Não acredito que ainda não conhecia o melhor hot dog de Monte Castelo.

— Passei o último ano em prisão domiciliar, lembra? — Pela primeira vez eu consigo brincar com a minha situação, sem sentir uma pontada de dor ou tristeza.

— Que bom que eu estou te libertando então. — Ele brinca comigo e me tira um sorriso.

Terminamos de comer e nos levantamos da mesa, mas antes que possamos nos virar em direção ao carro, ele segura a minha mão e eu me deixo ser guiada por ele. Caminhamos de mãos dadas e nos separamos apenas quando chegamos ao carro.

Não trocamos nenhuma palavra durante o trajeto de volta para minha casa,

fico perdida em pensamentos, quando percebo, ele já está desligando o carro na porta do meu prédio.

Descemos e paramos na minha porta, olhando de frente para o outro.

— Obrigada pela noite, Lucas, fazia tempo que eu não me divertia tanto.

Eu quebro nosso silêncio e ele ergue a mão para acariciar o meu rosto.

— Fico feliz por estar te proporcionando momentos assim.

O silêncio se instala novamente enquanto nos olhamos nos olhos. Ele continua com a mão no meu rosto, fazendo movimentos circulares com os dedos, e eu sinto um frio na barriga. Aquelas borboletas que costumam habitar o meu estômago quando estou com ele começam a bater as asas, fazendo com que meu coração dispare e a respiração pese.

Sem desviar o olhar do meu, ele inclina seu rosto, ficando a centímetros de mim, e quando eu percebo o que está prestes a acontecer, sinto meu corpo inteiro amolecer. Não sei o que é ser beijada desde que o Vinícius se foi, e se eu quero sentir isso mais uma vez, não há ninguém mais certo que o Lucas.

Seus dedos caminham pelo meu rosto e chegam até os meus lábios, se demorando ali. Meus lábios se abrem e tremem com seu contato, e ainda assim eu não desvio meus olhos dos dele.

Lucas se inclina mais um pouco, e quando sinto seu hálito quente se aproximando do meu, uma buzina alta de caminhão interrompe nosso transe, nos fazendo pular.

Eu coloco a mão no peito pelo susto que tomei e olho para o Lucas que está tão assustado quanto eu e disparamos a rir. Gargalhamos até saírem lágrimas dos meus olhos e quando nos recuperamos, o silêncio paira sobre nós mais uma vez.

Nosso momento foi interrompido e eu sei que aquele encanto se quebrou. Olho para o Lucas que está tão desconcertado quanto eu e é ele quem quebra nosso silêncio.

— Acho melhor eu ir, Bia.

Eu balanço a cabeça assentindo, ainda constrangida com o que acabou de ocorrer.

— Boa noite, linda. Tenha bons sonhos. — Ele se inclina e me dá um beijo no rosto, cheio de carinho.

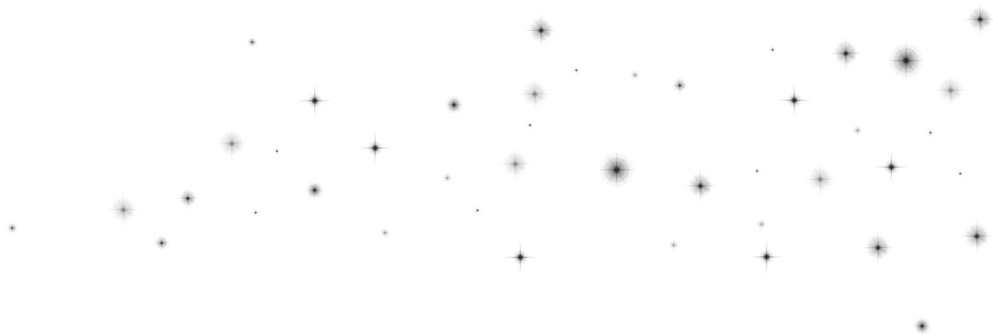
— Você também, Lucas. Boa noite.

Eu me afasto dele com relutância e o vejo indo em direção ao carro.

Abro a porta do meu prédio mais uma vez sentindo minhas pernas moles. Não sei como consegui subir até o meu apartamento, assim como não sei como

consegui pegar no sono essa noite, mas de uma coisa eu tenho certeza: estou começando a me apaixonar de novo.

Capítulo 20



— Lu... Vamos parar para beber uma água de coco? — Interrompo nossa caminhada assim que passamos por um quiosque na orla da praia.

Lucas arqueia uma sobrancelha para mim e abre um sorriso de canto, mas não me responde.

— O que foi? Fiz algo errado? — Franzo o cenho para ele sem entender.

— Você me chamou de Lu... — Ele cruza os braços torneados e me lança um olhar malicioso, me fazendo corar.

— Ah, desculpa... Se você não tiver gostado, não chamo mais. — Eu tento explicar, gaguejando, o que só faz com que ele ria diante do meu desconforto.

— Eu adorei, linda. É que ninguém nunca me chamou assim antes.

— Sério?

Ele balança a cabeça concordando e eu sorrio.

— Que bom que tenho um apelido exclusivo pra você. — Eu pisco para ele, que abre um sorriso largo para mim. — Então, podemos parar?

— Claro, Bia.

Compramos nossa água de coco e nos sentamos em uns banquinhos na areia, ficando de frente para o mar. Por um momento, ficamos apenas em silêncio, bebendo e olhando o vaivém das ondas e ouvindo o som que vêm delas.

A brisa vem e balança meus cabelos, me fazendo relaxar. Sinto aquela paz que sempre vem quando estou com o Lucas, tomar conta de mim, me tirando um sorriso.

— Lu... — Começo a falar e paro. Ele se vira para me olhar e o brilho que eu vejo em seus lindos olhos me faz derreter. — Obrigada pela companhia todos os dias. Sei que eu reclamei um pouco no início, mas você não sabe como tem me feito bem.

— Sei sim, Bia. Porque também tem me feito muito bem.

Ele sorri e pega a minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Uma pergunta... E a academia? Você parou de malhar? Porque sempre acabamos tarde.

— Eu passei a fazer pela manhã. Acordo mais cedo para ir antes do trabalho.

— Sêrio? Mas não ficou pior para você?

— No início foi um pouco difícil sim, não vou negar. Mas é tudo questão de hábito, já me acostumei. — Ele roça seus dedos na minha mão em um gesto de carinho que aquece meu coração.

— Não precisava mudar sua rotina por minha causa, Lu. Me desculpe se estou te atrapalhando. — Eu abaixo o olhar constrangida, pois detesto incomodar as pessoas.

— Ei, Bia. Olhe para mim. — Ele ergue meu queixo com os dedos, me fazendo olhá-lo nos olhos. — Você não me atrapalha, linda. Eu gosto de estar com você, não faz ideia do quanto. Eu acordaria até às três da manhã se precisasse, só para te ver.

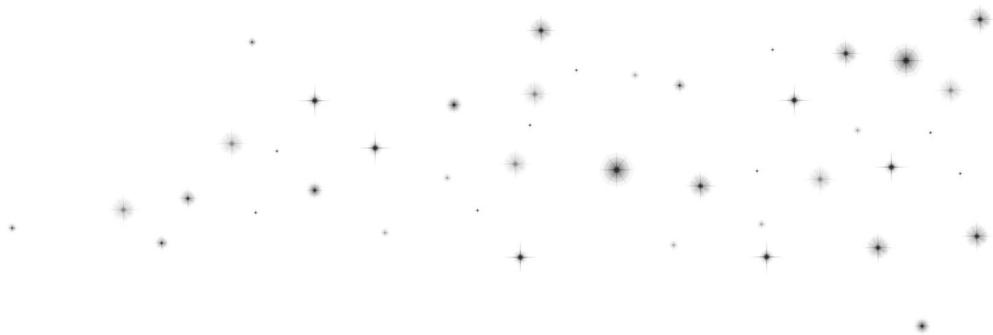
Suas palavras me fazem corar até a raiz do cabelo, me deixando completamente sem reação.

Nós ainda estamos olhando dentro dos olhos um do outro e essa proximidade me faz vacilar. Eu abaixo meus olhos e viro a cabeça para frente mais uma vez, para olhar o mar.

Lucas relaxa os ombros e passa o braço ao redor dos meus. Eu me aninho em seu peito e inspiro todo seu aroma. Não sei quanto tempo ficamos assim, em silêncio, abraçados, olhando a imensidão do oceano à nossa frente, mas sei o conforto que os braços dele me trazem, a forma como o cheiro dele me hipnotiza e como estremeço com os seus toques no meu braço, fazendo carinho com seus dedos.

Estou me acostumando muito fácil com isso, pois dentro de mim, bem lá dentro, sinto como se ele fosse meu abrigo, minha paz.

Capítulo 21



— Bia, amanhã você estará livre?

Encerramos nossa caminhada e estamos na porta do meu prédio nos despedindo. Mais uma semana se passou e eu nem me dei conta, pois o tempo voa quando estou com ele.

— Estou sim, Lu. Dificilmente tenho compromisso aos finais de semana. Por quê?

— Quer ir nadar lá em casa? Pela previsão vai dar um sol bom e meus pais estarão fora da cidade esse fim de semana.

Ele me olha daquele jeito intimidador e eu me sinto corar. É bem verdade que eu quero muito usar aquela piscina, mas pensar em ficar sozinha com ele me traz algum desconforto.

— Mas... eles não se importam se eu for lá?

— Claro que não, linda. Eles adoraram você.

— Então seremos só nós dois? — Eu engulo em seco e levanto os olhos para olhá-lo.

— Acho que sim. Não sei te falar sobre o Marcus, ultimamente ele não tem parado muito em casa. Isso é um problema para você?

Ele franze o cenho e me lança um olhar ofendido. É claro que eu fico um pouco apreensiva por ficar sozinha com ele, mas não posso pensar assim. Lucas é um cara incrível e ele nunca forçou a barra comigo, sempre me respeitou.

— Não, só queria saber mesmo... Que horas me busca amanhã?

Ele relaxa os ombros e me abre um sorriso maior que o mundo, mostrando aquelas covinhas que eu tanto amo.

— Pode ser às dez? Pensei em assar uma carne para gente no almoço e aí você passa o resto da tarde comigo. — Ele coloca as mãos no bolso da bermuda

e me olha inseguro, como se não tivesse certeza de que eu aceitaria seu convite.

— Tudo bem, às dez é perfeito. — Sorrio para ele que relaxa os ombros.

— Combinado então, linda.

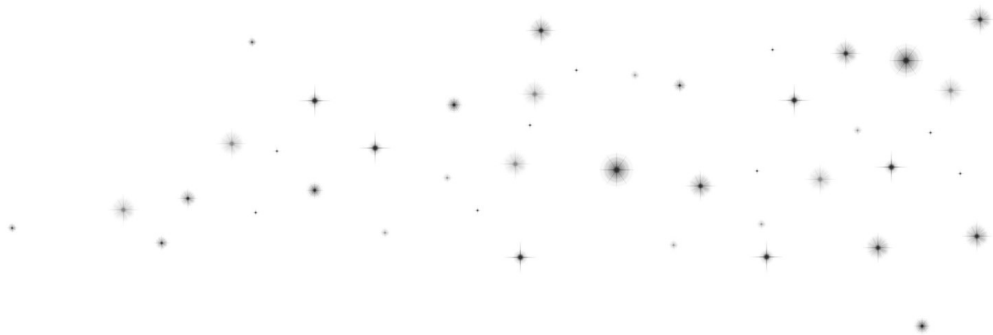
Ele se aproxima mais de mim e me puxa para um abraço, envolvendo meu corpo no seu. A paz que eu sinto nos braços dele é algo inexplicável.

— Boa noite, Bia. — Ele beija meus cabelos antes de se afastar de mim.

— Boa noite, Lu. — Sorrio para ele e me viro para entrar.

Estou andando nas nuvens, a verdade é essa. O tempo que eu passo ao lado dele me faz esquecer meus medos, minha dor. E isso era tudo que eu precisava, tudo que eu busquei durante todo esse tempo. Alguém que me entendesse e me fizesse sorrir mais uma vez.

Capítulo 22



Abro as cortinas do meu quarto e deixo o sol entrar. O Lucas tinha razão, o dia está lindo hoje, com um sol maravilhoso. Dou uma boa espreguiçada antes de ir para o banheiro; preciso tomar um banho e começar a me arrumar, pois daqui a pouco ele vai chegar.

Ligo o chuveiro e deixo a água cair pelo meu corpo, me relaxando. É bem verdade que estou bastante ansiosa pelo dia de hoje, pois ainda não passei tanto tempo assim com ele, muito menos a sós.

Termino meu banho e vou para o quarto ainda enrolada na toalha, procurando pelo meu biquíni. Opto por um com estampa floral, pois acho que vai cair melhor. Eu o visto e coloco um short e uma regata azul clara por cima. Calço meus chinelos e pego minha bolsa de praia para colocar minhas coisas: toalha, protetor solar e óculos de sol.

Penteio meus cabelos, escovo os dentes e me olho no espelho para conferir se está tudo certo. O meu coração bate de forma acelerada a cada minuto que se aproxima da sua chegada e eu dou um pulo quando escuto meu interfone tocando.

Junto minhas coisas e saio do meu apartamento para ir ao seu encontro, e assim que eu atravesso a porta do meu prédio e o vejo, sinto minhas pernas vacilarem.

Ele está de bermuda preta e regata branca, deixando seu corpo definido bem à mostra. Os cabelos estão úmidos e bagunçados, com alguns fios caindo em cima de seus óculos de sol estilo aviador. Assim que ergue a cabeça e me vê, um sorriso genuíno brota em seus lábios.

— Ei, Lu. — Chego mais perto dele e me inclino para dar um beijo em seu rosto.

Ele curva sua boca para retribuir meu beijo e quando afasta, sorri para mim.

— Ei, Bia. Preparada para passar o dia me aturando?

Ele arqueia a sobrancelha me fazendo rir.

— Mal posso esperar. — Digo enquanto abro a porta do carro e me acomodo no banco do carona.

Passamos o trajeto conversando sobre amenidades, e quando percebo já estamos parados na porta de sua casa.

Antes mesmo que eu tire meu cinto de segurança, Lucas dá a volta no carro e abre a porta para mim com seu jeito cavalheiresco, fazendo meu coração se aquecer um pouco mais.

Entramos em sua casa e como ele havia dito, não há ninguém ali. Marcus, pelo jeito, saiu cedo para encontrar o Cadu, então seremos só nós dois. Um frio percorre minha espinha só de pensar nisso.

Chegamos à área da piscina e de dia ela é ainda mais bonita. O sol está bem favorável hoje, não muito quente e nem muito discreto.

Coloco minha bolsa em uma das espreguiçadeiras e fico olhando para o Lucas, um pouco desconcertada.

— Você quer beber alguma coisa, Bia?

— Agora não, Lu. Obrigada.

Ele assente com a cabeça. Chego perto da piscina e me abaixo para correr os dedos pela água.

— Está maravilhosa. — Eu viro a cabeça para ele e ele sorri para mim, tirando seus óculos escuros.

— Vamos entrar?

Assinto e me levanto, indo em direção a minha bolsa.

Lucas se vira de costas para mim e desce a bermuda, ficando apenas de sunga e camiseta, fazendo meu coração errar uma batida. Ele ergue os braços e puxa a camiseta, passando pela cabeça e a visão que eu tenho faz minhas pernas vacilarem.

Eu congelo no lugar onde estou e me aproximo dele a passos trôpegos, pois preciso ver de perto, preciso saber se não é ilusão de ótica.

Meu corpo todo amolece quando fico apenas a dois passos do Lucas e estico minha mão para tocar a tatuagem nas suas costas. Não sabia que ele tinha uma tatuagem ali, então as penas no início do seu ombro fizeram todo sentido: não eram penas e sim asas.

Asas de um anjo. Lucas tem o desenho de asas que vão desde o ombro até a

metade das costas, de um ombro ao outro. Eu coloco uma mão na boca para disfarçar meu espanto e deixo os dedos correrem com a outra por toda a extensão de suas asas.

Ele permanece imóvel em silêncio, me deixando absorver aquele momento. Então aquela lembrança do meu último encontro com o Vinícius vem à minha mente e me tira uma lágrima.

“E onde vou encontrá-lo? Como vou saber que é o seu presente?”

— *Ele terá asas.*

— *Asas?*

— *Sim, meu amor, asas. E quando você o vir, vai reconhecer, e saberá que é o meu presente para você.”*

Mais uma lágrima desce e eu a enxugo com os dedos. Meu presente estava comigo todo esse tempo e eu não sabia, agora tudo faz sentido.

— Elas são lindas, Lucas... — Minha voz é baixa, quase um sussurro, mas pelo ritmo de sua respiração, sei que ele me ouviu. — Um anjo... Combina com você. — Eu sorrio e ele se vira para ficar de frente para mim, logo surgindo uma ruga em sua testa.

— O que foi, Bia? Está chorando?

— Não é nada, não se preocupe, apenas me emocionei com sua tatuagem. É linda...

Ele sorri para mim e balança a cabeça assentindo, satisfeito por eu ter gostado.

— Vamos lá?

Eu assinto e começo a me despir enquanto o vejo dar um pulo na água.

— Vem, Bia! A água está uma delícia!

— Já vou... — Termino de tirar minhas roupas e assim que confiro meu biquíni, ando em direção a ele que me olha com devoção.

Pulo na água fazendo a maior bagunça e tiro uma gargalhada dele.

— Pensei que você fosse pular como uma mocinha.

Faço cara de ofendida para ele e jogo água em seu rosto, que desconta na mesma hora, me fazendo engasgar.

— Isso é desleal, Lucas. Você tem mais força do que eu. — Digo enquanto tento juntar mais água nas mãos para jogar no rosto dele.

Ele ri e me molha ainda mais, então tenho uma ideia. Pulo em cima dele e o empurro para baixo, lhe dando um mergulho forçado, mas não consigo mantê-lo

muito tempo debaixo da água, pois ele logo me derruba e me empurra para baixo, da mesma forma que eu fiz com ele.

Ele me mantém debaixo da água por um bom tempo e eu começo a bater nele para me soltar, e quando o faz eu retorno à superfície bufando.

— Ok, você venceu. — Digo sem fôlego.

Ele ri do meu jeito desconcertado e eu chego mais perto dele. Corro os dedos pelo seu braço, tocando suas tatuagens como queria ter feito antes.

— São lindas, Lu...

— Obrigado, linda. Você não tem nenhuma?

Nego com a cabeça enquanto faço o contorno do seu braço com os dedos, me demorando em cada detalhe.

— Por quê? Não gosta?

— Acho lindo, mas não tive coragem ainda. Na verdade não encontrei algo que quisesse muito fazer, por isso não me aventurei.

— Hmmm... Entendi. Realmente, você precisa ter muita certeza do que vai fazer.

— Bom que você tem tatuagens para mim e para você, né? — Eu rio enquanto afasto minha mão de seu braço, cruzando ao redor do meu corpo.

— Que nada. Quando decidir fazer, faço questão de te levar.

— Pode deixar, você será o primeiro a saber. — Eu pisco para ele sorrindo, mas meu sorriso some quando sinto uma fisgada na minha panturrilha.

— Ai...

— O que foi, Bia?

Lucas chega perto de mim com o olhar preocupado.

— Câimbra... — É tudo o que eu consigo falar antes que ele me pegue no colo e me carregue até a borda da piscina.

Eu estico minha perna e começo a massagear minha panturrilha em uma tentativa de alívio. Lucas chega e se senta ao meu lado, me olhando preocupado.

— Está doendo?

Confirmo com a cabeça e ele começa a massagear toda extensão da minha panturrilha, fazendo com que uma corrente elétrica percorra o meu corpo pelo simples fato de me tocar.

— Melhor?

Balanço a cabeça mais uma vez e ele continua seus movimentos, subindo e descendo pela minha perna. Suas mãos são firmes e macias, e ao mesmo tempo,

quentes, muito quentes. A dor vai amenizando e eu vou relaxando, e quando ela enfim vai embora, eu respiro aliviada.

— Passou, Lu. Obrigada...

— Imagina, Bia. É péssimo ter câimbra. Tem certeza de que não dói mais?

Balanço a cabeça em negativa e o sinto soltar minhas pernas, mas sem tirar os olhos de mim.

Um vento leve chega e balança meus cabelos, bagunçando minha franja. Lucas se aproxima mais um pouco e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Sua mão desce e faz todo contorno do meu rosto com delicadeza. Nossas respirações estão pesadas, posso ouvi-lo daqui, e meu coração erra uma batida quando ele se aproxima um pouco mais de mim.

Não desviamos nossos olhares enquanto ele continua a tocar meu rosto e então desce seus olhos para a minha boca. Eu sei o que ele quer, ele anseia pelo mesmo que eu, então me inclino um pouco em direção a ele para que ele possa entender isso.

Seus movimentos são feitos em câmera lenta, e quando percebo, seus lábios estão encostando os meus com delicadeza. Sinto meu corpo amolecer e meus lábios tremerem ao sentir seu hálito quente colado a mim.

Ele fecha os olhos e roça nossos lábios com suavidade, como se esperasse por uma autorização, então abro os meus lábios devagar.

Lucas segura meu rosto com as duas mãos e pressiona seus lábios nos meus com mais força, deixando sua língua deslizar para dentro da minha boca. Abro-a mais para recebê-lo e correspondo ao beijo mais gostoso da minha vida. Nossas línguas se enroscam e se perdem, e a sincronia que temos é perfeita.

Ele mordisca meu lábio inferior para me provocar e um sorriso de canto surge em sua boca. Passo as mãos pelos seus cabelos e o puxo em direção a mim, intensificando nosso beijo. Todo carinho e suavidade que eu sinto nesse beijo é algo inédito para mim, e eu poderia passar horas me perdendo nele que jamais me cansaria.

Então tudo fez sentido para mim. O presente do Vinícius, as asas em suas costas, a paz que ele me traz. Nada disso foi por acaso, foi obra do destino. Eu precisava de alguém para me salvar, então um anjo caiu na minha vida, o meu anjo...

Afasto-me suavemente de sua boca e sussurro ainda em seus lábios:

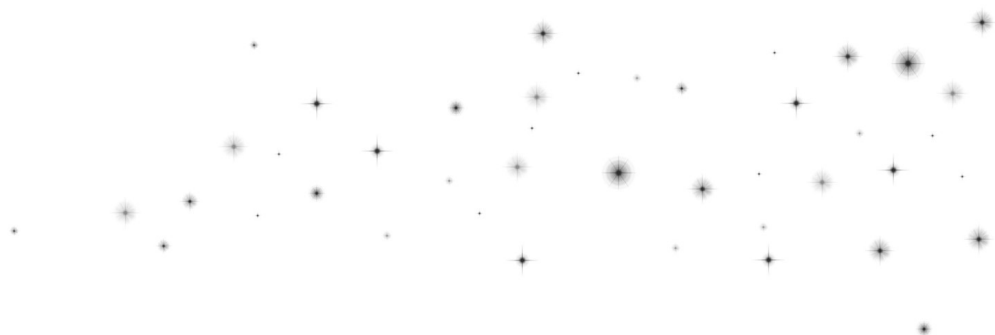
— Meu anjo...

Lucas desce as mãos para minha cintura e me aperta contra ele, me tirando o ar. Ele me beija de novo, de novo e de novo, e a cada vez seu beijo se torna mais sedento, como se precisasse de mim da mesma forma que preciso dele, como se eu lhe desse a mesma paz que ele me dá.

Nos beijamos por um longo tempo até que me afasto dele para recuperar o fôlego. Permanecemos com as testas coladas e os olhos fechados, apenas absorvendo o ar de cada um, como se tudo ao nosso redor tivesse parado e não existisse mais nada no mundo, só nós dois.

Ali, parada diante do homem que conseguiu amolecer meu coração, eu entendi: eu estava perdidamente apaixonada e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso.

Capítulo 23



— Como você prefere o ponto da carne, Bia? — Lucas se vira para me olhar enquanto mexe a carne na churrasqueira.

— Hmmm... Prefiro ao ponto. — Respondo enquanto me levanto para chegar perto dele, abraçando-o por trás.

— Essa é a minha garota. — Ele balança a cabeça concordando e vira seu corpo para ficar de frente para mim, me abraçando pela cintura.

Ele abaixa a cabeça e me dá um beijo longo e calmo, fazendo com que meu corpo inteiro se arrepie.

Lucas se afasta e me olha dentro dos olhos enquanto acaricia meu rosto com sua mão.

— Você é tão linda... — Sua mão me acaricia com devoção; eu deito minha cabeça em seu toque e beijo seus dedos.

Ele afasta nosso contato para voltar sua atenção à churrasqueira, tira o bife de lá e coloca sobre a tábua em cima da bancada de mármore. Então faz um corte na carne e sorri para mim.

— Está pronto. Vamos comer?

Confirmo enquanto o ajudo a trazer as coisas para a mesa. Pego pratos, copos e talheres e ele traz a carne e a salada que montou. Uma salada com várias opções de verduras, legumes e frutas, totalmente colorida.

Eu me sento à mesa e Lucas senta e levanta na mesma hora.

— Ah, esqueci o suco. — Ele vai até o freezer, pega uma jarra e coloca em cima da mesa, se sentando de novo. — Fiz abacaxi com hortelã que você gosta. — Ele sorri para mim, mostrando aquelas covinhas lindas.

— Obrigada, está delicioso. — Digo depois de dar um bom gole no suco.

— E qual mais você gosta? Para eu não ficar sempre repetindo?

— Ah, gosto de todos. Mas maracujá, laranja e morango são meus favoritos.

— Anotado então. Nas próximas vezes eu já sei.

— Lu, a comida está maravilhosa! — Ele sorri para mim enquanto me vê devorando meu prato, pois está mesmo muito bom.

— Obrigado, linda. De churrasco eu entendo. — Ele pisca para mim e me mostra mais uma vez sua tentação em forma de covinhas.

Terminamos nossa refeição com uma conversa leve e despreocupada, tanto que nem vemos a hora passar.

Depois de limparmos tudo, voltamos para a área da piscina e levamos as espreguiçadeiras para debaixo de uma sombra, onde nos deitamos para relaxar.

— Quando eu e o Marcus éramos crianças, costumávamos deitar aqui só para ver as nuvens.

— As nuvens? — Arqueio uma sobrancelha enquanto viro a cabeça para olhá-lo.

— Sim, o formato que elas têm. Cada um enxergava de uma forma e ficávamos brigando sobre quem estava certo. — Ele ri e me tira uma risada também.

— Imagino a cara emburrada do Marcus.

— Desse jeito mesmo... Está vendo aquela ali? — Ele aponta para uma nuvem maior ao alto. Confirmo com a cabeça e ele continua. — Então, eu vejo uma águia.

Eu olho para o borrão e não aguento, disparo a rir.

— Águia, Lucas? Que dia? Aquilo parece uma bola com um nariz.

— Ah, você não tem imaginação, Bia. Olha ali aquelas pontas se não são asas.

Eu olho para o borrão mais uma vez e nego com a cabeça.

— Que asas, Lucas? Você está doido!

— São asas sim, você que não tem imaginação o suficiente para enxergá-las.

— Você devia ser uma criança terrível, né? — Zombo dele enquanto dou um empurrão leve em seu braço.

— Que calúnia! Eu era um anjo! Por que acha que tenho essa tatuagem nas costas?

— Hoje eu vou concordar que você é um anjo, mas criança deve ter sido

um pestinha.

Ele solta uma gargalhada, cruza os braços em cima do peito e se vira para olhar para mim.

— Eu sou um anjo, é? — Ele me dá um sorriso de canto e me olha com tanta intensidade que me sinto zozza.

— É sim... É o meu anjo... — Meu rosto enrubesce e logo ele descruza os braços e pega minha mão, levando para perto do seu peito, e beija os nós dos meus dedos.

Ficamos um longo tempo em silêncio, de mãos dadas, apenas ouvindo a respiração do outro e sentindo a paz que aquele ambiente nos proporciona.

Pouco depois, ouço o som do portão da casa dele se abrindo e dou um pulo involuntário de susto.

— Relaxa, Bia. É só o Marcus.

Eu respiro aliviada e olho por cima do ombro, vendo um Marcus de bermuda, camiseta e óculos escuros se aproximando de nós. Se não fosse pela ausência das tatuagens, eu diria facilmente que era o Lucas andando em nossa direção.

Ele chega perto de nós, tira os óculos e acompanho seu olhar que desce até as nossas mãos entrelaçadas e me abre um sorriso satisfeito.

— Ei, gatinha. Aproveitou o dia hoje?

Eu me levanto para abraçá-lo e ele acaricia meus cabelos.

— Aproveitei bastante, Marcus. Essa piscina é maravilhosa.

— Não é? Temos que aproveitar essa época de calor para usá-la mais vezes, e você é sempre muito bem-vinda.

— Obrigada, gatinho. Não quer sentar?

Eu indico a espreguiçadeira vazia e me sento ao lado do Lucas, que me abraça pela cintura.

— E atrapalhar o caszinho? Não, obrigado. Não sou tão sacana assim.

— Marcus! — Eu o repreendo sentindo minhas bochechas pegarem fogo enquanto ouço a risada dos dois.

— Agradeço o convite, Bia, mas vou subir para tomar um banho e deitar, estou exausto.

— Hmmm... Não quero nem saber o que te deixou exausto Sr. Marcus Freire.

— Não é só você que tem o direito de namorar aqui, Srta. Beatriz Arantes.

— Marcus! — Eu viro um pimentão de tão vermelha e vejo meu amigo virando as costas e caminhando para dentro de casa gargalhando.

— Como você o atura o tempo todo? — Me viro para Lucas que está achando graça da situação.

— Eu te disse que ele era um porre e o que foi que você me respondeu? “*Coitado, Lucas.*” Ele é seu amigo, Bia, agora aguenta.

— É... Da próxima vez vou ter mais cuidado para escolher minhas amizades.

Ele ri e eu me aconchego em seu ombro. Ele faz carinho nos meus cabelos e se inclina para beijar minha cabeça.

O dia passa voando mais uma vez e quando percebo, está começando a escurecer.

— Lu, me leva para casa? Já está ficando tarde...

— Claro, minha linda.

Ele calça seus chinelos e me ajuda a pegar as minhas coisas para caminharmos em direção ao carro.

Fazemos o trajeto até a minha casa apenas ouvindo música e dentro de quinze minutos estamos na minha porta.

Descemos do carro e ele para na minha porta, colocando as mãos no bolso e me olhando com um sorriso contido.

— Obrigada pelo dia, Lucas. Foi maravilhoso.

— Eu quem tenho que agradecer, linda. Adoro o tempo que eu passo com você.

— E... Sobre hoje... — Começo a falar com certo desconforto e Lucas me interrompe, tirando as mãos do bolso e pegando as minhas, entrelaçando nossos dedos.

— Não se preocupe, Bia. Nós vamos com calma, ok? Eu não vou apressar as coisas, isso eu te prometo. Tudo no seu tempo. — Ele ergue minhas mãos até a altura dos seus lábios e beija cada um dos meus dedos.

— Obrigada, Lucas. De verdade. Obrigada por compreender.

— Sempre, linda. — Ele pisca para mim e abaixa nossas mãos, mas sem soltá-las.

Lucas se aproxima mais de mim e passa os braços ao redor da minha cintura, colando nossas testas. Com os olhos fechados, ficamos um momento em silêncio e logo depois ele me beija. Um beijo mais curto, suave e cheio de significados. Ele mordisca meu lábio inferior e abre os olhos antes de se afastar

de mim.

— Boa noite, minha linda.

— Boa noite, meu anjo. — Sou recompensada com um par de covinhas lindo e um Lucas todo sorridente.

Ele me dá um último selinho e se vira para entrar no carro.

Depois que subo ao apartamento e tomo um banho, começo a me ajeitar para deitar. Mas antes que eu possa pegar no sono, sinto meu celular vibrar.

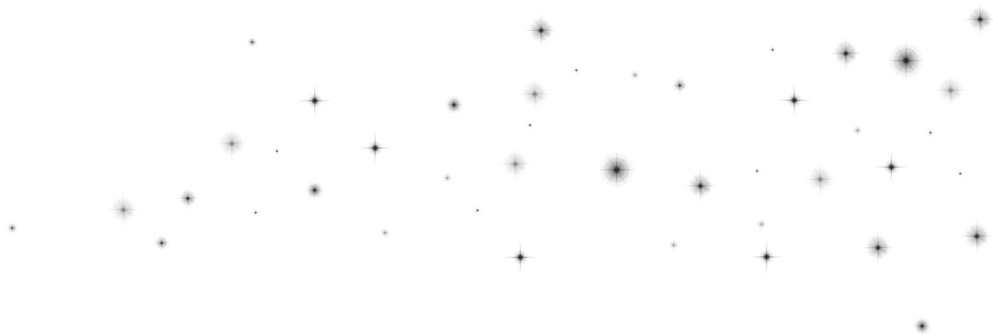
“Se a cada vez que eu pensasse em você uma estrela no céu se apagasse, talvez nessa imensidão do céu nenhuma estrela mais brilhasse. Boa noite, linda. Adorei passar o dia com você.”

Releio a mensagem várias vezes e a cada vez meu sorriso se alarga mais. Viro de lado na cama e começo a digitar.

“Se depender de mim, não restará nenhum brilho no céu. Boa noite, anjo. Obrigada pelo dia perfeito.”

Bloqueio a tela do celular e desligo o abajur, fechando os olhos para dormir. Um sorriso de canto surge na minha boca, e é com esse sorriso que eu me entrego a mais uma noite de sono.

Capítulo 24



Sentada numa pedra à beira-mar, eu vejo as ondas quebrando abaixo de mim e a brisa que balança meus cabelos preenche meu ser de uma paz inconfundível, me fazendo fechar os olhos. Quando os abro, vejo que ele está sentado ao meu lado e então antes mesmo de olhá-lo eu sorrio.

— Ei, Vi. — Me viro para olhar dentro daqueles penetrantes olhos azuis, da cor do céu, da cor do mar.

— Oi, meu amor. — Ele sorri para mim enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você sumiu... Isso é um bom sinal? — Dobro meus joelhos e os envolvo com meus braços, ficando de frente para ele.

— Você está se saindo muito bem, Bia. Estou muito orgulhoso de você. — Seu sorriso é sincero e perceber que estou deixando-o orgulhoso me deixa extremamente feliz. — Vi que você encontrou meu presente... — Ele abaixa a cabeça e me lança um olhar tímido.

Eu apenas confirmo com a cabeça, pois não sei bem o que dizer.

— Obrigada.

Ele assente com a cabeça e sorri para mim.

— Você está feliz?

— Muito, Vi. De verdade...

— Que bom, linda. Você não sabe como fico feliz. A sua felicidade é o que mais importa para mim.

Sorrio para ele e solto meus joelhos para pegar suas mãos e trazer para junto de mim.

— Obrigada por se lembrar de mim.

— Eu nunca vou me esquecer de você, amor. Mesmo que não possa me ver, eu sempre estarei ao seu lado. Eu sempre vou cuidar para que você seja muito feliz, pois não merece nada menos que isso.

Confirmo com a cabeça mais uma vez enquanto beijo suas mãos com carinho. Ficamos um tempo em silêncio apenas nos olhando até que ele decide quebrá-lo.

— Ah, Bia. Já ia me esquecendo... Dê os parabéns à Sam e ao Júlio por mim.

— Pelo quê? — Pergunto arqueando uma sobrancelha.

— Pelo bebê... Sei que eles serão pais incríveis.

— Mas a Sam ainda não está grávida, está tentando.

Ele abre um sorriso gigante para mim e então minha ficha cai.

— Sério? — Coloco a mão na boca para conter minha surpresa.

Ele confirma com a cabeça ainda sorrindo para mim.

— Mas como...?

Vinícius dá de ombros e eu percebo que essa é apenas mais uma daquelas coisas que só ele sabe.

Eu fico parada em choque e quando me recomponho, eu sorrio.

— O Júlio vai pirar quando ficar sabendo, ele está louco para ser pai.

— Eu sei, Bia. Diga a ele que vai dar tudo certo e que ele vai ser um puta de um pai, tenho certeza.

— Pode deixar que vou dizer sim. Ele vai adorar saber disso, pois sente muito a sua falta.

— Eu sei, meu amor. Mesmo que nenhum de vocês me veja, eu jamais saí de perto de vocês. Sempre estive ali e sempre estarei.

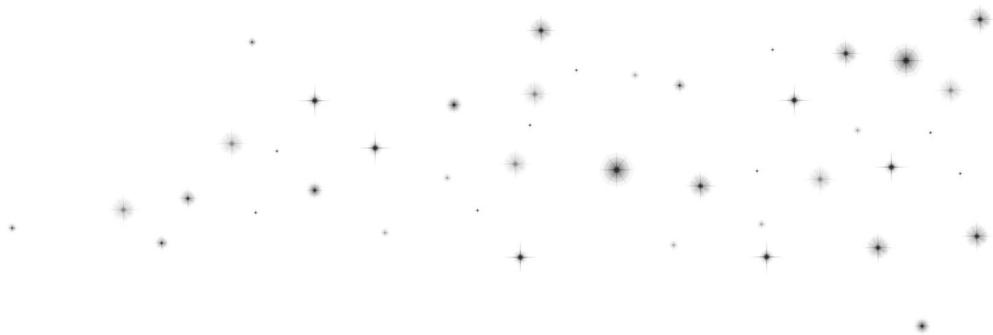
— Eu sei, Vi... Hoje eu entendo e te agradeço muito por isso.

— Não é para isso que servem os anjos?

Ele pisca para mim e seu sorriso se alarga, me pegando pela mão e me puxando para perto de si. Eu me aninho em seu ombro e suspiro, relaxando ao sentir seu calor.

Sei que não vou vê-lo sempre, sei que vai chegar um dia que ele simplesmente não vai voltar. Mas enquanto esse dia não chega, eu aproveito cada pedacinho que vem dele e cada segundo passado ao seu lado que, para mim, sempre será eterno.

Capítulo 25



— Bom dia, Sam!

— *Bom dia, Bia. Acordou animada, amiga?*

— Muito! Você está em casa?

— *Onde mais eu estaria em pleno domingo de manhã?*

Eu rio e pelo tom da sua voz imagino que nem deve ter se levantado da cama ainda.

— O Júlio também está aí?

— *Está sim, Bia. Por quê?*

— Daqui a pouco te explico. Chego aí em meia hora.

— *Você está vindo para cá agora? Aconteceu alguma coisa?*

— Não aconteceu nada, amiga, relaxa. Chegando aí eu te explico.

— *Tudo bem então. Aproveita que você já está vindo e fica para o almoço.*

— Perfeito, Sam. Já, já eu chego.

Me despeço dela e desligo o telefone. Estou prestes a fazer uma loucura, mas eu confio no Vinícius, eu sei que ele não estava brincando.

Tomo um banho, me arrumo e vou andando até a farmácia na esquina da minha rua, onde eu compro um teste de gravidez. Só então chamo um Uber.

Depois de quase dez minutos eu chego ao prédio dos meus amigos. Meu coração dispara quando toco o interfone e abro a porta para entrar. Subo pelo elevador e encontro a Sam já me esperando na porta, com a testa franzida.

— Agora você vai me dizer o porquê do desespero para vir? — Ela cruza os braços e me lança um olhar interrogativo, com seus olhos castanhos cintilando. Samanta está de short jeans e camiseta e seus cabelos negros ondulados estão presos em um coque frouxo.

— Oi, amiga, é bom te ver também. — Ela faz uma careta enquanto eu a abraço antes de entrar em seu apartamento.

— Ei, Bia! Que bom ver você, maninha. — Júlio surge de dentro do corredor, sorrindo ao me ver. Está de bermuda e regata azul, dando um toque azulado aos seus olhos verdes. Os cabelos loiros estão molhados e meio bagunçados, e sempre que eu o vejo sinto uma fisgada no coração, pois mesmo não sendo irmão de sangue sempre foi muito parecido com o Vinícius, e esse apelido carinhoso que ele usa comigo é justamente em virtude da irmandade dos dois.

— Ei, Júlio. Bom saber que alguém aqui está feliz em me ver. — Eu pisco para a Sam antes de abraçar meu amigo, e ela revira os olhos para mim.

— Agora é sério, Bia. Aconteceu alguma coisa? Você está me deixando preocupada... — Minha amiga descruza os braços e caminha em nossa direção.

— Na verdade, sim. Mas é uma coisa boa. Só um instante... — Digo enquanto abro a minha bolsa, tiro de lá o teste de gravidez e estendo para ela, deixando meu casal de amigos confuso.

— O que é isso, Bia?

— Um teste de gravidez, dã... — Reviro os olhos para ela, tirando uma risada do Júlio.

— Eu sei, né? Mas não estou entendendo porque você trouxe isso para mim, eu ainda não estou grávida.

— Faça o teste, por favor.

— Mas, Bia, minha menstruação não está atrasada e eu nem estou sentindo nada. Não faz sentido...

— Quer calar a boca e fazer logo esse teste antes que eu te obrigue?

Júlio ri e pega o teste da minha mão, entregando para a Sam.

— Faz logo, amor, não custa nada.

— Mas, gente...

Fuzilo a Sam com o olhar e ela ergue os braços se rendendo.

— Ok, eu vou. Mas você está perdendo seu tempo.

Ela vira as costas para nós dois e vai em direção ao banheiro, nos deixando na sala.

Eu me sento no sofá para esperar e Júlio se junta a mim, sentando ao meu lado.

— O que foi isso, Bia? Confesso que também achei bem estranho.

Coloco as mãos no ombro do meu amigo e sorrio.

— Vamos esperar e logo vou contar para vocês.

Minutos depois volta uma Sam cambaleando pelo corredor, se escorando na parede da sala para não cair. Seus olhos estão arregalados e meu sorriso se abre ao constatar que ele estava mesmo certo.

— O que foi, amor? — Júlio se levanta e vai em direção a Sam, pegando-a pelo braço.

Ela não diz nada, apenas levanta o palito cor de rosa para o marido com os dois traços marcados.

Júlio arregala os olhos e sua boca abre e fecha duas vezes antes que ele se vire para mim.

— Como... Como você sabia?

Bato as mãos no sofá indicando para que se sentem ao meu lado e logo estou no meio dos dois, segurando a mão de cada um.

— Sam, você contou ao Júlio sobre os meus sonhos com o Vinícius?

Ela confirma com a cabeça e eu respiro fundo antes de continuar.

— Essa noite eu sonhei com ele mais uma vez, e nesse sonho ele me pediu para dar os parabéns a vocês pelo bebê. Pode parecer loucura, gente, mas ele nunca erra. Por isso, assim que acordei, comprei o teste e trouxe logo para vocês.

Olho para os lados e vejo que eles estão em silêncio, com lágrimas rolando pelo rosto, e eu só consigo sorrir.

— Ele me disse que vocês serão pais incríveis e eu não tenho como discordar disso. — Aperto suas mãos e os puxo para um abraço coletivo, sentindo toda emoção que vem deles.

— Eu sinto tanta falta daquele filho da puta, Bia... Você não faz ideia. — Júlio se levanta do sofá e respira fundo, tentando controlar as lágrimas sem sucesso.

— Eu sei, Júlio. Mas mesmo que vocês não possam vê-lo, ele sempre está presente.

Ele assente e abaixa a cabeça, secando as lágrimas com os dedos.

Me solto dos braços de Sam e me levanto, indo de encontro a ele.

— Vai dar tudo certo, maninho. E você será um puta de um pai, palavras do Vinícius.

Ele ri por entre lágrimas e me puxa para um abraço.

— Obrigado por isso. E se o vir de novo, diga que ele ainda está me

devendo uma cerveja.

Nós dois rimos e eu me separo de seus braços para olhar para Sam, que ainda está sentada, em choque, sem conseguir processar essa notícia.

Eu me ajoelho em sua frente e pego suas mãos, fazendo com que ela olhe para mim.

— Ei, amiga. Você vai ser mãe, tem noção disso, sua louca? Tem um serzinho dentro de você.

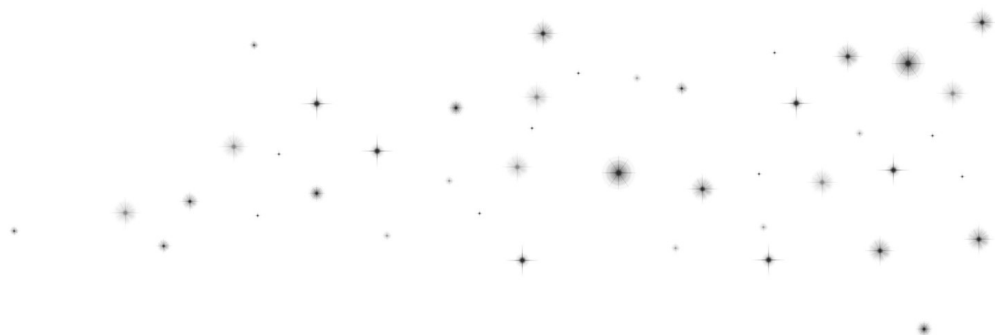
Ela me abre um sorriso enorme e eu solto nossas mãos para colocar em sua barriga.

— Parabéns, Sam. Estou muito feliz por vocês.

— Obrigada, Bia.

Ela se levanta e vai em direção ao seu marido que está parado no meio da sala nos olhando. Ele ergue sua mão para ela e a puxa para os seus braços. Vejo os meus melhores amigos abraçados, sorrindo entre lágrimas, e sinto uma felicidade genuína dentro de mim. Ele sempre vai cuidar para que sejamos felizes e agora, mais do que nunca, tenho certeza disso.

Capítulo 26



— Estava pensando em fazer o almoço hoje, mas acho que depois dessa notícia podemos almoçar fora, né? — Samanta se vira para mim e para o Júlio depois de passarmos um longo tempo conversando na sala.

— Eu acho ótimo, amor. Que tal uma churrascaria?

— Perfeito! Tudo bem para você, Bia?

— Vocês tem certeza de que não preferem comemorar sozinhos? — Eu os olho desconfiada e eles logo balançam a cabeça negando.

— Lógico que não, maninha. Você faz parte da família, e além do mais, quem trouxe a boa notícia foi você...

— É verdade, amiga. Aproveita e chama o Lucas para ir com a gente!

— Tem certeza, Sam?

— Claro! Agora que temos o Lucas, você não precisa mais ficar de vela nos nossos encontros.

Jogo uma almofada na cabeça da minha amiga e ela ri, atirando-a de volta na minha direção.

— Espera aí... — Júlio se vira para mim e coloca a mão no queixo, fingindo coçar. — O que está rolando entre vocês, Bia? Você sabe que precisa da minha aprovação, né?

— Amor, a Bia é livre para namorar quem quiser, não precisa de aprovação coisa nenhuma.

— Ei, vocês dois! Não tem ninguém namorando aqui! Nós nos beijamos pela primeira vez ontem e vocês acham que amanhã já vou marcar o casamento?

Assim que as palavras saem da minha boca eu me arrependo por ver a reação da Sam.

— Como assim vocês se beijaram e você não me contou nada, dona

Beatriz? — Sam me fuzila com o olhar e atira uma almofada no meu ombro.

— Ei! Em minha defesa, eu tinha uma notícia mais importante para te dar! O beijo podia ficar para depois.

— Vou te perdoar dessa vez, Beatriz. Mas só dessa vez! Prometo te matar da próxima vez que ficar escondendo esses detalhes de mim.

— Pode deixar, Sam.

Conto sobre o dia de ontem para os dois e Sam me olha vidrada, batendo palmas de empolgação.

— E onde você conheceu ele, maninha?

— No luau, Júlio. Ele é irmão do Marcus, meu colega de trabalho.

— Ah, sim. Lembrei! Era um dos gêmeos, né?

— Isso!

— Bacana... E você está feliz, Bia?

— Muito, maninho. É tudo muito novo para mim, sabe? Mas ele torna meus dias mais leves, mais tranquilos. Lucas me traz uma paz fora do comum.

— É lógico que ele a faz feliz, amor. Olha o sorriso bobo na cara dela.

— Samanta! — Devolvo a almofada que passa de raspão em seu ombro e a faço rir.

— Mas é mentira, Bia? Em um ano eu nunca te vi sorrir tanto...

Abaixo minha cabeça para disfarçar meu constrangimento e fico em silêncio, pois não tenho nem como discordar dela.

— Então liga para ele logo, Bia. Estou doido para conhecer o cara que está fazendo minha maninha sorrir. — Júlio pisca para mim e me mostra um sorriso sincero, enchendo meu coração. É tão bom saber que tenho pessoas que se preocupam comigo.

Confirmo com a cabeça enquanto tiro o celular da bolsa e disco o número do Lucas, que logo me atende.

— *Ei, Bia. Bom dia!*

— Bom dia, Lu. Tudo bem?

— *Estou ótimo, linda. E você?*

— Excelente! Me diz uma coisa, você tem planos para o almoço hoje?

— *Ia ficar em casa mesmo. Por quê?*

— Estou indo almoçar fora com a Sam e o Júlio, não quer ir com a gente?

— *Claro, vou sim! Onde vocês estão pensando em ir?*

— Vamos naquela churrascaria lá do centro, pode ser?

— *Perfeito! Que horas te encontro lá?*

Olho para meus amigos que sinalizam com as mãos e o respondo.

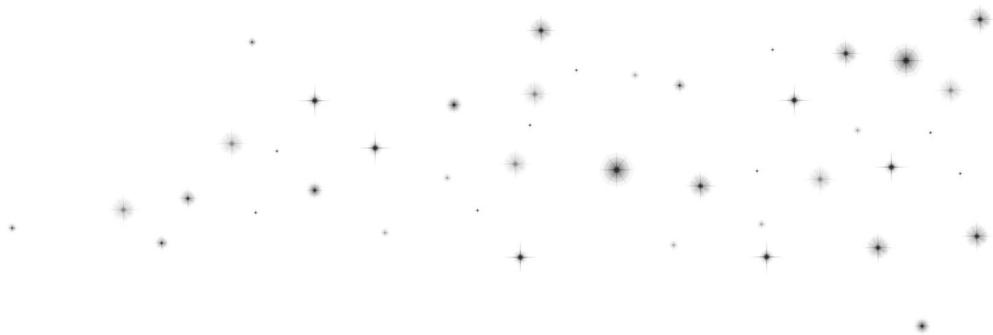
— Meio dia está bom para você?

— *Está ótimo, linda. Combinado. Um beijo.*

— Beijo, Lu.

Desligo o telefone e me viro para os dois que estão me olhando radiantes. Encosto a cabeça no sofá e fecho os olhos. Eu devo estar com o sorriso abobado no rosto que a Sam disse, e por mais que eu tente negar Lucas tem me feito sorrir como nunca. Ele me faz feliz simplesmente por existir na minha vida.

Capítulo 27



Júlio para o carro no estacionamento e quando desço e caminho em direção à porta do restaurante, sinto meu estômago congelar. Lucas está parado na porta, de cabeça baixa, mexendo no celular encostado na parede. Está de camisa polo verde e calça jeans, e mesmo estando de perfil vejo como está estonteante.

— Amiga, você tirou a sorte grande. Esse Lucas é muito gato!

Eu enrubesço na hora e Júlio cutuca minha amiga provocando.

— Mas é verdade, gente! — Ela responde brava e nos tira uma gargalhada.

— Nisso eu vou ter que concordar, Sam. Ele é perfeito...

— Olha aí amor, a cara de boba alegre.

Dou um tapa no ombro da Sam e deixo os dois rindo quando acelero o passo para encontrá-lo. Quando vou chegando perto, Lucas ergue o olhar e me abre aquele sorriso perfeito.

— Ei, linda. — Ele estende a mão para mim e quando pego, me puxa para perto de si em seu melhor abraço.

Quando me afasto dele, ele não solta a minha cintura e mantém nossos rostos bem próximos. Eu fico sem reação, pois, por mais que eu queira muito beijá-lo agora, sei que meus amigos estão atrás de mim. Mas o que há de errado nisso? Seu cheiro é tão bom e seus lábios vermelhos e molhados estão chamando por mim, então fica difícil resistir.

Me inclino devagar para diminuir nossa distância e encosto meus lábios nos seus em um beijo breve. Me afasto para olhar em seus olhos, e lá dentro eu vejo o reflexo dos meus.

— Oi, anjo. Deixa eu te apresentar meus amigos.

Me afasto do Lucas e ele busca a minha mão enquanto eu me viro e caminho alguns passos na direção dos dois.

— Gente, esse é o Lucas. Lu, esses são Sam e Júlio. — Gesticulo para eles que se cumprimentam com um aperto de mão.

Lucas não solta a minha mão enquanto entramos na churrascaria, e assim que nos acomodamos em uma mesa ele se senta ao meu lado e pega a minha mão por cima da sua coxa.

— Vamos de rodízio hoje? — Júlio quebra o silêncio após avaliar o cardápio.

— Boa pedida! — Lucas responde e olha para nós que confirmamos com a cabeça.

O garçom se aproxima e anota nossos pedidos, logo voltando com os pratos e talheres para o rodízio.

— Então, tem alguma comemoração especial? Ou é um almoço aleatório mesmo? — Lucas pergunta enquanto acompanha o churrasqueiro cortar sua carne.

— Sim! Eles vão ter um bebê, anjo. Não é demais? — Eu digo empolgada, e só percebo o que eu disse quando Samanta me lança um olhar travesso. Eu preciso urgentemente aprender a ficar calada perto dela.

— Poxa, sério? Parabéns!

— Valeu, cara. Ainda não caiu a ficha, saca?

— Ah, posso imaginar. Mas pelo que ouço a Bia falar de vocês, sei que serão excelentes pais.

— Ah, obrigado, Lucas. Então essa moça fala muito de nós?

— Bastante. Fico feliz de finalmente conhecer vocês.

— Nós também. Eu estava curioso para saber quem era o cara que estava fazendo minha maninha sorrir novamente.

O comentário do Júlio me faz corar e sinto Lucas acariciar minha mão ainda apoiada em sua coxa.

Comemos durante horas e conversamos bastante. Lucas e Júlio se deram bem logo de início e senti um enorme alívio por isso, pois apesar de ainda estar começando a construir um relacionamento com ele, é importante para mim que se dê bem com meus amigos.

Depois de estarmos tão cheios a ponto de sairmos rolando do restaurante, pedimos a conta e caminhamos em direção à saída. Quando chegamos ao estacionamento e eu vou em direção ao carro da Sam, Lucas me puxa com delicadeza e me diz em voz baixa:

— Vem comigo, linda. Eu te deixo em casa.

Olho para meus amigos que balançam a cabeça assentindo e eu dou um abraço neles agradecendo e parabenizando mais uma vez pela gravidez. Eles se despedem do Lucas também e o fazem prometer que sairemos juntos de novo.

Caminhamos em direção ao carro dele e quando entro já vou logo ligando o som.

— Skid Row?

— Eu adoro essa música, Bia. Você gosta?

— Existe um ser humano que não gosta de *I remember you*? Embora ela seja um tanto triste.

— Verdade, mas é bom ouvir músicas “deprês” de vez em quando.

Eu rio e aumento o som, enquanto ele dirige pelas ruas de Monte Castelo. O dia está lindo hoje e ver a paisagem da cidade de dentro do carro é revigorante.

Pouco depois, ele para na porta do meu prédio e desliga o carro. Eu abaixo o som e me viro para ele.

— Você vai fazer o quê agora, Lu?

— Nada demais, Bia. Vou para casa mesmo.

— Quer subir para ver um filme? Tenho sorvete no freezer.

— Tentador, hein? Mas você não prefere descansar?

— Que nada! Vou passar o dia vendo TV de qualquer forma.

— Então está ótimo.

Saímos do carro e caminhamos até o meu apartamento de mãos dadas. Assim que chegamos à porta, ele me solta para eu pegar as chaves e abrir.

Gesticulo para ele entrar e o deixo na sala enquanto vou à cozinha buscar o sorvete e duas taças.

Quando volto Lucas está acomodado no sofá, e vejo que tirou os calçados, ficando apenas de meias, com os pés em cima da mesinha de centro, me fazendo sorrir por vê-lo tão à vontade na minha casa.

— E o que você quer assistir?

— Qualquer coisa, Lu. Pode escolher.

— Tem certeza?

— Vá em frente. — Respondo colocando uma colher de sorvete na boca enquanto ele procura por filmes na Netflix.

Lucas escolhe um filme de ação e por mais que eu não goste muito, devo confessar que esse me prendeu do início ao fim.

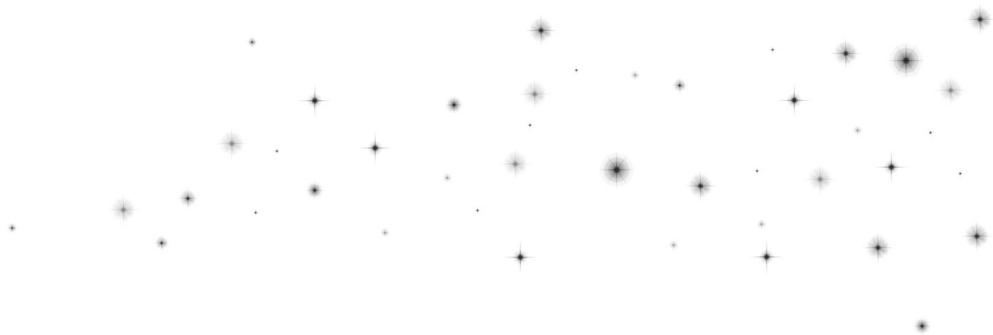
Quando termina, escolhemos um de suspense e me aninho em seu colo para

assistir. Minha cabeça está deitada em sua coxa e ele acaricia os meus cabelos enquanto assistimos, e meu coração se enche de uma forma que nem sei explicar.

Se eu olhar para a minha vida há alguns meses, nem acredito na reviravolta que teve. Talvez a antiga Beatriz não aprovasse a de agora, pois parte de mim acredita que tudo isso é errado. Mas como pode ser errado se ao mesmo tempo é tão certo?

Me aconchego mais em seu colo e ele acaricia meu rosto e meus cabelos com tamanha delicadeza, me fazendo sorrir. Me sinto feliz como há muito não sentia e, para mim, não há nada mais certo do que isso.

Capítulo 28



A minha vida nas semanas seguintes se resumiu em trabalhar, caminhar com o Lucas à noite e ficar com ele aos finais de semana. Ele sabe que eu sempre fico sozinha nesses dias e está sempre passando mais tempo comigo, o que eu não acho nem um pouco ruim.

Hoje mesmo é sábado, e combinamos de ir à praia juntos para aproveitar o dia que está lindo. Marcamos de ir no fim da tarde para pegar o pôr do sol, coisa que amamos.

Vou caminhando em direção à praia para encontrá-lo. Assim que chego à orla, vejo meu anjo sentado na areia sem camisa, me mostrando aquelas asas lindas.

— Oi, anjo. — O cumprimento assim que me sento ao seu lado na areia.

— Oi, amor. — Ele sorri para mim e toca o meu rosto para me dar um beijo breve nos lábios. Há pouco tempo ele começou a me chamar de amor e confesso: meu coração derrete toda vez que ele me chama assim. — Como foi seu dia hoje? — Ele me pergunta enquanto passa o braço em torno da minha cintura, me puxando para mais perto de si.

— Foi tranquilo. Fiquei em casa mesmo, curtindo a preguiça. — Eu sorrio para ele, que somente arqueia uma sobrancelha para mim.

— E você almoçou bem? Ou comeu aquelas porcarias de sempre?

— Para você brigar comigo? Não mesmo. Comi carne e salada. Satisfeito, Sr. Lucas?

Ele gargalha e beija o topo da minha cabeça.

— Não satisfeito porque eu detesto que me chame assim. Mas fico muito feliz que tenha me ouvido. Falando nisso, minha mãe pediu para eu te chamar para almoçar lá em casa amanhã.

Eu me afasto de seu abraço e ergo o olhar para ele franzindo o cenho.

— O que foi, Bia?

— Ah, Lu, não sei... Estou com um pouco de medo.

— Medo de quê, amor? Você já os conheceu e eles adoraram você.

— Mas é diferente, anjo. Nós ainda não éramos... — Então minha frase morre, porque nem eu sei definir ainda o que eu e Lucas somos. É ridículo dizer que somos amigos, pois passamos disso há muito tempo, mas não posso intitular como namoro ainda, pois não demos um passo tão grande assim. Estamos indo devagar, construindo nosso relacionamento, e eu estou adorando tudo, mas ainda não sei como rotular minha relação com ele.

— Não éramos o quê? — Ele me pergunta com olhar travesso, só para me deixar desconfortável.

— Você sabe. — Reviro os olhos e dou um tapa leve no ombro dele, que ri.

— Eu sei, linda. Seu medo então é de que eles não nos aprovem, é isso?

Assinto com a cabeça.

— Talvez me achem complicada demais para ficar com você. — Abaixo a cabeça e ele ergue meu queixo, me fazendo olhar para ele.

— E quem disse que eu gosto de coisas fáceis? Adoro um desafio. — Pisca para mim e me abre um largo sorriso, me fazendo sorrir. — Amor, eles já adoram você, não precisa se preocupar. E mesmo que não gostassem, teriam que aceitar, pois é com você que eu quero ficar.

Ele me puxa de novo para si, me acolhendo em seus braços fortes, e eu sinto meu corpo inteiro derreter. Levanto minha cabeça apenas para olhá-lo e me inclino para encostar meus lábios nos seus. Dou uma série de selinhos curtos, lhe fazendo sorrir, então ele toma meu rosto com suas mãos e aprofunda nosso beijo.

Nossas línguas entram em um ritmo constante de harmonia e vez ou outra ele interrompe para beijar meu rosto, meu pescoço e o canto da minha orelha. Depois retorna à minha boca e me beija com uma sede que parece que vai me devorar ali mesmo, na praia. Nossas respirações ficam pesadas e ele desce suas mãos para minha cintura, me apertando com mais urgência.

Eu puxo seus cabelos para trazê-lo para mais perto de mim e da mesma forma que o beijo começa, ele termina. Eu me afasto com relutância e encosto minha cabeça em seu ombro, retomando meu fôlego. Lucas entende minha pausa e apenas passa os braços ao redor dos meus ombros, me abraçando com carinho.

— Você me deixa louco...

Meu coração erra uma batida e borboletas voam descontroladamente dentro do meu estômago quando ouço suas palavras em um sussurro rouco.

Eu levanto a cabeça para olhar em seus olhos e tudo que eu vejo dentro deles me faz perder o ar. Ele ergue sua mão e faz o contorno do meu rosto com os dedos, deixando um rastro de arrepio em cada pontinho que ele toca.

— Você me faz tão bem, amor. É tudo novo para mim, sabe? Nunca senti nada igual por ninguém antes. Só sei que estou me apaixonando por você, Bia...

Suas palavras entram pelos meus ouvidos em forma de música e disparam meu coração, me fazendo tremer.

Eu sei o que ele está sentindo por que eu sinto o mesmo por ele. Só que no meu caso eu já experimentei essa sensação antes, mas ela é, ao mesmo tempo, diferente. O que eu sentia pelo Vinícius é diferente do que eu sinto pelo Lucas hoje de uma forma que eu não sei explicar. Só sei sentir...

Pego sua mão do meu rosto e trago para minha boca, plantando um beijo ali.

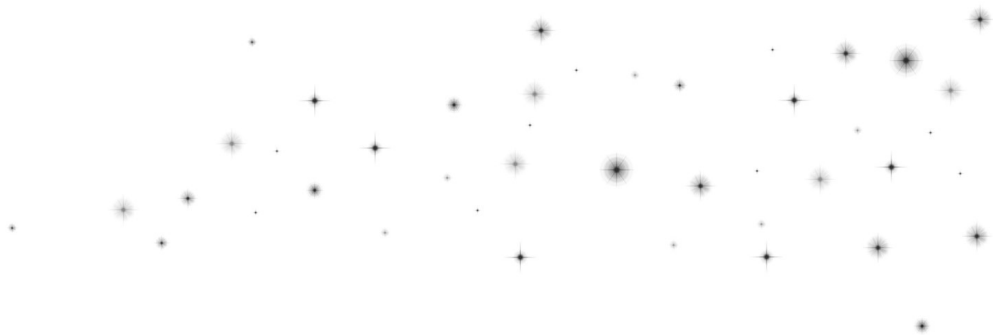
— Eu sei, anjo. Também me sinto assim.

Seu sorriso se alarga e ele me puxa mais uma vez para seus braços, me fazendo afundar o rosto em seu peito. Meu ouvido cola em seu coração e posso ouvir daqui a frequência com que ele bate descompassado dentro do seu peito e esse é o melhor som que já pude ouvir.

O sol se põe e ainda estamos abraçados na areia, alheios a tudo que acontece ao nosso redor. Nenhuma palavra é dita por nós, estamos apenas escutando o som das ondas se quebrando e o próprio som dos nossos corações, da nossa alma.

E posso dizer com convicção que esse foi, de longe, o momento mais perfeito que eu vivi até agora com o Lucas.

Capítulo 29



— Ainda está nervosa, amor? — Lucas pergunta enquanto me conduz para dentro de sua casa.

— Ouvir você me chamar de amor dentro da sua casa não está ajudando em nada. — Eu digo, conseguindo tirar uma gargalhada gostosa dele.

— Desculpa, Bia. Se for te deixar mais confortável, eu posso te chamar apenas pelo seu nome aqui.

Existe um ser mais fofo que o Lucas? Eu acho que não! Sua proposta é bem tentadora mesmo, pois acho que evitaria uma série de perguntas. Mas a quem estou querendo enganar? Seus pais já sabem do nosso envolvimento e o fato de ele me chamar pelo nome ou não, não muda nada.

— Não precisa, anjo. Se você me tratar diferente, eu vou ficar mais nervosa.

— Tudo bem então, linda. — Ele sorri para mim enquanto pega minha mão e me conduz para dentro da cozinha.

— Bia! Que bom te ver mais uma vez, querida! — Elisa larga o que estava mexendo para vir me receber com um abraço caloroso, fazendo meu nervosismo ir para o espaço.

— Obrigada pelo convite, Elisa. Meus almoços aos fins de semana são um tanto solitários.

— Ah, então te espero aqui em casa todos os domingos a partir de agora. Aos sábados os meninos me passam a perna e acabam escapando de casa, mas no domingo eu os mato se deixarem de almoçar comigo! — Elisa faz uma cara de brava, me tirando uma gargalhada. Ela é uma graça!

— Eu vou adorar, Elisa. Obrigada mais uma vez.

Lucas me conduz até a sala de TV da sua casa, onde vejo Marcelo e Marcus

vidrados assistindo ao grande prêmio de Fórmula 1.

— Quem está na frente, pai? — Lucas pergunta chegando perto dos dois.

— Hamilton, como sempre. — Marcelo responde sem tirar os olhos da tela, mas parece perceber que Lucas não está sozinho e ergue o olhar para mim, sorrindo. — Ah, oi Bia. Desculpa não ter te visto. — Ele se levanta e vem me cumprimentar em um abraço contido.

— Não tem problema, Marcelo. Vê-lo assistindo Fórmula 1 me lembrou o meu pai, ele adora.

— Ah, temos bom gosto então. — Ele pisca para mim, se sentando de novo.

— Ei, gatinha. — É a vez de Marcus se levantar e me dar um abraço bem apertado.

— Ei, Marcus. Já estava com saudades de mim? Me vê tão pouco, coitado...

— Sabe que eu adoro você, mas não abuse, Beatriz.

Eu rio dando um tapa em seu peito, lhe tirando uma gargalhada também.

Lucas me convida para sentar com eles no sofá, mas eu nego com a cabeça.

— Vou ver se sua mãe precisa de ajuda.

Ele assente e me dá um beijo na testa antes de se juntar aos outros dois.

Saio dali e vou ao encontro de Elisa na cozinha, que está tirando alguma coisa do forno.

— Precisa de ajuda?

Ela se vira para trás e sorri ao me ver.

— Já está praticamente tudo pronto, Bia. Só estou terminando de montar a salada agora. Você pode me ajudar a fatiar os pães se quiser.

— Claro, pode deixar.

Eu me encosto à bancada ao lado da Elisa enquanto trabalhamos para terminar o almoço e ela não para de falar um segundo, me tirando várias risadas.

— Eu não estava brincando quando disse que quero te ver aqui todos os domingos, viu? — Ela para o que está fazendo e se vira para me olhar com um sorriso sincero no rosto. — Eu nunca vi meu filho sorrir tanto como sorri desde que te conheceu. E uma mãe sempre quer ver os filhos felizes.

Suas palavras me pegam desprevenida e me fazem corar.

Ela coloca sua mão por cima da minha e dá um aperto, me confortando.

— Obrigada por fazer tão bem ao Lucas, Bia.

— É ele quem me faz bem, Elisa. Lucas trouxe um pouco de cor à minha vida e me aceitou mesmo sendo tão imperfeita.

— Você é perfeita para ele, Bia. Isso é o que importa. — Ela abre um sorriso e me puxa para um abraço materno, fazendo meus olhos marejarem.

Olho por cima de seu ombro e vejo um Lucas todo sorridente de braços cruzados encostado no batente da porta. Ele pisca para mim e se vira para voltar à sala, ainda sorrindo.

Eu me afasto dos braços de Elisa e pego suas mãos, apertando-as.

— Obrigada por suas palavras.

Ela dá um aperto em minhas mãos antes de soltá-las e voltar para o que estava mexendo.

— E me conte como é ser mãe de gêmeos maravilhosos. Eles te contaram sobre minha confusão quando os conheci?

— Contaram, Bia. Confesso que engasguei de tanto rir. Mas é muito comum as pessoas os confundirem, o que ajuda a diferenciá-los é justamente as tatuagens do Lucas.

— E o Marcus nunca quis fazer?

— Não, nisso ele é bem diferente do Lucas. Ele diz que é perfeito demais para ser estragado com rabiscos. — Ela revira os olhos e eu rio.

— É bem a cara do Marcus dizer isso mesmo. E como eles eram quando crianças?

— Dois pestinhas! Eu espero ir para o céu direto por ter conseguido criar aqueles dois diabinhos.

Eu engasgo de tanto rir com as expressões que a Elisa faz, pois ela é mesmo hilária.

— E nunca pensou em ter mais filhos? Uma menina talvez?

— Deus que me livre! Custei a dar conta desses dois, quem dirá três.

Eu rio alto e chamo a atenção do Lucas, que de longe vejo que está vindo até nós.

— Eu falo assim, Bia, mas não posso reclamar deles, pois são excelentes filhos. Me deram muito trabalho, como todos os filhos dão, mas eu não sei o que seria da minha vida sem eles.

— Já está queimando meu filme com a Bia, dona Elisa? — Lucas vem até nós, dá um beijo no rosto de sua mãe e chega perto de mim, me abraçando por trás.

— Eu não disse nenhuma mentira, Luquinhas.

— Mãe! — Eu caio na gargalhada e Elisa chega perto de mim e cochicha.

— Ele odeia que eu o chame assim, por isso gosto de provocá-lo.

Balanço a cabeça concordando, pois sei exatamente como Lucas se sente, meu pai também tem um apelido terrível para mim.

— Lucas, vá chamar seu pai e o Marcus para o almoço, já está pronto.

Ele assente e me dá um beijo no rosto enquanto se afasta de nós para ir para a sala de TV. Elisa me conduz até a sala de jantar, que está com a mesa perfeitamente montada, e eu ajudo a colocar as panelas e travessas em cima da mesa.

Todos nos sentamos á mesa e Lucas se acomoda ao meu lado, segurando minha mão por cima da sua coxa como fez no restaurante.

Antes de nos servirmos, Marcelo conduz uma breve oração em agradecimento pelo almoço e olhando para os quatro, vejo como estou feliz em estar participando desses momentos em família.

Conversamos enquanto comemos e vez ou outra eu tenho que tomar água para recuperar de alguma engasgada que eu tenho, pois essa família tem o poder de me fazer rir.

Passamos por vários assuntos, esportes, infância e família. E logo o assunto chega até mim.

— Seus pais não são daqui, Bia? — Marcelo me pergunta enquanto se serve de mais um pouco de salada.

— Não. Eles se separaram quando eu tinha doze anos e hoje minha mãe mora em Villa Bella, local onde nasci, com meu padrasto, e meu pai mora em São Bernardo com minha madrasta.

— E não se sente sozinha por aqui? — Elisa me pergunta franzindo o cenho em tom maternal.

— Não posso dizer que não sinto saudade dos dois, mas eu me acostumei. Além do mais, tenho bons amigos por aqui. E como eu me sentiria sozinha com esses dois gêmeos chatos no meu pé?

Marcus me fuzila com o olhar e Lucas me dá uma trombada de leve no ombro, fazendo com que todos riam.

— Nisso eu vou ter que concordar com você. — Ela brinca, tirando uma careta dos meninos.

Nossa conversa flui e nem vejo o tempo passar. Passamos do almoço à sobremesa num piscar de olhos e quando vejo que está ficando tarde, peço ao Lucas para me levar para casa.

Me despeço de todos e prometo para a mãe dele que voltarei nos próximos

domingos para esse almoço tão gostoso, e me senti extremamente feliz por poder participar desse momento com sua família.

— Ainda está com medo, amor? — Lucas pergunta assim que entramos em seu carro para me levar de volta para casa.

— Impossível, anjo. Sua mãe é a melhor.

— Ela é mesmo. — Pisca para mim enquanto pousa sua mão sobre minha coxa, fazendo carinho enquanto dirige. Ele tira a mão apenas para trocar de marcha, e sua demonstração de afeto aquece meu coração.

Lucas para o carro na frente do meu prédio e desliga. Olho para o relógio no painel e vejo que ainda são três horas da tarde.

— Quer subir, Lu?

— Claro, não sei por que você ainda pergunta.

Ele ri e seu riso me contagia, então saímos do carro e caminhamos de mãos dadas para dentro do meu prédio.

Entramos no apartamento e seguimos até o sofá.

— Hoje eu não tenho nada para te oferecer, anjo. — Eu digo enquanto ele passa os braços pelo meu ombro, me puxando para si.

— Apenas ficar com você já está ótimo para mim, linda. — Ele sorri me mostrando aquelas covinhas e eu me vejo bocejando em sua frente.

— Está com sono? — Lucas franze o cenho e eu balanço a cabeça assentindo.

— Vou para casa então para deixar você dormir.

— Não, amor, fica comigo... É só abrir o sofá que cabemos nós dois aqui. — Eu digo me levantando e mostrando para ele como abrir o sofá-cama.

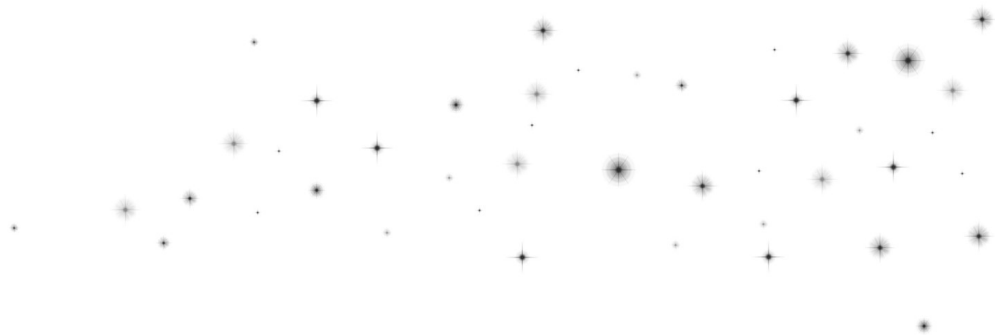
Vou até o quarto e pego dois travesseiros, e quando chego perto dele estendo um. Ele tira os tênis e deita no sofá, abrindo espaço para mim. Eu me ajeito em seu abraço e ligo a TV apenas para deixar o som rolando baixinho.

Me aninho em seu corpo e seu cheiro preenche todo o ambiente. Lucas chega perto do meu ouvido e seu hálito quente faz meu corpo inteiro arrepiar.

— Durma bem, amor.

Eu pego sua mão e entrelaço nossos dedos, trazendo para frente do meu corpo e sorrio, dando início ao melhor cochilo de tarde que já tirei na vida.

Capítulo 30



— Linda... eu preciso te contar uma coisa. — Ele deita completamente e eu olho para o seu lado.

— Precisa? — Apoio minha cabeça na mão e o cotovelo na areia, olhando para ele abaixo de mim.

De início ele não me olha, mas depois vira a cabeça para mim.

— É, eu preciso. E eu também preciso que você entenda que eu vou te machucar. Mas não é porque eu quero fazer isso. Eu só não posso evitar fazer isso...

Recuo sem perceber. Suas palavras batem em mim e de repente o medo me toma. Como assim me machucar?

— Do que é que você está falando? — Pergunto, mas me arrependo logo em seguida.

— Sabe meus exames, não é? Os médicos, sobre a dor de cabeça...

— Claro que sei.

— Eles não foram bons como eu falei para vocês.

— Como assim não foram bons? — Meu coração começa a esmurrar meu peito tão forte que começo a tremer.

— Não foram, Cindy. Eu tenho um problema e não é simples — Ele me responde.

— Então me explica para eu poder entender. — Tento reunir toda a calma que ainda tenho para não surtar antes que ele termine de me contar.

— Eu tenho um tumor. Na cabeça. — Ele está com os olhos fechados novamente e depois de respirar bem fundo, os abre para me encarar.

Então todo o meu mundo desaba. Sinto uma dor tão forte em todo o meu

corpo e o meu coração parece ter sido atropelado por cinquenta elefantes.

— O quanto isso é grave, Lê? — Pergunto por fim.

— Muito.

— Muito quanto?

— Eu tenho uma doença chamada Cordoma de Clivus. É um tumor que cresce na base do crânio e é raro pra caramba. Um caso em um milhão de pessoas, o doutor disse. — Ele ri de forma irônica.

Um em um milhão.

Um.

Isso não pode estar acontecendo.

— É um câncer?

— Sim, é um câncer!

Não sei nem por que perguntei. Eu já sabia a resposta. Eu já sabia...

— Se é um câncer, no mínimo existe um tratamento, não é?

— Sim, mas que nem eu e nem a minha família teríamos condições de bancar. Primeiro, eu teria que passar por uma cirurgia, imediata, para retirar o tumor da minha cabeça, o que já me traz um risco muito grande, por ser onde é. E segundo, eu precisaria sair do país para fazer uma radioterapia em prótons, o único tratamento que me ajudaria a erradicar possíveis resquícios do tumor ou o crescimento de um novo, mas isso me custaria duzentos e cinquenta mil dólares. Eu não tenho condições de conseguir isso tudo em vinte dias, Cindy. É mais dinheiro do que meu pai já viu na vida dele toda.

A realidade cai em mim como um balde de água muito, muito gelada. Meus olhos estão arregalados e eu sei que estou o assustando, mas sinto tanto frio agora, me sinto tão sozinha e perdida. Eu sei o que ele quer dizer e não tem coragem. Eu sei.

— Você está querendo dizer para mim que você vai morrer.

Não pergunto, afirmo.

Ele fica calado, o que, para mim, já é a resposta.

Meu coração já foi quebrado de várias formas em toda a minha vida, mas dessa vez, acredito que nunca mais poderá ser colado.

Como reagir quando você descobre que o cara pelo qual você é perdidamente apaixonada está prestes a morrer?

Leandro vai morrer.

Meu Deus.”

O interfone toca e eu dou um pulo de susto. Fecho o livro e me levanto para abrir a porta para o Lucas, já secando minhas lágrimas.

Minutos depois chega um Lucas todo sorridente, mas ao me ver, seu lindo sorriso morre.

— O que foi, amor? Está chorando? — Ele franze o cenho e larga as sacolas de compras no chão, me tomando em seus braços.

— Não é nada, anjo. Não se preocupe. Eu só estava lendo um livro antes que você chegasse.

— Mas o que tinha nesse livro que a fez chorar?

— É que... Estava lendo a cena em que o Leandro conta para a Cindy que tem um tumor na cabeça e eu senti toda a dor que ela sentiu. Afinal, eu sei o que é perder alguém... — Eu abaixo a cabeça e vejo que ele olha ao nosso redor procurando por alguma coisa.

Lucas se afasta de mim e pega o livro que está em cima do sofá.

— É esse?

Eu assinto com a cabeça.

— *Enquanto você respirar...* — Ele para como se estivesse organizando seus pensamentos e logo ergue o olhar para mim, com um tom de preocupação.

— Por que você fica lendo isso, amor? Se não faz bem para você...

— Não, Lu. Não me faz mal, muito pelo contrário. Eu apenas me emocionei, é sério. É muito bom encontrar uma leitura no qual nos identificamos.

— Tem certeza, linda?

Confirmo com a cabeça e sorrio para ele, que respira aliviado.

— E será que ele morre?

— Não sei, anjo. Só lendo para ver. Mas estou torcendo muito para que tenham um final feliz, pois eu estou amando os personagens.

Ele assente e coloca o livro de volta no sofá.

— E o que você trouxe nessas sacolas? Comprou o supermercado inteiro por acaso? — Eu pergunto para ele sorrindo, mudando completamente de assunto.

Ele gargalha e coloca o dedo no meu nariz.

— Não, sua boba. Hoje vou fazer nosso jantar.

Ele pisca para mim e eu abro minha boca de forma surpresa.

— SÉrio? E o que você vai fazer para nós? Não sabia que você cozinhava.

— Cozinhar mesmo, não. Na verdade vou fazer hambúrgueres artesanais. Serve como jantar, não é?

Eu rio de seu tom preocupado e me inclino sobre ele, passando as mãos pelo seu pescoço e beijando seus lábios.

— Claro que serve. Tudo que vem de você é perfeito.

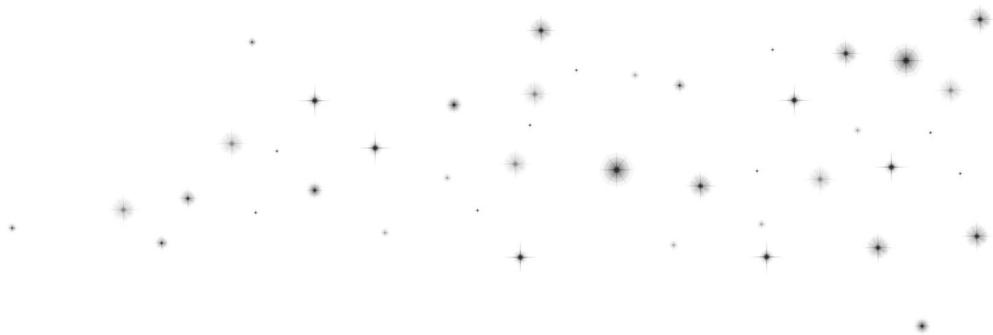
Ele me pega no colo e me tira uma gargalhada enquanto caminha comigo em seus braços, me levando até a cozinha. Lucas me coloca sentada na bancada e me beija mais uma vez antes de se afastar de mim.

— Hoje você só vai me assistir “cozinhar” para você, amor. — Ele sorri, fazendo aspas com as mãos enquanto pronuncia a palavra cozinhar.

Eu pisco para ele e cruzo meus braços, com um sorriso travesso.

— Mal posso esperar.

Capítulo 31



Eu coloco uma música para tocar baixinho no meu celular enquanto assisto o Lucas “cozinhar” para mim. Ele está todo concentrado, e pelo tamanho dos hambúrgueres que está fazendo, sei que vou sair rolando dessa cozinha hoje. Ele não me deixou fazer nada, nem lavar uma faca para ele, apenas para observá-lo, e é fascinante vê-lo dando seu melhor na cozinha.

Enquanto ele termina de fazer, coloca umas batatas para fritar, aumentando o nível de “gordices” do dia. Quando vejo que está quase terminando, começo a montar a mesa, que foi a única coisa que me permitiu fazer.

Quando está tudo pronto nos sentamos de frente para o outro, e assim que dou uma mordida, um gemido escapa pela minha garganta, tirando um largo sorriso do Lucas.

— Lu, isso é maravilhoso!

Seu sorriso se alarga e ele pisca para mim.

— Que bom que gostou, linda.

— Confesse que você está me achando muito magra e quer me engordar, só pode... Pois não vou conseguir comer pouco hoje.

Ele dispara a gargalhar e balança a cabeça negando.

— Está louca? Seu corpo é perfeito.

Eu enrubesço na mesma hora e ele percebe, sorrindo discretamente.

Terminamos de comer em silêncio e logo Lucas o quebra.

— Ah, Bia. Eu tenho uma notícia não muito boa para te dar. — Ele muda de assunto e eu engulo em seco esperando pelo pior.

— O que houve?

— Então, vai ter um treinamento de programação em Java daqui a dez dias.

Os meus patrões vão mandar um funcionário para fazer esse treinamento, por conta da empresa, e eles me escolheram.

Meus olhos se arregalam e meu sorriso se alarga.

— Sério? Nossa, que ótimo, Lu. Parabéns! É uma ótima oportunidade para você, certo?

— É sim, Bia.

— E qual a notícia ruim, então? — Eu o olho sem entender.

— É que vai ser na capital, e vou ficar a semana inteira fora... — Ele me lança um olhar receoso, mas eu ainda não entendi aonde ele quer chegar.

— E...?

— E aí que eu vou ficar uma semana longe de você, amor. — Ele abaixa os olhos e eu permaneço imóvel, processando o que ele disse. É uma oportunidade ímpar para a carreira dele e está preocupado comigo?

— Lucas... — Eu o chamo e ele levanta o olhar para mim. — Não precisa se preocupar comigo, anjo. Eu vou ficar bem, prometo. Não pense como uma coisa ruim. Se você foi o único do seu trabalho a ser escolhido para fazer esse curso, é porque tem um motivo. Você com certeza é um ótimo funcionário e tem que ficar feliz por estar tendo essa oportunidade. Eu estou muito feliz por você!

Levanto da minha cadeira e ando até ele, sentando em seu colo e passando os braços ao redor do seu pescoço.

— Não vou dizer que não vou sentir sua falta porque isso seria a maior mentira do século. Mas estou feliz por você, de verdade. É importante que você vá.

Ele abre um sorriso sincero para mim e pelo que vejo, parece relaxar.

— Também vou sentir sua falta, amor. Prometo te ligar todos os dias.

Aproximo meu rosto do seu e começo a beijá-lo sem pressa, sem regras e sem pudor. Apenas para senti-lo, sentir todo seu sabor. Me afasto apenas para colar nossas testas e olhar dentro dos seus lindos olhos acinzentados.

Não é preciso dizer mais nada, apenas a forma como nos olhamos já diz tudo, já é cheia de promessas.

Lucas acaricia meu rosto me olhando com devoção.

— A semana vai passar voando, Lu. Quando você piscar, já vai estar aturando essa chata aqui de novo.

Ele ri e me dá um beijo breve nos lábios.

Não vou negar que já fico apreensiva só de pensar que vou ficar tantos dias longe dele, mas não posso deixar transparecer isso. Ainda tenho dez dias antes

da sua viagem, dez dias para aproveitá-lo ao máximo, então me vem um estalo.

— Porque não fica aqui hoje?

— Mas eu já estou aqui, Bia.

Dou um tapa fraco em seu braço, lhe fazendo sorrir.

— Estou dizendo para passar a noite aqui. Amanhã é sábado, então nenhum de nós tem que trabalhar.

Minhas palavras o pegam de surpresa, pois pela sua reação vejo que não esperava por isso.

— Tem certeza? Não acha muito cedo?

— Não estou te pedindo para me levar para cama, Lucas. Estou te pedindo para não voltar para casa hoje.

Eu digo firme e dessa vez quem cora é ele, e nunca vi Lucas tão vermelho desde que o conheci. Eu não aguento e disparo a rir, deixando o Lucas ainda mais confuso.

— Você está mais vermelho que um pimentão, amor. Desculpa se eu te constrangi, mas meu pedido foi inocente. Só pedi para ficar para passarmos mais tempo juntos.

Ele relaxa e aos poucos sua pele vai voltando ao tom normal.

— Eu sei, linda. Só me pegou desprevenido. E você está muito engraçadinha. — Ele diz me apertando pela cintura, me beijando mais uma vez. — Mas fico com o maior prazer, nem precisa perguntar duas vezes.

Meu telefone vibra em cima da mesa e eu me levanto de seu colo um tanto frustrada para atender.

— Oi, mãe. — Atendo a ligação enquanto volto para o colo do Lucas.

— *Oi, minha filha. Como você está?*

— Estou ótima e a senhora? — Lucas acaricia minha coxa lentamente enquanto se mantém em silêncio, me ouvindo conversar. Beija meu pescoço e meu queixo, me fazendo repreendê-lo com o olhar, e solta um riso abafado.

— *Graças a Deus, tudo bem. Quem está rindo aí?* — Merda, nada passa despercebido pela Dona Rose.

— É o Lucas, mãe. — Respondo simplesmente, já pedindo aos céus para que ela não me pergunte mais nada.

E é óbvio que não sou atendida.

— *E o que ele está fazendo aí há essa hora? Está me escondendo alguma coisa, Beatriz?* — Olho para o Lucas que me lança um sorriso malicioso, dando

de ombros.

— Nada, Dona Rose. Deixe de ser paranoica. — Lucas franze o cenho para mim e eu o fuzilo com o olhar, fazendo-o rir mais uma vez.

— *Se você diz... Não vou atrapalhar o que quer que você esteja fazendo que eu não posso saber. Só liguei para saber como você estava.*

— Mãe... — Eu a repreendo e ouço sua risada abafada do outro lado da linha, me fazendo revirar os olhos. — Está tudo bem, obrigada por ligar.

— *Sempre, meu amor. Você virá ao meu aniversário, né?*

— E eu sou louca de faltar?

— *É bom mesmo, Bia.* — Ela ri em resposta e a sua próxima fala faz meu estômago congelar. — *Traga o Lucas também, vai ser um prazer recebê-lo aqui.*

Lucas percebe meu desconforto e franze o cenho mais uma vez, e eu faço um agradecimento mental por ele não estar ouvindo o que ela diz.

— Vou pensar, mãe. Boa noite.

— *Boa noite, filha. Eu amo você.*

— Também te amo, mãe.

Nos despedimos e eu encerro a ligação, me virando para o Lucas.

— Você não me ajuda em nada. — Eu o cutuco e ele sorri.

— Mas eu não fiz nada. — Ele faz uma cara de inocente e eu acho tão fofo que me inclino para lhe dar um beijo breve.

— Não, claro que não. Agora minha mãe está cheia de teorias, você não tem noção do quanto ela é curiosa.

Ele ri e me aperta contra si, mordiscando minha orelha e sussurra em meu ouvido.

— Você devia mandar uma foto nossa, para ela ver o que eu estou fazendo com a filha dela agora. — Ele beija meu pescoço e traça uma linha de beijos até a minha boca, me fazendo estremecer.

*****★*****

Passamos o resto da noite conversando, nos beijando e curtindo a presença do outro. Lucas envia uma mensagem para sua mãe avisando que não vai voltar para casa hoje e quando chega a hora de dormir, vejo que está desconfortável de novo, como se não soubesse o que fazer.

O sofá-cama cabe muito bem o Lucas, mas a minha cama de casal também

o cabe. Fico fazendo uma análise mental do que fazer, e se eu tenho a oportunidade de passar a noite com ele, não tem porque o deixar longe.

Deixo-o sozinho na sala por um instante enquanto vou ao meu quarto vestir um pijama e escovar os dentes.

Volto ao seu encontro e vejo que ainda está sentado no sofá, sem saber como agir. E o seu desconforto o deixa ainda mais fofo.

Chego até ele e estendo a mão, o convidando para vir comigo.

Ele caminha em silêncio de mãos dadas comigo e para na porta do meu quarto, como se não tivesse certeza se poderia entrar.

— O sofá-cama quebra um galho, mas não é ideal. Vem dormir comigo.

— Tem certeza, amor?

— Claro, a não ser que você ronque.

— Ixi... — Ele finge se virar de costas e eu dou um tapa leve em seu ombro, lhe tirando uma risada.

— Se você não quiser dormir comigo, Lu, não tem problema. Eu só acho que não conseguiria dormir sabendo que você está no outro cômodo.

— E por acaso eu conseguiria? — Me abre o sorriso lindo, munido de suas covinhas.

— Eu só não tenho nada para você, amor. Minhas roupas não vão te servir.

— Não faz mal, um dia só que eu dormir de roupas, não vai me matar.

Assinto com a cabeça e caminho até a cama, indicando que venha até mim.

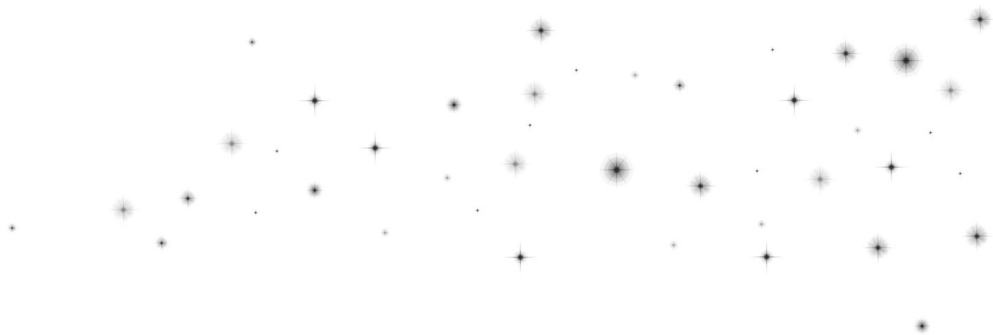
Lucas deita um pouco sem jeito, mas eu puxo o lençol para nos cobrir e apago a luz do quarto.

— Boa noite, anjo.

— Boa noite, meu amor. — Ele me dá um beijo nos lábios e acaricia meu rosto.

Me aninho em seu corpo e me deixo ser envolvida por seus braços, inspirando seu perfume. Sinto sua respiração quente na minha nuca e meu corpo inteiro se arrepia. Fecho os olhos e deixo a escuridão me guiar para a minha melhor noite de sono em mais de um ano.

Capítulo 32



A semana passou voando, e quando percebi tinha chegado a semana da viagem do Lucas. Confesso que não foi fácil me despedir dele e nem passar todos esses dias sozinha. Por mais que eu não queira assumir, senti falta das nossas caminhadas, pois meu corpo já se acostumou com essa nova rotina. Todos os dias nós caminhamos por cerca de uma hora e meia e nas últimas semanas começamos a correr durante uma parte do trajeto. No início foi terrível, mas logo me acostumei também. Tudo é questão de adaptação.

Durante toda a semana de ausência do Lucas, ele não passou um dia sequer sem me mandar mensagens e sempre fazíamos chamada de vídeo durante a noite para matar um pouco a saudade. É incrível como alguém é capaz de mudar tanto a sua vida em tão pouco tempo, a ponto de nem se imaginar mais sem essa pessoa ao seu lado.

Essa semana demorou um pouco mais a passar, mas quando chegou a sexta-feira eu quase fiquei louca. Hoje é o dia que ele chega, e pelo que me disse, deve passar aqui em casa dentro de meia hora. E falando nele...

“Amor, cheguei. Só vou tomar um banho e vou para sua casa. Estou morrendo de saudades.”

Leio sua mensagem enquanto abro um enorme sorriso no rosto. O respondo na mesma hora e já sigo para o banheiro, a fim de tomar um banho rápido e esperá-lo chegar.

Saio do banho e me arrumo, e vou para a cozinha preparar alguma coisa para comermos hoje. Não sei fazer nada extraordinário, então opto por algo que tenho certeza que ele vai gostar, como um espaguete.

Coloco o macarrão para cozinhar enquanto começo a fazer o molho e logo ouço o interfone tocar. Lavo as mãos e abro a porta principal para ele e vou para entrada do meu apartamento esperá-lo.

Em minutos Lucas surge no corredor, caminhando em minha direção com algumas sacolas nas mãos. Ele está maravilhoso, e à medida que se aproxima de mim, meu coração dispara.

— Oi, amor. — Assim que ele me chama, eu pulo em seu colo e ele deixa as sacolas caírem no chão, me tomando em seus braços. Eu enrolo minhas pernas ao redor da sua cintura e passo meus braços em torno de seu pescoço, apertando-o mais contra mim, sentindo todo o calor do seu corpo e todo seu perfume.

— Que saudade, Bia. — Ele afunda seu rosto em meu pescoço, plantando vários beijos ali, fazendo com que uma corrente elétrica percorra todo meu corpo.

Ele afasta o rosto para me olhar e eu me inclino para beijá-lo com tudo que há de mim.

— Também morri de saudades, Lu. — Ele sorri, me beijando mais uma vez. Contra minha vontade, me solto de seus braços e me coloco de pé.

— Preciso ir para a cozinha, senão vou queimar o nosso jantar.

Lucas pega as sacolas que estão no chão, deixa uma pequena no sofá e traz as outras para a cozinha.

— E o que você está aprontando aqui, linda?

— Apenas um espaguete, anjo. Nada demais...

— Hmmm... O cheiro está muito bom.

Eu sorrio para ele enquanto o vejo colocar as sacolas sobre a bancada.

— E o que você trouxe aí?

— Trouxe um vinho para bebermos hoje e uns chocolates para mimar a minha garota.

Seu sorriso se alarga e ele me mostra aquelas covinhas lindas.

— Desse jeito você vai me deixar mal acostumada.

— Eu não me importo nem um pouco. — Ele me abraça por trás enquanto afunda seu rosto mais uma vez em meu pescoço, e só de sentir seu hálito quente contra minha pele, meu corpo inteiro amolece.

Ele me dá uma série de beijos ali e sua língua faz um vaivém entre meu ombro, pescoço e atrás da minha orelha, nublando minha visão, me fazendo perder o raciocínio.

— Lucas...

Eu desligo o fogão e tampo a panela, me virando para ficar de frente para ele. O que vejo em seus olhos faz com que uma nova corrente elétrica percorra meu corpo. Ele me aperta pela cintura e volta a beijar meu pescoço, fazendo com que um gemido rouco brote na minha garganta.

Eu estou tremendo, meu corpo inteiro treme enquanto eu passo os braços ao redor de seu pescoço e o puxo pelos cabelos para beijar sua boca. Nosso beijo é urgente, sedento. Lucas me aperta contra si, diminuindo nossa distância, e a sensação do seu corpo ainda mais colado ao meu, faz minhas pernas vacilarem.

Ele solta as mãos da minha cintura e faz o contorno da minha coluna com os dedos, deixando um arrepio por todo lugar que ele passa. Ele me beija mais e mais. Solta meus lábios já inchados e desce para o meu pescoço, deixando mordidas pelo caminho.

Em um movimento, Lucas me coloca no seu colo novamente e me leva até a bancada da cozinha, me deixando sentada ali, pouco mais alta que ele.

Eu abro minhas coxas e ele se encaixa ali no meio, me puxando para mais perto dele, colando nossos corpos de forma que parecemos um só. Ele toma mais uma vez meus lábios nos seus e intensifica nosso beijo de uma forma que me deixa sem ar. Em algumas vezes eu me afasto para retomar o fôlego, mas logo uno nossos lábios mais uma vez.

E assim ficamos por segundos, minutos, talvez horas, nos perdendo em nossos beijos e em todo nosso calor. Ele solta uma mão da minha cintura e passa por baixo da minha blusa, e seu contato quente em minha pele me faz arfar. Ele sobe as mãos devagar, deixando arrepios por onde passa, até chegar à altura dos meus seios, brincando ali por cima do sutiã.

Eu sei o que está prestes a acontecer e só de pensar nisso meu corpo inteiro já treme em reação ao dele, mas não quero que nossa primeira vez seja numa bancada de cozinha. Então eu me afasto de seus lábios e abro os olhos para encará-lo.

— Vamos para o meu quarto. — Minha voz é baixa, quase um sussurro.

— Tem certeza? — Ele me olha com fascínio, mas consigo ver sua insegurança ali, como se não tivesse certeza de que eu anseio pelo mesmo que ele.

Balanço a cabeça confirmando e ele me toma nos braços mais uma vez, me levando carregada até o meu quarto. Quando chegamos lá dentro, ele me senta na borda da minha cama e me olha pensativo, me analisando.

Lucas se ajoelha na minha frente e olha dentro dos meus olhos azuis de uma

forma que me faz perder o ar. Aproximo-me mais dele e puxo seu rosto pelos cabelos, colando seus lábios nos meus. Nosso beijo é urgente e ainda mais sedento do que os anteriores.

Meu peito sobe e desce em um ritmo descompassado e minhas mãos tremem quando eu começo a levantar sua camisa. Ele levanta os braços enquanto eu tiro sua camisa e a jogo no chão.

Prendo ar enquanto passo meus dedos trêmulos pelo seu peito nu, sentindo o seu corpo quente em minhas mãos. Pouso minha mão sobre seu coração e vejo que está batendo tão forte quanto o meu.

Ele ergue uma mão e abaixa uma alça da minha blusa, plantando um beijo quente ali. Lucas abaixa o olhar e eu o acompanho, vendo-o abrir botão por botão da minha blusa, acelerando minha respiração. Percebo que seus dedos tremem da mesma forma que os meus.

Quando ele termina de abrir o último, o tecido escorrega pela minha pele e eu termino de me livrar dele.

Lucas me abraça pela cintura e me puxa para a cama, deitando-se por cima de mim. Começa a me beijar de novo e então desce para o meu colo, roçando os lábios por cima do meu sutiã antes de soltá-lo.

Eu dou um aperto involuntário em seu braço quando sinto o contato de seus lábios e sua língua em meus seios, me fazendo perder todo o equilíbrio. Lucas desce até a minha barriga, cobrindo o trajeto com beijos e depois sobe mais uma vez até a minha boca.

Ele está me enlouquecendo, e pelo que vejo em seus olhos, estou fazendo o mesmo com ele. Enquanto aprofunda nosso beijo, ele desce a mão direita até o fecho do meu short, me fazendo arfar. Abre o botão e desce o zíper com cuidado, e todo seu toque é delicado, como se eu fosse quebrar.

Ele se afasta de mim e fica de joelhos, me olhando deitada, me sentindo tão vulnerável a ele.

Ainda de joelhos, puxa meu short e o tira, me deixando apenas de calcinha. Meu peito arfa mais uma vez com a forma como ele me olha, como se eu fosse todo o seu mundo.

Começa a desabotoar sua bermuda e logo a tira também, ficando apenas de boxer preta, e eu fico hipnotizada com a visão do Lucas assim. Seu corpo é simplesmente maravilhoso, e o calor que emana dele levaria qualquer uma a loucura.

Deita por cima de mim delicadamente, me beijando mais uma vez. E quando se afasta, passa os dedos pelos meus lábios, me fazendo abrir os olhos.

— Você não sabe o quanto me enlouquece, Beatriz. Não sabe o quanto eu quero você...

Ele me beija mais e mais, e me afasto apenas para dizer por entre nossos lábios.

— Eu também quero você, Lucas. — E essa era deixa que ele precisava.

Lucas desce a boca e vai beijando todo o meu corpo até a altura do quadril. Quando chega ali, ele se ajoelha mais uma vez e desce o último tecido que cobre os nossos corpos, e a visão de seu lindo corpo nu na minha frente me incendeia.

Ele se levanta da cama e vai até sua bermuda caída no chão, pegando sua carteira e tirando uma camisinha de lá, coloca-a e me olha nos olhos quando se deita por cima de mim novamente.

— Amor... Se eu te machucar, é só me dizer que eu paro, ok?

Confirmo com a cabeça e ele firma o peso de seu corpo em seu braço direito enquanto vai deslizando devagar para dentro de mim. Quando termina, meu corpo todo treme com a união de nossos corpos e Lucas começa e se mover lentamente.

Eu arfo e o aperto com as unhas, deixando marcas em sua pele. Ele me beija com devoção enquanto acelera um pouco o ritmo e eu sinto gotas de suor escorrer por todo seu peitoral.

Ele passa a mão pelas minhas costas e me puxa para mais perto dele, nos unindo ainda mais. Unindo nossos corpos, nossas almas. E nada nunca foi tão certo quanto estarmos juntos.

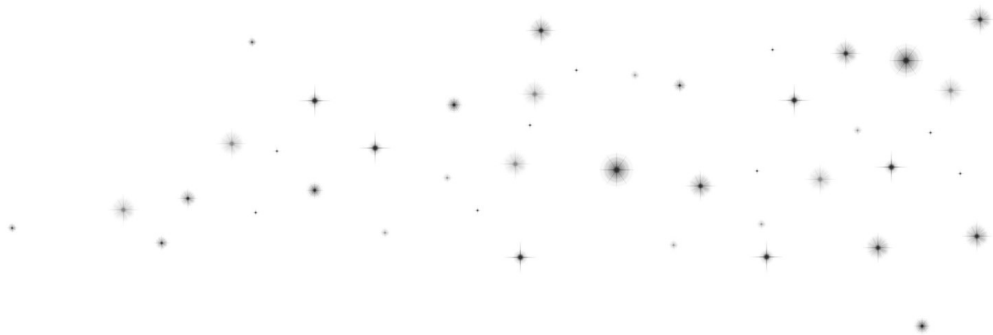
Lucas acelera o ritmo e quando estou entrando no clímax eu gemo seu nome e era tudo o que ele precisava para se perder também.

Com o tempo, nossos corpos relaxam e os corações desaceleram, então ele rola seu corpo para o meu lado, virando seu rosto para me olhar.

— Bia... — Sussurra meu nome enquanto acaricia meu rosto com seus dedos, me fazendo fechar os olhos. Ele me puxa para perto de si e eu me aninho em seu corpo ainda quente, sentindo toda paz que eu precisava, sentindo como é certo estarmos juntos e como é ser amada de novo.

Fecho meus olhos e inspiro seu cheiro, trazendo um pedacinho do Lucas para dentro de mim. Trazendo para dentro do meu coração um homem que eu não quero que saia da minha vida nunca mais.

Capítulo 33



Depois de ficarmos um tempo abraçados na cama, nos levantamos para tomar um banho e voltamos para a cozinha para que eu pudesse terminar o jantar.

Monto nossos pratos e arrumo a mesa, enquanto o Lucas abre a garrafa de vinho que trouxe para nós. Sentamo-nos à mesa e começamos a comer, beber e conversar. Ele me conta sobre toda a semana de treinamento e vejo pelo brilho de seus olhos como esse curso foi importante para ele.

— Que bom que deu tudo certo, anjo. Fico muito feliz por você. — Digo depois de colocar a última garfada de espaguete na boca e pegar a taça para beber mais um pouco de vinho.

— Deu sim, Bia. Como eu disse, o único lado ruim foi a saudade que senti de você, mas estou feliz por estar de volta.

Ele pega a garrafa de vinho enquanto nos levantamos da mesa e levamos nossas taças para sentarmos no sofá e conversarmos um pouco mais.

Assim que me acomodo no sofá e dou mais um gole no vinho, Lucas pega a sacola que está no canto e me entrega.

— Trouxe um presente para você, amor.

Meu rosto todo se ilumina enquanto coloco minha taça na mesinha de centro para pegar o pequeno pacote. Olho para ele enquanto o abro e vejo um Lucas todo sorridente para mim.

De dentro do pacote, tiro uma caixinha comprida de veludo e sinto meu coração disparar no peito quando a abro. Lá dentro tem uma corrente bem fina e delicada de ouro com um pingente. Retiro a corrente da caixa e trago para as minhas mãos, a fim de olhá-la melhor.

— É linda, Lu... — Eu ainda estou maravilhada com a corrente, mas

quando chego ao pingente e vejo o que é, sinto meu coração errar uma batida.

Duas asas de anjo pequenas e delicadas formam um pingente lindo e a emoção toma conta de mim, fazendo uma lágrima rolar pela minha face.

— Para que você possa sempre carregar um pedacinho de mim com você.

Lucas me diz e faz meu sorriso se abrir, então o puxo para lhe beijar de forma calma nos lábios.

— Obrigada, amor. É perfeito...

Viro-me de costas e levanto meus cabelos para que ele possa colocá-la em mim, e quando olho para baixo, vejo aquelas pequenas asas se aninhando em meu peito, me fazendo sorrir.

— Tem mais um presente, linda.

Eu me viro de frente para ele e arqueio a sobrancelha, pois não tinha notado que tinha outro embrulho dentro do pacote.

Eu o retiro de lá e quando abro, vejo um porta-retratos com uma foto de nós dois sorrindo para câmera, sentados na areia da praia. Corro os dedos pela foto e sorrio com a lembrança de um dia tão bonito.

— É lindo, Lucas. Obrigada.

Levanto-me para colocar em meu rack e vejo que Lucas está atrás de mim me acompanhando.

Coloco a foto ao lado de um bibelô que minha mãe trouxe para mim em sua ultima viagem para a África e olho de lado, vendo que do outro lado da TV está meu porta-retratos com a foto do Vinícius, fazendo meu coração se apertar.

Lucas me acompanha com o olhar e percebe meu desconforto.

— Não precisa tirá-lo, Bia. — Eu o olho assustada, pois pensei que ele fosse me pedir exatamente o contrário e então ele continua. — Faz parte da sua história, amor, são suas memórias de um tempo bom. Não me cabe privá-la disso.

— Tem certeza?

Ele balança a cabeça assentindo e pega a minha mão para beijar.

— Eu estou aqui com você, certo? — Assinto e ele continua. — Então nada mais importa.

Ele me puxa para um abraço e eu afundo meu rosto em seu peito, sentindo seu perfume amadeirado.

— Bia, esses dias que eu passei longe de você me fizeram refletir sobre muita coisa e uma delas é o quanto eu preciso de você ao meu lado para ser feliz. — Ele se afasta um pouco de mim para tomar meu rosto em suas mãos, me

fazendo olhar em seus olhos. — Você me faz sentir completo, como se minha vida agora tivesse um propósito que há muito não havia. E sabe qual meu maior propósito?

Nego com a cabeça e ele continua.

— Fazer você feliz. — Ele me beija brevemente nos lábios e se afasta para me olhar mais uma vez. — No dia do nosso primeiro beijo eu te prometi que não apressaria as coisas, que tudo seria no seu tempo. E depois de tudo que nós passamos até agora, não me restam dúvidas do quanto eu te quero ao meu lado e o quanto você se tornou essencial na minha vida. — Ele pausa e respira fundo fechando os olhos, e quando os reabre, vejo todo amor por trás deles. — Me deixa ser seu namorado? Me deixa fazer você feliz?

Meu coração dispara no peito enquanto ouço todas as suas palavras, e quando ele termina mal consigo me manter de pé.

— Você já me faz feliz, Lucas. Nem precisa me pedir isso.

Seu sorriso se alarga, me mostrando aquelas covinhas que eu tanto amo.

— Isso é um sim?

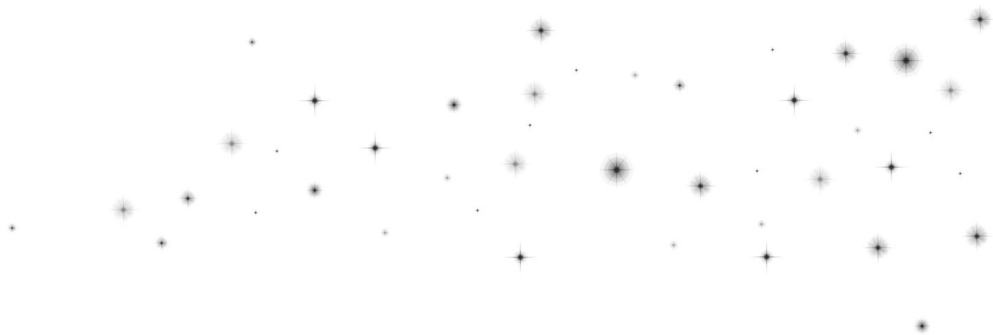
— Tem alguma dúvida, anjo? — Eu sorrio para ele, que me puxa para os seus braços, trazendo toda aquela paz para dentro de mim. — Obrigada por tudo que faz por mim, já não imagino meus dias sem você.

Sussurro ainda em seus braços e sinto quando ele me aperta ainda mais contra seu corpo e beija o topo da minha cabeça.

— Passa a noite comigo hoje? — Me afasto para olhá-lo e ele sorri enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Nem precisa pedir duas vezes.

Capítulo 34



Abro os olhos e sinto um braço quente envolvendo meu corpo, e quando me viro vejo meu namorado em sono profundo com os lábios minimamente abertos. Meu namorado... Quem diria que algum dia eu iria repetir essa palavra? Sorrio por isso. Lucas veio para abalar de vez as minhas estruturas e não tenho nem palavras para agradecê-lo por isso.

Me afasto de seu corpo lentamente, me desvencilhando de seus braços, para não acordá-lo. Ele se vira para o lado contrário e eu consigo me levantar da cama em silêncio.

Vou ao banheiro, lavo o rosto, escovo os dentes e penteio os cabelos. Visto uma roupa confortável e saio do meu apartamento para ir à padaria buscar alguns pães frescos.

Quando retorno, pelo silêncio que instala, vejo que ele ainda não acordou. Vou para a cozinha e começo a preparar um café preto bem forte, do jeito que ele gosta. Aos poucos todo o apartamento é tomado pelo aroma do café e sorrio ao ouvir passos se arrastando.

Lucas chega até mim com os cabelos bagunçados usando apenas uma boxer e me olha com olhar mais sonolento do mundo, me fazendo sorrir.

— Bom dia, anjo. — Eu o cumprimento dando um beijo breve em seus lábios enquanto o estendo uma caneca cheia do líquido fumegante.

— Bom dia, amor. — Ele dá um bom gole em seu café e se senta na mesa, onde eu o acompanho.

— Dormiu bem? — Pergunto a ele enquanto corto uma fatia de queijo e coloco dentro do pão.

— Como um anjo. — Ele pisca para mim, me tirando uma risada.

— Que bom, Lu. — Eu sorrio e começamos a tomar nosso café de forma

despreocupada, conversando sobre amenidades.

Quando terminamos, vou em direção a pia para lavar a louça e ele me acompanha.

— Vai ficar de cueca a manhã inteira? Não que eu me incomode, claro.

Ele gargalha e se aproxima de mim beijando minha nuca enquanto pega um pano de prato para secar a louça que estou lavando.

— Não, linda. Logo vou acabar com sua alegria de ter essa visão do paraíso na sua casa.

Eu rio e espirro um pouco de água em seu rosto, tirando mais uma gargalhada dele.

— Então, Bia, qual será a nossa programação do dia?

— Não sei... Não pensei em nada ainda, o que me sugere?

— Pensei em almoçarmos fora e depois passarmos no supermercado para comprar alguns petiscos para comermos a noite.

— Por mim, está ótimo assim.

— Amanhã você sabe que minha mãe está te esperando lá em casa, certo?

— Assinto e ele continua. — Preciso te apresentar oficialmente como minha namorada.

Eu termino de lavar o último talher e entrego a ele, com um olhar inseguro.

— Sério? Qual seu medo, dessa vez?

Ele cruza os braços e franze o cenho, esperando por qual desculpa vou dar.

— Nenhum... — Eu me inclino para beijar seus lábios. — Prometo que dessa vez não vou ser paranoica.

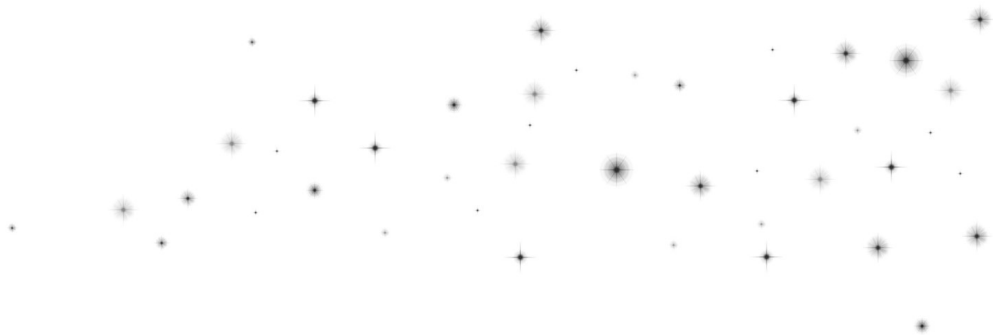
— Ótimo. — Ele toma meu rosto em suas mãos e me dá um beijo nada inocente. — Porque eles adoram você, Bia, de verdade. Não precisa se preocupar.

— Eu sei, Lu. Agora vá se vestir logo, pois meus pensamentos não estão sendo nem um pouco inocentes por te ver assim.

Ele gargalha e se afasta de mim para ir ao quarto, mas não sem antes se virar para me olhar de cima em baixo.

— Se eu fosse você viria comigo.

Capítulo 35



Depois de passarmos a manhã juntos saímos para almoçar em um restaurante italiano e fiquei encantada com a comida daquele lugar, fazendo Lucas me prometer que me levaria lá mais vezes.

Quando saímos de lá, paramos no supermercado para fazer algumas compras, como havíamos combinado.

— Qual desses sabores de amendoim você prefere? — Lucas me estende duas embalagens de amendoins salgados, uma verde e uma laranja.

— Pode ser o de cebola. — Digo enquanto aponto para o verde e ele coloca dentro do nosso carrinho. — O outro é de pimenta e eu detesto.

— Não sabia que não gostava de pimenta. — Ele arqueia uma sobrancelha para mim, fazendo aquela expressão fofa.

— É porque você nunca me ofereceu nada apimentado, graças a Deus. — Ele ri e eu me inclino para lhe dar um selinho, antes de voltar à prateleira.

— Pimentinha então nem pensar, né? — Nego com a cabeça e ele balança a dele em concordância. — Você não sabe o que está perdendo...

— Sei sim e é horrível isso. Não sei qual é a graça de comer algo que faz a boca arder.

— Não é só a boca que ela faz arder... — Ele me lança um olhar malicioso com um sorriso de canto.

— Lucas! — Bato em seu ombro e ele dispara a gargalhar me puxando para um beijo.

Quando ele me solta, balanço a cabeça em reprimenda e tiro mais uma risada dele, e antes que eu possa voltar às nossas compras, ouço uma voz familiar me chamando.

— Bia? — Eu me viro para olhar, e ver aqueles olhos azuis me encarando,

me faz corar até a raiz do cabelo.

— O-oi, Márcia... — Ela me puxa para um abraço carinhoso e eu fecho os olhos quando inspiro seu aroma, trazendo várias lembranças à minha mente.

— Quanto tempo... É tão bom te ver assim, sorrindo. — Ela diz enquanto se afasta de mim, secado uma lágrima sua com o dedo.

Logo Luís chega atrás dela e me cumprimenta também, em um abraço contido.

Estar na frente daqueles dois me faz esquecer por um momento que o Lucas está atrás de nós o tempo todo nos olhando em silêncio. Viro-me para olhá-lo e o chamo com um aceno de cabeça, e ele chega até nós com certa timidez.

— Anjo, esses são os pais do Vinícius: Márcia e Luís. — Eu os apresento a ele que os cumprimenta com um aperto de mão. — Esse é o Lucas... meu namorado.

Lucas se mantém em silêncio ao meu lado, dando um aperto no meu ombro, como forma de dizer que está ali por mim.

Márcia percebe nosso desconforto e logo abre um sorriso sincero, me fazendo relaxar.

— Fico muito feliz em te ver assim sorrindo, Bia. Você merece ser muito feliz e sei que meu filho também está contente de vê-la assim tão bem. — Eu assinto com a cabeça sentindo meus olhos marejarem, a emoção tomando conta de mim. — E você... — Ela ergue o olhar para o Lucas e o lança um sorriso cheio de ternura — Cuide bem da nossa menina, ela vale ouro.

Ele assente com a cabeça sorrindo para ela, sem saber o que dizer. Márcia se despede de mim com um abraço, mas não sem antes sussurrar em meu ouvido: “Seja feliz”. Eu concordo com a cabeça, dando um beijo em seu rosto. Ela sempre foi uma sogra muito amorosa e por um segundo eu pensei que sua reação fosse diferente ao me ver com o Lucas, mas logo afastei esse pensamento pois essa mulher é mesmo incrível.

Depois que eles se afastam de nós, Lucas me puxa para um abraço e abaixa seu rosto para sussurrar em meu ouvido.

— Está tudo bem?

Concordo com a cabeça e ele me aperta mais um pouco contra si, me fazendo relaxar. Lucas é um namorado incrível, disso não tenho dúvidas. Mas o que me surpreende é como ele encara meu assunto com o Vinícius, como respeita meu espaço mesmo que eu nunca tenha me aberto totalmente sobre isso. Sei que não posso evitar esse assunto por muito mais tempo, pois ele merece saber tudo que aconteceu. Mas ainda não estou preparada para abrir essa ferida

que, com muito custo, consegui que começasse a cicatrizar.

*****★*****

— Lucas, daqui para frente todos os seus finais de semana serão passados comigo? — Eu o pergunto enquanto estamos sentados no sofá, com minhas pernas em cima de seu colo, bebendo um vinho e comendo alguns petiscos que compramos.

— Sim, amor. A menos que não me queira. — Ele sorri enquanto acaricia minhas pernas. — Por quê?

Eu me mexo no sofá para consertar minha postura e olhá-lo melhor.

— É que o aniversário da minha mãe está chegando e todo ano eu vou para Villa Bella passar esse dia com ela.

— Hum... Entendi. — Lucas também se mexe e vira para ficar de frente para mim, me parecendo um pouco desconfortável. — E quando é?

— Daqui a duas semanas. — Ele balança a cabeça concordando e parece estar perdido em pensamentos.

— E geralmente você vai de quê?

— De ônibus; são umas quatro horas de viagem. Sempre vou no sábado, passo o dia com minha mãe, durmo lá e no domingo vou cedo para a casa do meu pai, passo o dia com ele e volto para casa no fim do dia.

Ele assente com a cabeça mais uma vez, em silêncio. Depois de passar um tempo parecendo organizar seus pensamentos, ele ergue o olhar para mim.

— Quer que eu te leve à rodoviária? — Ele me pergunta em tom sério e eu noto seu desconforto.

— Na verdade, eu queria que você fosse comigo... — Mordo o lábio inferior enquanto o olho um pouco tímida.

Seu sorriso se abre e ele me mostra aquelas covinhas lindas.

— Tem certeza? — Confirmo com a cabeça e ele sorri ainda mais para mim. — Então está combinado. Ela não vai se importar se eu for?

— De forma alguma, Lu. O sonho da minha mãe é me ver namorando de novo. Além do mais, ela me pediu para que eu te levasse.

— Sério? — Ele franze o cenho e eu confirmo com a cabeça.

— Naquele dia que você atrapalhou a nossa ligação. — Ele sorri e se

aproxima de mim, me dando um beijo breve nos lábios. — Mas devo alertá-lo de que ela é bem curiosa, então vai te fazer mil e uma perguntas.

— Acho que posso lidar com isso.

— Ah, e tem o meu pai... — Eu solto um gemido frustrado e ele ri.

— O que tem ele?

— Meu pai não vai te dar sossego, já vá se preparando. Ele é terrível, Lucas! Só me faz passar vergonha. — Bato a mão na testa lhe fazendo gargalhar.

— Já quero conhecer essa figura logo.

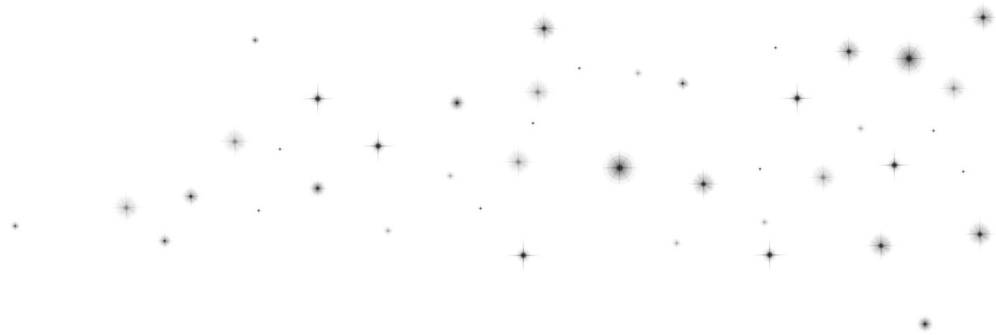
— Ele é terrível, estou te dizendo.

Ele ri e me toma em seus braços, afundando seu rosto em meu pescoço e plantando um beijo ali.

— Eu sou louco pela filha dele, então eu aguento essa. — Eu sinto seus lábios quentes me beijarem ali mais uma vez e meu corpo todo se aquece com seu toque.

Lucas começa a me beijar de uma forma indecente, arrancando arrepios por todo meu corpo. Quando menos espero, ele me pega no colo e me conduz até o meu quarto, fazendo com que eu me perca em seus braços mais uma vez.

Capítulo 36



— Está tudo bem, Marcus? — Eu interrompo o que estou fazendo para olhar meu amigo, pois desde que chegou ao trabalho está muito calado, como se algo o estivesse incomodando.

Ele bufa frustrado e balança a cabeça negando.

— O que aconteceu, gatinho? — Eu me levanto e arrasto minha cadeira para me sentar ao seu lado, pegando suas mãos.

— Você sabe que a família do Cadu não sabe sobre a gente, certo? — Confirmo com a cabeça e ele continua. — Então, ontem a noite ele se sentou com seus pais e sua irmã para contar a eles que é gay e que estamos juntos e eles não reagiram nada bem, com exceção da sua irmã, que o defendeu.

— Sério, Marcus? — Meu tom de voz é baixo e meu coração se parte ao ouvir aquelas palavras do meu amigo. Por que as pessoas tem que ser tão preconceituosas? Por que não podem simplesmente aceitar o outro como ele é?

Ele assente com a cabeça e solta suas mãos das minhas, passando pelo rosto, abaixando a cabeça.

— Eles o expulsaram de casa, Bia.

Meus olhos se arregalam e minha boca faz um O.

— Mentira... — Ele assente mais uma vez e uma lágrima escorre pela sua face, me fazendo chorar também. — E onde ele está agora?

— Ele foi para um hotel, gatinha. Eu tentei a todo custo convencê-lo a ir para minha casa, mas ele é um cara muito certinho, sabe? Não aceitou de forma alguma. Agora vamos começar a olhar um apartamento para ele alugar.

— Poxa, Marcus. Meu coração está doendo por vocês, não merecem passar

por isso... — Eu tomo suas mãos nas minhas mais uma vez.

— Eu já esperava que eles não reagissem de forma muito amigável, pois sei que nem todos os pais são como os meus. Mas não imaginava que fossem chegar a esse ponto, sabe? Ele está muito mal, Bia. E eu estou me sentindo um lixo por não poder fazer nada para ajudá-lo.

Ele abaixa a cabeça mais uma vez e ouvir o choro contido do meu amigo faz meu coração se rasgar ao meio.

— Ei... Olhe para mim. — Ele ergue o rosto e eu o puxo para um abraço, deixando que ele chore em meu ombro, deixando que lave um pouco de sua dor. — Você já faz muito por ele estando ao seu lado agora. Isso já vale mais do que qualquer coisa, Marcus. Não fique assim, amigo. Te ver sofrendo desse jeito está acabando comigo.

Eu o aperto mais junto a mim e ficamos abraçados até que ele se acalme por completo, e quando nos separamos tenho uma ideia.

— Ei... O aniversário de vocês está chegando, certo? — Ele confirma com a cabeça sem demonstrar empolgação. — Por que não saímos todos juntos? E chamamos também o Digão e a Sam?

— Ah, não sei, Bia. Não estou com clima para comemorar nada agora.

— Em primeiro lugar: o aniversário não é só seu, egoísta, é do meu namorado também e eu tenho o direito de opinar. Segundo: vai fazer bem para vocês, sério mesmo. O Cadu já está mal com tudo isso e se ele souber que tem o apoio dos amigos, vai lhe dar um gás a mais.

Ele para um segundo para pensar e logo concorda com a cabeça.

— É, acho que você tem razão...

— Eu sempre tenho razão. — O cutuco, tirando um sorriso dele, e respiro aliviada por estar lhe distraindo.

— E onde você pensou em ir?

— Bom, eu fui com seu irmão em um barzinho que inaugurou há pouco tempo e sei que aos sábados rola um karaokê; você não imagina como é divertido ver as pessoas bêbadas cantando em inglês.

Ele solta uma gargalhada, me fazendo relaxar ainda mais.

— Posso imaginar. Tudo bem então, gatinha. Vamos lá no sábado.

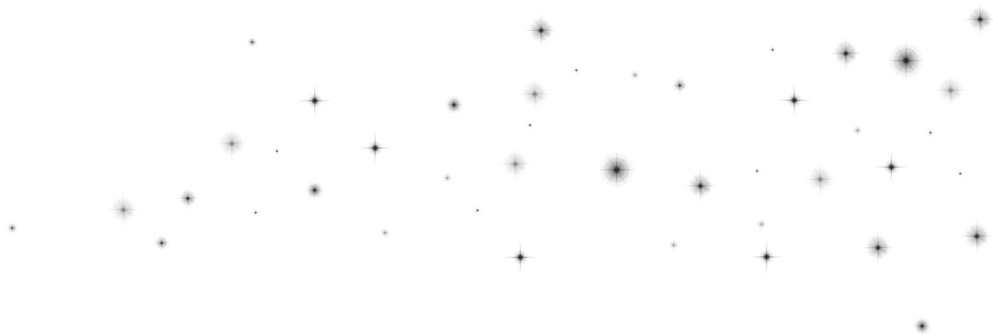
— Ótimo. — Bato palmas de empolgação e ele ri mais uma vez. — Vou mandar mensagem para seu irmão avisando e pedindo para chamar o Digão.

Ele assente enquanto pego meu celular e começo a mandar mensagens para o Lucas e a Sam.

— Ei, Bia... — Marcus me chama e eu ergo o rosto por cima do telefone para olhá-lo. — Obrigado por isso, de verdade. Você é uma garota incrível. Meu irmão tem muita sorte de ter te encontrado.

Eu enrubesço com sua fala e sorrio para ele com timidez. Marcus é um cara incrível e merece ser feliz como nós, e no que depender de mim, sempre vou ajudar para que ele nunca se sinta inferior por ter uma opção sexual diferente. Meu coração ainda dói por saber a barra que esses dois estão passando, mas torço muito para que os pais do Cadu vejam o erro que estão cometendo e aceitem seu filho do jeito que é, porque acima de tudo ele é um ser humano e principalmente, filho deles. E filho nenhum deveria passar por isso. Marcus é mesmo um cara de muita sorte por ter pais tão incríveis, mas quantas pessoas por aí nesse mundo não tem a mesma sorte que ele?

Capítulo 37



Toco o interfone da casa do Lucas e enquanto espero que a porta se abra, olho para o meu lado e vejo Cadu cabisbaixo. Hoje é aniversário dos meninos e eu despistei com o Lucas que o veria apenas a noite enquanto combinei esse almoço surpresa com sua mãe e pedi ao Cadu que me buscasse, pois o hotel que está hospedado é perto do meu apartamento.

— Ei, Cadu... — Ele ergue o rosto para me encarar e toda tristeza que vejo em seus olhos faz meu coração se apertar um pouco mais. Eu me aproximo dele e o puxo em um abraço, tentando transmitir um pouco de conforto. — Vai dar tudo certo, isso tudo um dia vai passar, ok?

Ele assente com a cabeça ainda pensativo.

— Agora abre um sorriso porque hoje é o aniversário dos homens das nossas vidas!

Ele esboça um sorriso fraco e balança a cabeça novamente, ainda em silêncio.

A porta principal se abre e eu o puxo pela mão, o guiando para dentro da casa. Quando chegamos à cozinha, somos recebidos pela nossa sogra que nos aguarda com um enorme sorriso no rosto.

— Ei, Bia! Como está, querida?

— Estou ótima, Elisa! — Ela me puxa em um abraço apertado e eu sorrio.

Pouco depois ela se afasta de mim para cumprimentar o Cadu.

— E você, como está, meu filho? — Ela lhe lança um sorriso materno e o puxa em um abraço ainda mais apertado.

— Estou tentando ficar bem, Elisa... — O seu tom de voz esgoelado faz meu coração se partir ao meio.

— Sei que nada vai substituir a ausência deles, Cadu. Mas você sabe que

faz parte dessa família, não é? Você não está sozinho...

Ele confirma com a cabeça enquanto ela dá um beijo em seu rosto.

— Agora vão para a sala surpreendê-los, pois aqueles bobos estão achando que vocês não se lembraram deles. — Ela nos lança um olhar cúmplice e eu puxo o Cadu mais uma vez pela mão seguindo para a sala de TV.

Quando chego na porta da sala eu faço um barulho proposital e os vejo se virando para nós com uma cara de espanto e logo um sorriso surge. Lucas é o primeiro a se levantar e me toma em seus braços, me beijando sem pudor.

— Oi, amor. Não sabia que você viria hoje... Não disse que ia almoçar com a Sam? — Ele arqueia uma sobrancelha e eu sorrio.

— Vai brigar comigo se eu tiver mentido para você só hoje?

Ele ri e me puxa mais uma vez para um beijo. De canto de olho vejo Marcus e Cadu se abraçando um tanto sem jeito. Meu coração se parte novamente ao ver o que eles estão passando e como eles ficam sem graça com demonstrações de carinho em público, e me pergunto mais uma vez por que as coisas tem que ser assim.

Eu me separo do Lucas e vou em direção a eles, para abraçar o Marcus.

— Feliz aniversário, gatinho. — Digo enquanto estendo meu presente para ele, dando um beijo em seu rosto.

— Obrigado, Bia. Não precisava se preocupar. — Ele pega o pacote da minha mão e sorri. Seu sorriso se alarga quando abre e puxa um perfume lá de dentro, me dando um abraço bem apertado. — Adorei, gatinha. Valeu mesmo!

Beijo seu rosto e me afasto dele para olhar para o Lucas que nos observa de longe. De relance vejo Marcus conduzir Cadu até o andar de cima e eu aproveito a deixa para chamar o Lucas para se sentar comigo no sofá.

Ele se senta de frente para mim e me olha com aqueles olhos acinzentados intensos, como se despissem a minha alma com aquele olhar. Aproximo-me dele e toco seu rosto, correndo os dedos por toda sua face com carinho. Ele me dá um sorriso contido, se deliciando com a sensação do meu toque em sua pele.

Chego um pouco mais perto e beijo seus lábios suavemente, apenas sentindo a maciez deles em contato com os meus. Como eu sou apaixonada por eles e por tudo mais que venha do Lucas!

Eu separo nossos lábios e olho dentro de seus olhos.

— Feliz aniversário, amor. — Ele sorri e roça seus lábios nos meus, sem me beijar. — Trouxe um presente para você, mas não é nada em relação ao que merece.

Ele me lança um sorriso curioso enquanto abre o pacote que estendo para ele. Lucas pega a caixa de veludo lá de dentro e quando abre vejo seu sorriso se alargar ao ver o relógio que lhe dei.

— Obrigado, linda. Eu adorei. — Ele toma meu rosto com suas duas mãos e me beija com intensidade.

Separo-me dele com relutância e digo ainda olhando em seus olhos.

— Mas você não o viu direito, pega o relógio, Lucas. — Eu faço uma cara brava e ele ri, balançando a cabeça em concordância.

Ele retira o relógio da caixa e quando o vira, seus olhos brilham ao ver uma expressão gravada: *Forever my angel*.

— Você sempre será meu anjo, Lucas. Em uma fase da minha vida que eu estava perdida, que achava que nada mais daria certo, você apareceu. Quando eu estava começando a perder as esperanças, você caiu do céu. Não tenho palavras para te agradecer por tudo que você faz por mim, pela forma como cuida de mim e principalmente por me fazer sorrir. Eu passei um ano da minha vida chorando, amor, sem saber o que fazer. E então você apareceu. Foi chegando de mansinho e logo se tornou meu tudo. Você me aceitou do jeito que eu sou, com minhas imperfeições, meus medos e inseguranças. Nunca exigiu de mim mais do que eu podia oferecer. E, Lucas... Isso só fez com que eu me apaixonasse ainda mais por você. Você é um cara incrível e eu não poderia ter encontrado um namorado melhor. Parabéns, meu amor. Espero comemorar muitas novas datas com você.

Eu termino de falar e vejo seus lindos olhos marejados e uma lágrima escorrendo pela sua face e essa é a primeira vez que eu o vejo chorando desde que o conheci.

Ele me puxa para um abraço e enterra seu rosto em meu pescoço, me beijando com delicadeza. Quando se afasta, seca os olhos com o dedo e me abre o maior sorriso do mundo.

— Confesse que isso foi de propósito para me fazer chorar. — Ele brinca enquanto coloca o relógio em seu pulso, ajustando a pulseira. Olha para o presente e olha para mim mais uma vez e se aproxima para me beijar.

Ele me abraça pela cintura e eu o puxo pelos cabelos, intensificando nosso beijo. Nos perdemos em nossos beijos, e a sensação de ter o Lucas junto a mim é simplesmente maravilhosa.

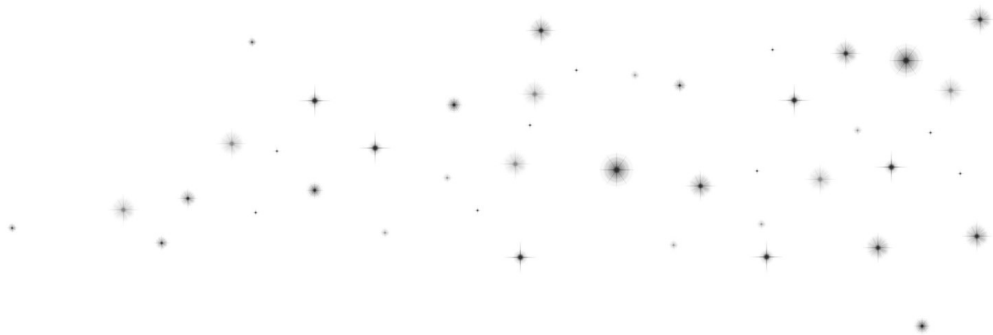
Ele se afasta e mordisca meu lábio inferior antes de me soltar por completo.

— Obrigado, Bia. Estou sem palavras... Você é muito além do que eu imaginei. Prometo sempre ser seu anjo, sempre cuidar de você. Eu nunca vou te abandonar, amor. — Ele me puxa para um abraço e eu me aninho em seu peito,

sentindo seu coração bater forte.

Ficamos um tempo em silêncio, apenas sentindo o calor de nossos corpos e ouvindo o som dos nossos corações, e palavras ali não cabem mais.

Capítulo 38



— É sério que ninguém vai entrar na piscina hoje? — Eu cruzo os braços revoltada, pois o dia está lindo e eu nem me lembrei de trazer meu biquíni.

Estamos todos na área de churrasco em uma conversa agradável enquanto Marcelo está comandando a churrasqueira.

— Você devia ter trazido seu biquíni, Bia. — Lucas dá de ombros enquanto dá um gole em sua cerveja.

— Eu sei, sou burra demais por não ter pensado nisso antes.

— Não seja por isso, gatinha. — Marcus me pega no colo e começa a correr comigo em direção à piscina e eu começo a gritar quando percebo o que ele está prestes a fazer.

— Lucas, me ajuda! — Eu grito, e antes que ele possa se mover, sou arremessada para dentro da água, com roupa e tudo, com um Marcus todo sorridente me segurando em seus braços.

— Cara, isso não é justo! — Eu dou vários tapas no ombro do meu amigo que cai na gargalhada. Afasto meu cabelo do rosto e me viro na direção dos rapazes, que também estão rindo.

— Lucas, me faça um favor! Jogue o namorado dele na água também! — Eu grito para o meu namorado que me abre um sorriso cúmplice.

— Ei, Lucas... Nem brinca com isso, cara. — Cadu ergue os braços em rendição, mas Lucas não se aguenta e começa a empurrá-lo em direção à piscina. Cadu tenta frear a todo custo, nos tirando boas risadas. Quando chega perto da borda, Lucas o empurra e pula logo atrás, atirando água para todo lado.

— Isso foi ridículo. — Cadu bufa indignado quando emerge da água.

— Foi seu namorado quem começou! — Eu aponto o dedo para o Marcus, que dá um tapa na minha mão em provocação.

Eu jogo água no rosto do Marcus, que devolve me fazendo engasgar, então monto em cima dele o afundando, como fiz com o Lucas na primeira vez que nadei com ele. E a partir dali é guerra declarada.

Estamos todos com as roupas encharcadas, pesando uns duzentos quilos e ainda atirando água no outro e pulando em cima, para fazer engolir bastante água e eu percebo que nunca ri tanto na minha vida.

Minha barriga dói de tanto rir e quando estou começando a recuperar meu fôlego, vem alguém e me atira água de novo, me fazendo engasgar mais uma vez. Sorrio ao ver meus amigos rindo, pois sei que é exatamente disso que eles precisavam. Um pouco de diversão não faz mal a ninguém e espero poder sempre propiciar momentos como esse a eles, que são pessoas incríveis e merecem sorrir mais do que ninguém.

Depois de passarmos um bom tempo brincando na água, saio da piscina e visto uma roupa seca que Elisa me oferece. Terminamos de almoçar e quando vejo o Cadu entrando em casa com o Marcus, chamo o Lucas para me levar para casa.

Ele arruma sua mochila e coloca em seus ombros, enquanto eu me despeço de seus pais.

— Que horas você combinou com a Sam de nos encontrarmos no barzinho hoje? — Ele pergunta assim que entramos em seu carro.

— Às oito horas, Lu. — Ele balança a cabeça concordando e pousa a sua mão em minha coxa, fazendo carinho com os dedos enquanto dirige.

Quando chegamos em casa, ele deixa sua mochila em cima do sofá e me toma nos braços, me beijando calmamente.

— Temos um tempo ainda antes de começarmos a nos arrumar para sair, quer assistir algum seriado? — Eu o pergunto quando ele afasta nossos lábios.

— Beleza, Bia. Ainda tem sorvete no freezer? — Eu assinto e o vejo ir em direção à cozinha. — Ótimo, vou buscar então.

Sento-me no sofá e ligo a TV e logo sinto Lucas se sentar ao meu lado, me estendendo uma taça de sorvete.

— E o que vamos assistir? — Ele pergunta enquanto coloca uma colher de sorvete na boca.

— Pode ser *Prison Break*? Estou doida para assistir esse seriado, mas nunca tenho tempo.

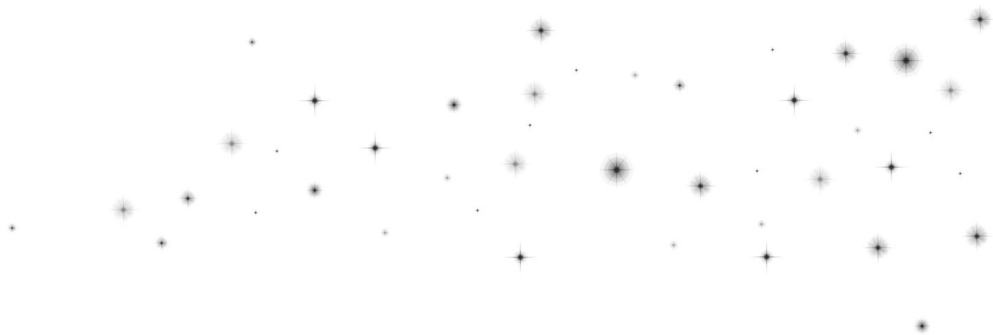
— Fechou! Começamos hoje e maratonamos amanhã até terminar.

Eu confirmo com a cabeça e seleciono o seriado na TV, enquanto Lucas

passa o braço ao redor do meu ombro, me apertando contra si. Eu me aninho em seu abraço e coloco minhas pernas de lado em seu colo, me aconchegando melhor.

É incrível como fazer pequenas coisas com o Lucas se tornam algo extraordinário, como assistir um simples seriado tomando sorvete. Mas é disso que a vida é feita, de pequenas coisas e pequenos momentos que, se passados com quem amamos, se tornam perfeitos.

Capítulo 39



Entramos no barzinho e andamos pelas mesas procurando o pessoal. Logo vemos Sam e Júlio acenando para nós de uma mesa de canto. Chegamos até eles e os cumprimentamos.

— Feliz aniversário, Lucas. Você merece um prêmio por aturar a Bia todos os dias. — Sam o puxa para um abraço e eu faço uma careta para ela que ri para mim.

— Só um pouquinho... — Eu brinco e ele solta uma gargalhada para mim.

— Parabéns, cara! — Júlio dá um tapa em seu braço e Lucas balança a cabeça assentindo.

— Valeu!

— Vocês chegaram há muito tempo? — Pergunto a Sam enquanto sinalizo para um garçom vir nos atender.

— Nada... Tem uns quinze minutos. — Confirmo com a cabeça e quando o garçom chega, fazemos os pedidos das nossas bebidas.

— O pessoal já começou a cantar?

— Ainda não, amiga. Mas estou ansiosa para começarem, pela forma como você elogiou.

— Você vai chorar de rir, Sam. Tenho certeza. E como vai nosso bebê? — Eu pouso a mão em cima da barriga da minha amiga, fazendo um carinho.

— Está bem, tia Bia. Fazendo a mamãe sentir uns enjoos, mas tudo bem.

— E como foi o primeiro ultrassom? Conseguiu ver alguma coisa?

— Vimos sim, maninha. Ele é perfeito. — Júlio entra na nossa conversa enquanto abraça sua esposa.

— Não é para tanto, amor. Não dá para ver nada direito, Bia. Mas foi

mágico ouvir o coraçãozinho dele. — O brilho que vejo no olhar deles me faz sorrir.

— Imagino, amiga. Vai vir cheio de saúde, vocês vão ver. Estou louca para que nasça logo e eu possa encher de mimos.

— Aguenta aí, mocinha. Faltam oito meses ainda...

— Falando nisso, comprei um presente para ele, Sam. Preciso entregar a vocês.

— Ah, amiga. Que lindo! — Os olhos dela marejam e ela balança a mão na frente, como se isso fosse conter as lágrimas, me fazendo rir.

— E cadê o pessoal, Lu? — Pergunto ao Lucas enquanto ele me abraça pela cintura e beija minha testa.

Ele tira o celular do bolso e dá uma conferida antes de me responder.

— Parece que acabaram de chegar. — Ele vira para trás procurando e o vejo acenar para eles que chegam até nós.

Primeiro vem Marcus e Cadu, e ao cumprimentá-los vejo que o semblante deles está um pouco mais leve, me trazendo certo alívio.

Logo atrás chega Digão com uma moça linda ao seu lado. Não sabia que ele tinha namorada, e como se pudesse ler meus pensamentos, Lucas me apresenta a ela.

— Amor, essa é a Luísa, namorada do Digão. Como ela o aguenta é a maior incógnita da história.

Digão dá uma trombada no Lucas, nos tirando uma risada.

— Prazer, Luísa. Eu me chamo Bia. — Eu a abraço e vejo como ela é linda. Seus cabelos são lisos e bem escuros, quase azulados, dando um perfeito destaque aos olhos cor de mel. Ela é magra e de baixa estatura, fazendo um belo contraste com o brutamontes do Digão.

— O prazer é meu, Bia. Fico feliz em finalmente conhecer a garota que derrotou meu namorado convencido na mesa de pôquer.

Eu rio de sua expressão e lanço um olhar malicioso para o Digão.

— Está querendo uma segunda rodada, amigo?

— Na verdade, tive uma outra ideia, Bia. — Ele aponta para a mesa de sinuca no lado oposto ao bar e eu franzo o cenho. — Quero te desafiar para uma partida de sinuca, loirinha. — Ele cruza os braços e me olha em tom de desafio.

— Isso depende muito, Digão. O que vamos apostar dessa vez? Eu só entro nessa se tiver uma aposta de verdade.

— Me diz você, loirinha. O que vai ser?

Coço o queixo fingindo pensar em alguma coisa e então aponto para o palco.

— Karaokê. Quem ganhar escolhe o que o outro vai cantar.

Digão estende a mão para mim e abre um sorriso.

— Fechado. — Eu aperto sua mão e selamos nosso acordo.

Eles começam a conversar entre si e eu puxo o Lucas para um abraço e sussurro em seu ouvido:

— Vou precisar da sua ajuda, amor. Sou péssima na sinuca. — Digo enquanto dou um beijo em sua orelha, despistando.

Ele ri em meus ombros e abaixa sua cabeça, afundando o rosto em meu pescoço.

— Sabe que entrou numa fria, né? Ele é o cara na sinuca.

— Eu não podia dar para trás.

— Eu sei, linda, pode deixar que vou te ajudar. — Ele beija meu pescoço lentamente, fazendo com que meu corpo todo arrepie, então me separo dele, lhe repreendendo com o olhar.

Ele ri e me solta para entrarmos na conversa da mesa. Eu não paro de olhar para o Marcus e o Cadu, e vê-los bem e sorrindo me faz relaxar e sentir que realmente fiz a coisa certa chamando todo mundo para vir aqui hoje.

Ficamos conversando por um bom tempo sobre coisas comuns, ambos evitando entrar no assunto delicado, e quando percebo que Marcus sai para ir ao banheiro, eu me aproximo do Cadu.

— Ei...

— Oi, Bia. — Ele sorri para mim, ajeitando os óculos.

— Como você está?

— Estou melhorando, obrigado pelo apoio.

— Imagina, Cadu! Deixa eu te perguntar uma coisa, você ainda está no hotel? — Ele assente e eu continuo. — Sabe que eu moro sozinha, né? Lá é pequeno, mas se precisar pode ficar lá em casa por uns dias até você encontrar um lugar definitivo.

— Poxa, Bia. Valeu mesmo. Mas não vou precisar, pois encontrei uma quitinete que o pai de um colega do trabalho está alugando no centro, e se tudo der certo, me mudo na semana que vem.

— Ah, que ótimo! Se precisar é só me falar, ok?

— Tudo bem, Bia. Obrigado mesmo!

Eu me afasto dele e volto minha atenção para o Lucas e quando ele me abraça, ouço Digão me chamando.

— Bora, loirinha?

— Essa eu quero ver! — Sam pega seu drinque sem álcool e chega perto de mim, apertando meus ombros como forma de incentivo.

Caminhamos todos em direção à mesa de sinuca, e quando chegamos lá, peço ao Lucas que escolha o melhor taco para mim. Ele me entrega e beija meus lábios, me desejando boa sorte.

Marcus posiciona as bolas na mesa e pisca para mim, me encorajando.

— Primeiro as damas. — Digão faz uma mesura e eu rio.

— Da última vez que você disse isso a coisa ficou feia para você, hein?

Ele ri e me manda um beijo e então eu me posiciono, mirando o taco para a bola branca. Lucas me ajuda a posicionar corretamente os dedos e então eu dou a primeira tacada, espalhando as bolas por toda a mesa.

Digão dá uma tacada certa e encaçapa a bola de número oito e quando repete o movimento, já não tem o mesmo sucesso.

Chega a minha vez e eu me posiciono mais uma vez, quando sinto Lucas chegando perto do meu ouvido.

— Lembra de acertar apenas as bolas ímpares, amor. — Eu assinto com a cabeça e ele continua. — Está vendo a número três? Se você der um toque leve nela, consegue mandá-la para dentro.

Eu calculo meus movimentos e miro na bola branca para pegar a lateral da que o Lucas indicou, e com um movimento certo eu consigo encaçapá-la. Eu vibro por isso e bato na mão do Lucas que comemora comigo.

Analiso com calma a próxima jogada e Lucas fica atrás de mim me acompanhando. Aponto para a bola cinco, esperando por sua aprovação. Lucas assente e eu me posiciono mais uma vez, e dessa vez, sem a ajuda dele, eu consigo encaçapar essa também, só que com uma tacada mais forte.

Eu vibro mais uma vez e lanço um olhar para o Digão, que está coçando a cabeça confuso.

Me posiciono para uma nova tacada, mas dessa vez calculo errado e ela passa de raspão na bola que eu queria acertar, passando a vez para o Digão.

A partida toda corre em silêncio e por mais que eu esteja em vantagem, não quero comemorar antes da hora. Quando encaçapo a bola de número um, eu pulo em cima do colo do Lucas em comemoração e ele ri me enchendo de beijos no queixo e rosto.

Todos me aplaudem e eu olho para o Digão que aparenta estar bem frustrado.

— Já vai querer cantar, Digão?

— Melhor de três, não?

— Cara, você só está adiando seu sofrimento... — Eu pisco para ele que ri, pegando o taco mais uma vez.

— Vamos ver, loirinha.

Na segunda partida eu não dou tanta sorte assim e Digão ganha de mim com uma boa vantagem, inflando seu ego. Então nós empatamos e a tensão sobre a terceira partida é maior. Lucas cochicha em meu ouvido em cada movimento meu e eu analiso muito bem antes de fazer minhas tacadas e quando estamos perto de chegar ao fim estamos empatados, então Digão comete um deslize e encaçapa a bola branca, entregando de vez seu jogo.

Eu pulo em cima do Lucas mais uma vez e ele sorri para mim todo orgulhoso.

— Essa é minha garota. — Ele me dá um beijo de tirar o fôlego e quando me coloca no chão, ouço os aplausos dos nossos amigos.

Digão bufa frustrado e eu rio de sua cara de derrotado.

— Vamos para a fila do karaokê?

— Claro, sou um homem de palavra.

— Se eu fosse você não a desafiaria de novo, amor. — Luísa brinca com ele enquanto o abraça e me lança um sorriso zombeteiro.

— Até você, linda? Não deveria estar do meu lado? — Ele resmunga enquanto caminhamos juntos até a fila que se forma perto do palco.

— É bom ferir seu ego de vez em quando, Di. — Ela pisca para ele enquanto caímos na gargalhada.

— Então, qual vai ser? — Digão me pergunta assim que chega a sua vez.

Eu finjo pensar coçando o queixo e logo indico para o rapaz que está comandando o karaokê.

— YMCA.

— Porra, Bia. Village People?

— Achou que eu ia pegar leve com você? Jamais. Agora, anda! — Eu o empurro quando a música começa e tocar nos alto-falantes e o entrego o microfone.

Ele parece tímido a princípio, mas logo se empolga quando vê a galera

batendo palmas no ritmo da música, lhe incentivando. Digão começa a cantar e quando chega ao refrão faz até uma dancinha engraçada e eu sinto meu maxilar doer de tanto rir.

Seu inglês é péssimo e ele faz umas caras muito engraçadas dando performance à música enquanto todo o bar canta e bate palmas junto com ele. Assim vejo como valeu a pena ter ganhado aquela partida de sinuca, senão estaria perdendo a cena mais hilária que já vi na minha vida.

A música termina e todos aplaudem e gritam com empolgação, fazendo com que ele acene agradecendo. Ele desce do palco e eu ergo minha mão para bater na sua e ele ri.

— Mandou bem, Digão. Confesso que achei que fosse “arregar”.

— Rá, rá. Jamais Bia, missão dada é missão cumprida. — Ele bate continência e eu rio.

— Bem a lá Village People mesmo.

— Vá se ferrar, loirinha. — Ele dá um empurrão leve no meu braço enquanto rimos.

O resto da noite passa bem rápido. Lucas e Digão se enfrentam na sinuca algumas vezes, mas sem nenhuma aposta, e eu aproveito para observar as partidas, para o caso de ser desafiada mais uma vez, pois dessa vez ganhei por pura sorte.

Deixo os rapazes jogando e vou ao banheiro, e quando retorno vejo uma morena encostada na mesa de sinuca de uma forma bem oferecida conversando com o Lucas. Sinto meu sangue talhar e engulo em seco, com um sentimento ruim tomando conta de mim.

Eu me aproximo dele e o abraço por trás, dando um beijo em seu ombro, e a garota parece ter visto um fantasma quando me olha.

— Amor, essa é a Bruna, uma colega de trabalho. — Lucas trata de nos apresentar me vendo fuzilar a tal Bruna com o olhar. — Essa é a minha namorada, Bia.

Eu estendo a mão a ela, que aperta e me lança um olhar de desprezo.

— Não sabia que você tinha namorada, Lucas. — Agora eu tenho vontade de puxá-la pelos cabelos e arrastar pelo asfalto.

Eu aperto meus braços ao redor dele que logo percebe minha inquietação e trata de encerrar o assunto.

— Pois é, porque quase não nos vemos. Se me der licença, Bruna. — Ela assente e se afasta de nós rebolando.

Eu solto os braços e me viro para olhá-lo.

— Eu não posso ficar um segundo longe de você que já aparece sirigaita do além para te ver?

Lucas ri e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Relaxa, Bia.

— Colega de trabalho, é? — Cruzo os braços o fuzilando com o olhar.

— Ela é de outro setor, amor. Eu nem a vejo tanto assim, até estranhei ela vir conversar comigo.

— Pois para mim não pareceu estranho.

Ele beija minha testa e começa a rir, o que só aumenta minha raiva.

— Está rindo do quê?

— De você... Fica linda quando está com ciúmes, sabia?

— Eu não estou com ciúmes. — Ele me repreende com os olhos e eu bufo.

— Ok, só um pouquinho. Mas ela estava te comendo com os olhos.

— Deixe que olhem... Eu sou só seu. — Ele pisca e me puxa para um beijo.

Lucas me enche de beijos, me fazendo relaxar, e vez ou outra comenta como fico linda toda brava, me fazendo revirar os olhos.

Depois de horas bebendo e jogando conversa fora, vemos que é hora de ir embora e cada um segue para sua casa.

Quando entro no meu apartamento, já vou tirando meus sapatos e esticando meus pés, mancando levemente.

— Machucou, Bia? — Lucas me pergunta quando nota meu desconforto.

— Um pouco, sapatos novos são sempre assim.

— Vem cá. — Ele me puxa para o sofá, colocando minhas pernas em seu colo e começa a massagear meus pés.

Eu encosto minha cabeça no sofá enquanto sinto o vaivém de suas mãos nos meus pés, me fazendo relaxar.

— Acho que vou usar somente estes sapatos agora, se me render uma boa massagem nos pés.

Lucas ri e me abre seu melhor sorriso.

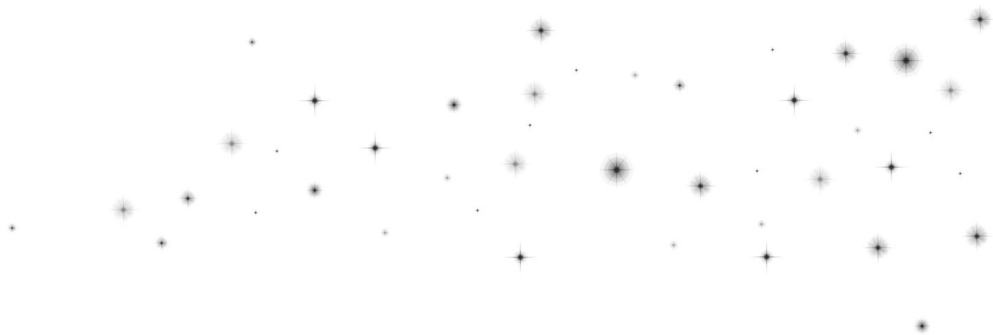
— Não precisa se machucar por isso, amor. Só pedir que eu faço para você.

— Ele pisca e desce seu olhar para os meus pés de novo, fazendo todo o movimento com cuidado.

Eu não estava brincando quando disse que ele é o melhor namorado que eu poderia ter, pois não me vejo encontrando uma pessoa melhor para mim. Lucas

se doa por completo sem pedir nada em troca, e isso só o torna ainda mais extraordinário do que é.

Capítulo 40



O dia do aniversário da minha mãe chegou e embora eu esteja muito nervosa pelo fato do Lucas estar indo comigo, não deixo transparecer. Ele é um cara incrível e sei que vai dar tudo certo, mas como é a primeira pessoa que eu levo para conhecer meus pais desde o Vinícius, me sinto apreensiva.

A viagem corre de forma tranquila, um som baixo acompanha nosso trajeto e passa por Aerosmith, Bon Jovi, Guns n' Roses e AC/DC. Cada segundo passado ao seu lado é perfeito e quando percebo, já estamos na porta da casa da minha mãe.

Lucas pega nossas mochilas no banco traseiro enquanto eu abro a porta e saio do carro, olhando para aquela casa que me traz tantas lembranças.

— Saudades de casa? — Ele pergunta parando ao meu lado, com as mochilas nos ombros.

— E quem não teria? — Me viro para ele e sorrio, lhe dando um selinho. — Vamos lá?

Ele assente e eu me aproximo da porta, tocando o interfone. Segundos depois minha mãe me vê pela câmera e abre a porta.

Passamos pela garagem e logo vejo minha mãe na entrada da sala de estar, com um sorriso enorme e os braços abertos.

— Bia! Que saudades de você, minha filha. — Eu me aninho em seus braços, sentindo seu aroma familiar de lavanda, e sorrio por dentro.

— Também estava morrendo de saudades, mãe. — Eu me afasto de seu abraço para olhar em seus olhos castanhos, e o brilho que eu vejo neles faz meu coração se aquecer.

— Mãe, eu preciso te apresentar alguém. — Ela assente olhando por trás de mim e eu sinalizo para o Lucas vir até nós.

— Esse é o Lucas, meu namorado. Lu, essa é a minha mãe, Rose.

Lucas lhe abre um sorriso imenso, mostrando suas covinhas, e pela reação da minha mãe sei que ele já a conquistou ali. Assim como eu, minha mãe adora umas covinhas.

— Muito prazer, dona Rose. — Lucas estende a mão para ela, que já o puxa logo em um abraço.

— O prazer é todo meu, Lucas. Finalmente conheci o rapaz que tem feito tanto bem à minha menina. — Ela se afasta para olhá-lo no rosto e sorri. — Já te disseram que suas covinhas são um charme?

— Mãe... — Eu a repreendo constrangida e Lucas ri.

— O que tem demais, Bia? É verdade! Você bem sabe como adoro covinhas.

— Obrigado, dona Rose. Sempre usei minhas covinhas em meu favor. — Ele pisca para ela e eu dou um tapa em seu braço, lhe lançando um olhar bravo.

— O que foi, amor? Eu te conquistei, não foi?

Eu bufo derrotada e seu sorriso só aumenta.

— Sim e você sabe que suas covinhas são meu ponto fraco. — Ele me dá um beijo no rosto e minha mãe gesticula para entrarmos.

— Vamos entrar, meninos. E, Lucas, me chame apenas de Rose, por favor. Essa mocinha só me chama de dona para me irritar, pois sabe que eu me sinto uma velha quando me chamam assim.

Ele concorda com a cabeça enquanto entramos e ela o apresenta nossa casa com empolgação. Mamãe não para de falar um segundo e pela cara divertida do Lucas sei que está adorando isso, e eu respiro mais aliviada por ver que está dando tudo certo.

Quando chegamos à cozinha, sinto um cheiro familiar tomar conta do ambiente.

— Hummm... Que cheiro bom, mãe. Estava com saudades da sua comida. — Digo enquanto a abraço por trás, dando um beijo em seu ombro.

— Se viesse mais vezes ver sua mãe, não sentiria tanta falta. — Eu suspiro frustrada e ela continua. — Mas não tem problema, meu amor, eu entendo. O importante é você estar aqui agora. — Assinto e ela continua. — Vá mostrar o andar de cima para o Lucas e o acomode no quarto de hóspedes.

— Pode deixar. — Dou um beijo em sua bochecha e sinalizo para o Lucas me acompanhar, subindo pelas escadas.

— Esse vai ser seu quarto. — Abro a porta e mostro o cômodo, que ele

entra tímido e coloca sua mochila em cima da cama. — Nem a pau minha mãe vai nos deixar dormir juntos, então se conforme em dormir aqui.

Ele sorri e vem até mim, beijando minha testa.

— Eu nem teria coragem de pedir isso, linda. Ela está certa.

Eu o puxo pela mão e o conduzo até o meu quarto.

— Este é o meu quarto. — Pego a mochila de suas mãos e a coloco em cima da minha cômoda. Ele fica em silêncio olhando tudo ao seu redor, parecendo encantado. — E então, o que achou?

— Eu confesso que estou um pouco desapontado.

— Por quê? — Arqueio uma sobrancelha e ele ri.

— Esperava encontrar um pôster do Justin Bieber em tamanho real atrás da porta.

Eu dou um tapa em seu braço e dispero a rir.

— Me desculpe por te decepcionar então, definitivamente você não vai encontrar isso no meu quarto. Sou uma garota comum, está vendo? Aqui não tem nada demais.

— Discordo plenamente.

— Do quê?

— Você é tudo, menos uma garota comum. — Eu sorrio e ele me toma nos braços, me puxando para um beijo caloroso.

Me afasto com relutância e digo com nossos lábios ainda encostados.

— É melhor nós descermos antes que eu leve uma bronca da minha mãe.

— Claro. — Ele me dá um selinho e me pega pela mão para descermos as escadas.

— Feliz aniversário, mãe. — Eu a abraço por trás e estendo o meu presente a sua frente. — Achou que eu tinha me esquecido de você, é?

— Não sei, Bia... De você posso esperar tudo. — Eu fecho a cara para ela que dispara a rir em seguida. — Estou brincando, filha, muito obrigada.

Ela enxuga as mãos no avental e pega a pequena caixa que está em minhas mãos, e quando abre, vejo seu sorriso se abrir.

— São lindos, Bia. Obrigada! — Ela me abraça depois de ver o par de brincos de safira que comprei para ela. São pequenos e delicados, bem a cara da dona Rose.

— Nada se comparado ao que você merece, mãe. — Ela sorri e beija meu rosto.

Lucas pigarreia e nos faz olhar para ele, que sorri um tanto sem graça.

— Eu não a conhecia antes para saber o que te dar, Rose. Mas a Bia me disse que adora vinho, então espero que goste. — Ele estende a ela um *Casillero Del diablo*, lhe tirando um enorme sorriso.

— Vinho chileno? Uau... Esse sabe mesmo como conquistar a sogra. — Ela o puxa para um abraço. — Obrigada, Lucas. Não só pelo vinho, mas por aturar a minha filha, sei muito bem que não é fácil.

— Mãe! — Eu protesto e os dois riem.

— Realmente não é, Rose. Mas eu o faço com prazer. — Ele pisca para mim e me puxa para seus braços.

— Podemos abri-lo hoje? — Ela aponta para o vinho maravilhada.

— Claro, é a ocasião perfeita.

Ela coloca a garrafa em cima da bancada e volta sua atenção às panelas.

— Mãe, e o Marlon, onde está? — Pergunto pelo meu padraсто.

— Foi ao supermercado comprar algumas coisas que eu esqueci, já deve estar chegando.

Assinto e engatamos em uma conversa despreocupada.

— Você quer beber alguma coisa, Lucas? Uma cerveja talvez?

— Aceito sim, Rose. Mas pode deixar que eu pego, só me dizer onde.

— Estão na gaveta debaixo do congelador, os copos tem no armário ao lado.

Ele assente e logo volta dando um belo gole na cerveja gelada.

— Ah, Bia... Hoje a noite vai ter o show daquela banda que você gosta na praça principal, vi anunciando na rádio.

— Os Fury Hunters? — Eu pergunto empolgada, pois adoro essa banda.

— Eles mesmos. Vai começar às vinte e uma horas.

— Nossa que bom que dei essa sorte. Vamos ao show, amor?

— Claro, Bia. Você é quem manda. — Ele pisca para mim e eu sorrio.

— Se eu fosse você não ficaria falando uma coisa dessas por aí, Lucas. Ainda vai te deixar em maus lençóis. — Minha mãe o adverte e eu faço uma careta para ela que só os faz rir.

O resto do dia foi muito agradável, tivemos um almoço despreocupado, e mesmo o Marlon sendo um pouco reservado, se deu muito bem com o Lucas, e eu me senti muito grata por isso. Passar o dia com minha mãe foi maravilhoso; por mais que eu tenha minha própria casa, nada se compara à casa de mãe, e eu

senti muita falta da sua presença e do seu abraço.

Mais tarde, enquanto estávamos na varanda e os rapazes na sala de TV, minha mãe veio me perguntar sobre nós dois.

— Você está feliz, minha filha?

— Muito, mãe, o Lucas é incrível.

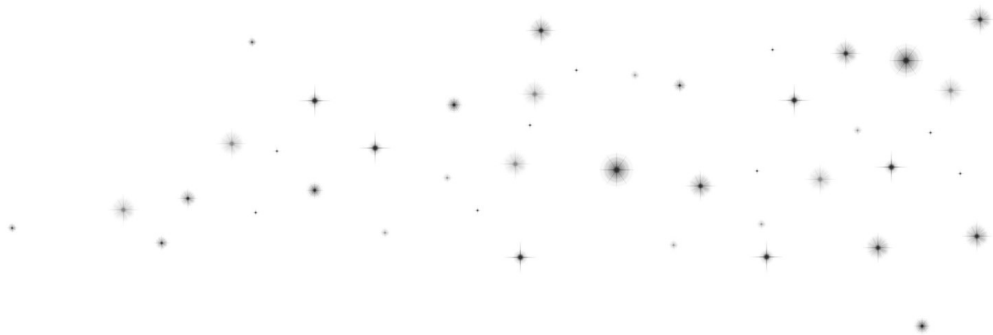
— Que bom, Bia. Não sabe como eu fico feliz em te ver sorrindo. Rezei todos os dias para Deus cuidar de você para mim em Monte Castelo, já que você não quis voltar para casa.

— Eu precisava encarar isso sozinha, mãe.

— Eu sei, meu amor, e te admiro muito por isso. Estou muito orgulhosa de você. — Suas palavras me fazem sorrir. Não tem nada que eu queira mais do que deixar as pessoas que eu amo orgulhosas, e sempre vou lutar por isso.

Não foi fácil, isso não posso negar. Mas hoje olho para trás e me sinto vitoriosa por ter passado por tantos obstáculos e ainda estar de pé, e principalmente sorrindo. E o motivo de tudo isso? Um certo cara de olhos azuis acinzentados, braço tatuado e portador das covinhas mais lindas, aquele que caiu do céu e veio para mudar todo o meu mundo.

Capítulo 41



Chegamos de mãos dadas à praça principal de Villa Bella para assistir ao show dos Fury Hunters, uma banda de rock da minha cidade natal que tem feito grande sucesso, e sempre que eu venho para cá vou a algum show deles.

Compramos nossas bebidas e nos acomodamos na lateral do palco que dá uma boa visão da banda. Lucas fica atrás de mim, envolve minha cintura com seus largos braços e deposita um beijo nos meus cabelos.

Depois de alguns minutos que estamos ali, abraçados e conversando, noto a praça ficando cada vez mais cheia, e não me lembro de ter ido a um show deles tão cheio assim.

Olho para os lados e imagino que tenha pelo menos duas mil pessoas aqui, todas vidradas esperando os meninos subirem no palco, e em poucos minutos vejo os rapazes pegando os instrumentos enquanto ouço gritos da plateia.

Os integrantes da *Fury* são realmente muito bonitos, e por onde eles passam tiram muitos suspiros e gritos das mulheres. Eu também os acho maravilhosos, mas fico com isso guardado para mim já que estou acompanhada. Villa Bella é uma cidade pequena, daquelas que todo mundo se conhece. Não tenho amizade com os rapazes, mas lembro deles mesmo antes da banda se formar.

Benny é o baterista com os braços tatuados, cabelos castanhos e olhos escuros, e por mais que tente parecer um badboy, dá para ver que é só fachada. Tales é o baixista mais gato de todos os tempos, loiro de olhos azuis, tem aquela cara de mulherengo, e seu sorriso faz qualquer uma derreter. André é o guitarrista, o mais velho da banda, e parece ser o mais sério também. Tem os cabelos castanho escuro e olhos claros. E por último Eduardo, o vocalista, com seus cabelos castanhos e olhos azuis, me lembra demais o Vinícius, e toda vez que eu o vejo sinto um apertinho no coração.

Eles se ajeitam no palco e logo sinalizam que vão começar o show. Benny

bate as baquetas, André entra com a guitarra e logo começam a tocar a música que reconheço como *One*, do U2. Ela cantada pela voz doce do Eduardo é simplesmente maravilhosa. A plateia toda se balança e canta junto com os rapazes, e a energia que emana deles é indescritível.

O repertório deles passa por Aerosmith, Bon Jovi, Nirvana, U2 e outras bandas boas de rock dos anos 90. Lucas parece aproveitar o show tanto quanto eu, e em momento algum me solta de seus braços, o que para mim torna tudo ainda mais perfeito.

Quando os Fury começam a tocar mais uma de Aerosmith, Lucas me aperta mais contra si e coloca sua cabeça em meu ombro, deixando sua boca na altura da minha orelha. Que Aerosmith é nossa banda eu já sabia, mas só me dou conta de que essa música é simplesmente perfeita para nós quando Lucas começa a cantar baixinho em meu ouvido *I Don't Want to Miss a Thing*.

*Eu poderia ficar acordado só para ouvir você respirar
Ver o seu rosto sorrindo enquanto você dorme
Enquanto você está longe e sonhando
Eu poderia passar minha vida nessa doce redenção
Eu poderia me perder neste momento para sempre
Todo momento que eu passo com você
É um momento precioso*

*Não quero fechar meus olhos
Não quero pegar no sono
Porque eu sentiria a sua falta, amor
E eu não quero perder nada
Porque mesmo quando eu sonho com você
O sonho mais doce nunca vai ser suficiente
Eu ainda sentiria sua falta, amor
E eu não quero perder nada*

Lucas pausa para dar um beijo no lóbulo da minha orelha e desce até o pescoço, me fazendo estremecer, e logo continua.

Deitado perto de você

*Sentindo o seu coração bater
E imaginando o que você está sonhando
Imaginando se sou eu quem você está vendo
Então beijo seus olhos e agradeço a Deus por estarmos juntos
E eu só quero ficar com você
Neste momento para sempre, para todo o sempre*

*Não quero fechar meus olhos
Não quero pegar no sono
Porque eu sentiria a sua falta, amor
E eu não quero perder nada
Porque mesmo quando eu sonho com você
O sonho mais doce nunca vai ser suficiente
Eu ainda sentiria sua falta, amor
E eu não quero perder nada*

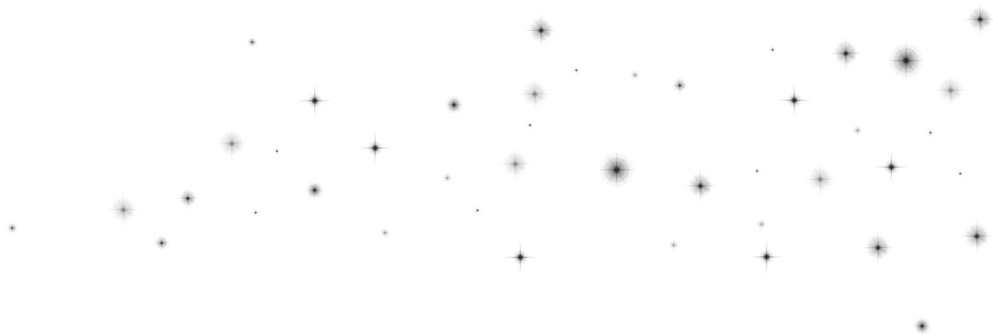
*Não quero perder um sorriso
Não quero perder um beijo
Bom, eu só quero ficar com você
Aqui com você, apenas assim
Eu só quero te abraçar forte
Sentir seu coração perto do meu
E ficar aqui neste momento
Por todo o resto dos tempos*

Ele continua cantando como um sussurro em meu ouvido, pausando apenas para fazer um trajeto de beijos pelo meu pescoço, e eu sinto lágrimas quentes rolarem pela minha face diante da veracidade de suas palavras. O refrão é cantado de novo e ele me aperta mais contra si, como se quisesse que eu absorvesse de fato tudo que ele está me dizendo.

Quando a música acaba eu me viro para ficar de frente para ele e passo minhas mãos em volta do seu pescoço. Ele vê minhas lágrimas e as seca com beijos, então me inclino para beijar seus lábios com toda doçura e todo amor que arde dentro do meu peito.

O show continua e eu estou alheia a tudo que acontece ao nosso redor, pois meus olhos não desgrudam daqueles olhos acinzentados, aqueles que me dizem tudo, mesmo que nenhuma palavra saia de sua boca. Aqueles que me dizem que tudo ficará bem e ficaremos juntos. Para sempre.

Capítulo 42



O dia amanhece e assim que terminamos de tomar o café nos despedimos da minha mãe para seguirmos para São Bernardo.

— Obrigada pela visita, minha filha. Volte mais vezes, eu amo ter você aqui comigo.

— Pode deixar, mãe. Venho sim. — Dou um abraço apertado nela e beijo seu rosto antes de entrar no carro.

— E você, Lucas... Cuide bem da minha menina. — Ela o puxa para um abraço, me fazendo sorrir diante da cena.

— Pode deixar, Rose. — Ele sorri para ela, mostrando suas covinhas e ela sorri toda abobada em resposta, me fazendo revirar os olhos.

— Tchau, mãe. — Eu sinalizo para ela enquanto Lucas entra no carro e dá partida.

Nosso trajeto até a cidade do meu pai é curto; dentro de quarenta minutos chegamos em São Bernardo e paramos na porta de sua casa.

Saímos do carro e eu pego sua mão antes de tocar o interfone.

— Já te disse que ele é terrível, né?

— Só um milhão de vezes, Bia. — Ele ri enquanto aperta minha mão e planta um beijo ali.

— Eu sei, mas nunca é suficiente se tratando do Sr. Lauro Arantes.

Ele sorri para mim e me puxa para um beijo que logo é interrompido quando ouço o som da porta se abrindo.

Adentramos e passamos pela lateral da casa, até ir para os fundos onde encontro meu pai e Patrícia, minha madrastra, na área de churrasqueira.

— Pai! — Eu acelero os passos e me jogo em seus braços, que me aperta

com força. Por mais que eu reclame dos apelidos que meu pai usa até hoje, no fundo adoro todo o carinho que ele tem comigo, pois ele é maravilhoso. Me afasto de seus braços e olho em seu rosto, já marcado pelo cansaço. Meu pai é aquele coroa de parar o trânsito, cabelos loiros escuros começando a ficar grisalhos e os mesmos olhos azuis que eu tenho.

— Bia, meu amor... Que saudade de você, quindinzinho! — E então meu rosto fica vermelho como um pimentão enquanto ouço a risada abafada de Lucas atrás de nós. Era para uma dessas que eu o estava preparando.

— Pai, quantas vezes já te disse para não me chamar assim na frente das pessoas? Eu não tenho mais cinco anos! — Eu o fuzilo com olhar, o que só faz com que o Lucas ria ainda mais, tirando um sorriso do meu pai.

— Você pode ter cinquenta anos, minha filha. Não importa, sempre será o meu quindim. — Eu reviro os olhos para ele, derrotada.

— Ei, Bia. Como vai? — Patrícia me cumprimenta com um abraço cheio de carinho. Claro que eu preferia que meus pais estivessem casados ainda, mas não tenho o que reclamar dos seus novos parceiros, que são ótimas pessoas.

— Estou ótima, Pat. — Então me afasto dela e puxo o Lucas pelo braço para apresentá-lo.

— Pai, esse é o Lucas, meu namorado. Amor, esse é o mala do meu pai e a minha “boadrasta” Patrícia.

Meu pai o fita de cima a baixo com o semblante sério, sem expressão, e eu me sinto congelar por dentro. Será possível que “Seu” Lauro não gostou dele?

Lucas estende o braço para ele, que parece pensar um pouco antes de apertar sua mão.

— Muito prazer, Lauro. Bia me falou bastante do senhor.

Meu pai faz uma careta para ele, o que faz minha insegurança aumentar ainda mais.

— O Senhor está no céu. E ainda não sei se é um prazer conhecê-lo, vamos ver depois. Bia, você tinha que arrumar um namorado tão rabiscado? — Meu pai aponta para o braço do Lucas arqueando a sobrancelha, me fazendo sentir dor de barriga. Nunca sei quando meu pai está brincando ou falando sério.

— Eu... — Começo a gaguejar enquanto me sinto corar até a raiz do cabelo.

Meu pai vê minha expressão confusa e dispara a gargalhar, me fazendo dar um tapa em seu braço.

— Eu não podia perder a piada, Bia. Tenho que passar boa impressão ao seu namorado. Eu estava brincando, Lucas. É um prazer conhecê-lo. — Papai o

puxa para um abraço e eu me vejo soltando o ar que estava prendendo. — Aceita uma cerveja?

— Vou aceitar sim, Lauro. Mas vou beber bem pouco hoje, pois mais tarde vamos pegar estrada.

— Bom rapaz! — Ele dá um tapinha em seu ombro enquanto nos conduz para uma mesa perto da churrasqueira.

Nos sentamos a mesa e começamos a conversar enquanto bebemos e beliscamos alguns pedaços de carne que meu pai tira da churrasqueira, vez ou outra Lucas vai em seu lugar, e pelo que vejo em seus olhos, parece ter gostado dele, o que me deixa bem aliviada.

— Então, Lucas. Me conte, como conseguiu conquistar a minha princesa? Sei que essa mocinha não é nada fácil.

— Pai! — Eu o repreendo e ele ri, e eu percebo o quanto senti falta dessa figura.

— Segundo a Rose, foram minhas covinhas. — Ele pausa para sorrir para mim e eu reviro os olhos. — Mas acho que foi só meu charme mesmo.

— Definitivamente foram as covinhas então. — Meu pai brinca e Lucas ri.

Conversamos por horas ali na mesa e eu nem vejo o tempo passar. Meu pai não mudou nada, os anos passam e por mais que os cabelos estejam ficando mais brancos, a alma de moleque continua a mesma. Ele continua com suas piadas sem graça, e por mais que eu pense que Lucas ri por educação, sei que está se divertindo com ele e meu coração se aquece por isso.

Depois de muito rirmos e meu pai me envergonhar bastante contando ao Lucas os micos que eu pagava quando era criança, vemos o sol se pôr e percebemos que já é hora de ir.

— Pai, acho melhor nós irmos para não chegarmos muito tarde em Monte Castelo.

— Tudo bem, princesa. Por favor, volte mais vezes e traga o Lucas, ok? Eu ainda não contei nem metade dos seus micos para ele.

— Pai! — Dou mais um tapa em seu braço e ele ri.

— Faço questão de voltar com mais tempo para escutar todas as histórias. — Lucas sorri enquanto estende a mão para meu pai, que aperta de bom grado.

— Está vendo, Bia? Este é dos meus! — Eu reviro os olhos para ele, mas sorrio por dentro por ver como se deram tão bem.

Saímos de casa e quando chegamos perto do carro, meu pai me puxa para um abraço forte, me fazendo inspirar todo seu perfume.

— Não demore a voltar, meu quindim. Sinto sua falta, viu? Papai ama muito você. — Como eu posso brigar com um cara tão fofo quanto meu pai?

— Também sinto a sua, pai. Te amo! — Dou um beijo em seu rosto antes de entrar no carro.

Acenamos para eles e logo Lucas pega a estrada de volta para Monte Castelo. Ele liga o som ambiente mais uma vez e com a luz baixa da estrada, eu acabo pegando no sono.

*****★*****

Lucas desliga o carro na porta do meu prédio e eu acordo com seu movimento.

— Ei, dorminhoca. — Ele sorri para mim e eu bocejo.

— Estava morta de cansaço, amor.

— Eu sei, linda, foi cansativo mesmo. Mas adorei o fim de semana, seus pais são muito legais.

— Sim, eles são. Preciso ir visitá-los mais vezes, só me dou conta disso quando chego lá.

— Sempre que quiser ir é só me pedir, Bia.

— Obrigada, Lu. — Sorrio para ele enquanto abro a porta do carro para sair.

Ele pega minha mochila no banco traseiro e me entrega.

— Obrigado pelo fim de semana, Bia. Eu adorei mesmo passar esse momento com você. Obrigado por me apresentar à sua família.

Me inclino para beijar seus lábios e acaricio seu rosto quando me afasto.

— Também adorei, anjo. Obrigada pela companhia.

Lucas me puxa para seus braços e me dá um beijo caloroso, fazendo meu corpo inteiro estremecer. Ele separa nossos lábios e faz o trajeto de beijos até o meu pescoço e depois até minha orelha, onde sussurra:

— Eu amo você. — Três palavras simples, mas que mudam tudo.

Meu corpo retesa e ele sente minha tensão, então se afasta para beijar minha testa.

— Não precisa responder, amor. Só precisava te dizer como me sinto. — Ele sorri para mim enquanto eu continuo sem reação.

— Boa noite, Bia. — Beija meu rosto e se vira para entrar no carro.

— Boa noite... — Eu respondo de modo automático e entro no meu prédio, mal sentindo o movimento das minhas pernas.

Três palavras.

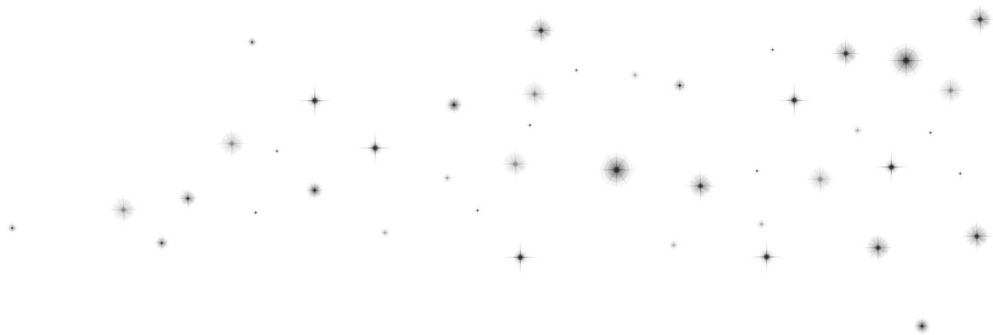
Três míseras palavras e meu mundo todo vira.

Todos os meus medos e inseguranças voltam como uma avalanche e eu me sinto perdida. Eu sabia que uma hora ia acabar acontecendo, mas não estava preparada para as emoções que iriam me causar.

Aquelas palavras que fazem meu coração doer dentro do meu peito pelo fardo que elas carregam. Meus olhos se embaçam e as lágrimas caem.

Por favor, Deus. De novo não...

Capítulo 43



O dia hoje passou de forma arrastada. Depois que me despedi do Lucas ontem e entrei em casa, demorei a dormir. Minha noite de sono foi péssima; ficar remoendo tudo o que vivemos e a forma como encerramos a noite me abalou bastante.

Eu sei que o que sentimos pelo outro é algo forte, mas aquelas palavras fizeram todas os meus medos voltarem e eu não quero passar pela mesma dor mais uma vez.

Passei o dia de trabalho calada, sem conversar muito com o Marcus que tentava, a todo custo, puxar papo comigo e saber como foi nosso fim de semana. Sei que meu amigo me conhece bem e percebeu que eu não estava legal, mas graças ao bom Deus ele respeitou meu espaço e não me pressionou a falar demais.

Chego em casa, tiro os sapatos e vou para cozinha pegar a jarra de suco na geladeira para tomar um gole. Quando coloco o copo na boca, sinto meu celular vibrar dentro do bolso, e quando vejo a imagem do Lucas na tela sinto meu corpo inteiro gelar. Em dias normais, ele passaria aqui daqui a pouco para irmos caminhar como tem sido nossa rotina há meses, mas a simples menção de ter que olhar para ele mais uma vez, faz meu corpo tremer.

— Oi. — Atendo a ligação de forma simples enquanto dou um gole no meu suco.

— *Oi, amor. Cheguei em casa agora. Daqui a meia hora eu passo aí, ok?*

Minha respiração pesa e eu não sei como dizer a ele para não vir; não sei como dizer que preciso ficar sozinha hoje. Então respiro fundo e tento ordenar meus pensamentos.

— Eu não estou me sentindo muito bem hoje, Lucas. Acho melhor ficar em

casa.

— *Poxa, Bia, sério? O que você tem? Quer que eu vá aí ficar com você? Precisa de alguma coisa?*

— Não, está tudo bem. Só estou cansada. Hoje o trabalho foi puxado. Vou tomar um banho e deitar.

— *Humm... Tudo bem então, linda. Se precisar de alguma coisa me liga.*

— Tudo bem, obrigada.

— *Fica bem, um beijo.*

Me despeço dele e desligo o telefone. Fecho os olhos e suspiro. Não vai ser fácil daqui para frente e não sei por quanto tempo vou poder evitá-lo, mas preciso de um tempo sozinha para colocar a minha cabeça em ordem. Preciso pensar se estou disposta a dar esse passo e assumir os riscos.

Termino de tomar meu suco, faço um sanduíche e como na cozinha mesmo. Sei que não vou conseguir comer muito hoje, então já é o suficiente. Me levanto da mesa e vou tomar um banho. Deixo a ducha quente cair sobre mim e relaxar um pouco meu corpo, numa forma de me tranquilizar, mas sei que é impossível. Minha cabeça está uma confusão terrível e eu não sei se consigo tomar alguma decisão sozinha.

Saio do chuveiro, seco-me e visto um pijama. Ando até a sala e chego até o rack, onde vejo os porta-retratos com as fotos dos únicos caras que foram capazes de mexer comigo.

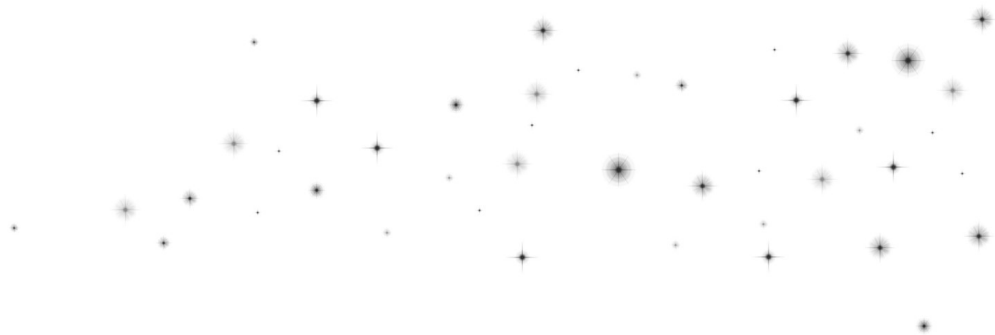
Corro os dedos pela foto do Lucas e meus olhos enchem de lágrimas; ele é um cara incrível e sei que estou sendo injusta com ele, mas não sei se sou quem ele precisa, não sei se sou capaz de dar a ele o que merece. Recoloco a foto em cima do rack e pego a foto em que estou com o Vinícius, trago para o peito e aperto-a junto a mim.

Minha vida era tão mais fácil quando ele estava comigo e a saudade que sinto dele agora é esmagadora. Trago o porta-retratos comigo enquanto apago as luzes da casa, já me preparando para dormir. Me sento na cama e deixo apenas a luz do abajur acesa, enquanto olho para a foto mais uma vez em minhas mãos.

Lembranças de tudo que eu vivi com o Vinícius vem à tona e eu me desfago em lágrimas. Lembro-me de todas as vezes em que o encontrei em sonhos e como ele me guiou para a direção certa, então me agarro a isso. Se eu não posso tê-lo mais ao meu lado, eu posso sonhar. Talvez em meus sonhos ele me diga o que fazer, que caminho seguir, que decisão tomar. Apago a luz, fecho os olhos e aperto a foto contra o meu peito, me forçando a sonhar. Se eu sonhar com ele mais uma vez, pode ser que eu consiga pensar com mais clareza, pode ser que

ele me ajude a decidir. Eu só preciso vê-lo mais uma vez, só preciso sonhar...

Capítulo 44



Chego ao trabalho bem mais cedo do que de costume, pois não consegui dormir bem mais uma vez. Não tive sucesso em sonhar com o Vinícius, infelizmente ele não apareceu e sinto uma pontada de desespero ao pensar nisso. Será que ele não vê que eu preciso dele? Que preciso da sua ajuda? Essa frustração me acompanha desde o momento em que acordei e, assim como ontem, continuo perdida.

Pouco depois o Marcus chega e me cumprimenta, arqueando a sobrancelha quando o respondo de forma seca.

— Bia, está tudo bem?

— Sim, por que não estaria? — Eu sorrio para ele tentando disfarçar um pouco, mas sei que não funciona quando o vejo franzir o cenho.

— Porque você está estranha desde ontem. Passou o dia todo calada e pela primeira vez em meses não foi caminhar com meu irmão. O que está pegando, gatinha? Vocês brigaram? Porque ele veio me perguntar ontem o que tinha acontecido no trabalho que te deixou tão cansada. Essa semana é a mais tranquila do mês, Bia, então para mim não cola.

Marcus me pega desprevenida e eu abro a boca e fecho, sem saber o que dizer. Não sei se quero contar a ele tudo que se passa na minha cabeça, mas sei que ele não vai me dar sossego, então procuro encontrar algumas palavras.

— Eu não sei se sou capaz de dar a ele o que ele merece, Marcus. Não sou capaz de me entregar a ele da mesma forma em que ele se entrega a mim. — Eu abaixo a cabeça e esfrego os olhos.

— Você está se ouvindo, Bia? Tem noção da besteira que está dizendo?

— Não é besteira. — Fecho a cara para ele que me olha de forma ainda mais intensa.

— Você não conhece meu irmão há tanto tempo quanto eu e definitivamente não faz ideia do quanto ele está mais feliz desde que te conheceu. Vocês estavam se dando tão bem, gatinha. O que aconteceu para você se sentir assim agora? Ele te fez alguma coisa?

— Não, Marcus. O Lucas é perfeito, o problema sou eu mesma.

— Já tentou conversar com ele ao invés de simplesmente ignorá-lo?

Balanço a cabeça negando e ele bufa, frustrado.

— Sabe, Bia... Eu não sou um *expert* em relacionamentos, como você bem sabe, mas você foi uma das pessoas que mais me incentivou a lutar por quem eu amo, e olha onde estou hoje. Não vou te dizer que foi fácil, pois o Cadu ainda não tem contato com seus pais, mas pelo menos estamos bem. Ele já se adaptou ao novo lar e está todo feliz por ter seu cantinho e privacidade. E nós estamos felizes, Bia, e devo muito disso a você. Então, por favor, lute por isso também. Você merece ser feliz, gatinha.

— Eu preciso de um tempo sozinha, Marcus, preciso pensar.

— Ok, se você diz... Só não tome nenhuma decisão da qual irá se arrepender depois.

Concordo com a cabeça e então encerramos o assunto. Ele não fala mais sobre isso durante o dia e eu agradeço mentalmente por isso. Já está difícil conviver com meus medos, e ter que ouvir de outras pessoas que estou errada não tem me ajudado tanto.

O dia termina, mas não a minha aflição, pois quando volto para casa tenho que enfrentar mais uma ligação do Lucas. Dessa vez eu noto um vislumbre de tristeza em sua voz quando digo mais uma vez que quero ficar em casa, e só de pensar que o estou magoando começo a chorar.

Era isso que eu não queria. Ele não merece ser magoado e tampouco ficar com alguém com tantas inseguranças como eu. Saber que o estou magoando acaba comigo, mas é algo que não consigo evitar. Não consigo vê-lo mais uma vez, não agora, não quando tudo ainda está confuso para mim.

Me deito para dormir na esperança de sonhar com o Vinícius, mas, mais uma vez, não sou atendida. Minha frustração só aumenta e não sei mais o que fazer.

O dia passa monótono, mas quando chego em casa e não recebo nenhuma ligação do Lucas, meu coração dói. Ele entendeu que eu preciso ficar sozinha e me deu o espaço que eu precisava. Não era isso que eu queria? Então porque meu coração parece se rasgar dentro do meu peito?

Ouço o interfone tocar e dou um pulo involuntário de susto, já secando

minhas lágrimas. Coloco o aparelho na orelha fazendo uma prece mental para que não seja ele, e quando ouço a voz da Sam pedindo para entrar, sinto meu corpo relaxar.

Minutos depois ela aparece na minha porta e ao me ver sua expressão toma um tom de preocupação.

— O que está acontecendo, Bia? — Ela me pergunta assim que passa pela porta e me puxa pela mão, me guiando para o sofá.

— Nada. — Eu minto e a minha voz falha.

— Sério, acha que me engana? Você está com uma cara horrível e pelas suas olheiras estou vendo que não dorme bem há alguns dias. Sabia que seu namorado me ligou hoje para saber como você está? Ele estava com uma voz horrível, amiga. Eu juro que não estou entendendo nada. O que aconteceu? O fim de semana com ele não foi bom?

— Foi perfeito, Sam. — Eu digo olhando para baixo, evitando olhá-la nos olhos.

— E então por que você está assim?

Eu ergo minha cabeça e meus olhos se encontram com os dela enquanto lágrimas escorrem pela minha face.

— Ele disse que me ama. — Minha voz sai engasgada, e quando percebo, ela me puxa para os seus braços, me embalando.

Sam espera que eu me acalme e então se afasta de mim, secando minhas lágrimas com seus dedos.

— Mas, amiga, é claro que ele te ama. Por que isso a assustou tanto?

— Por que eu não quero perdê-lo. — Minha voz é baixa, quase um sussurro.

Sam fica me olhando em silêncio por um tempo, como se estivesse organizando seus pensamentos, então respira fundo.

— Bia, você não vai perdê-lo. — Seu olhar é de compaixão e isso só faz com que eu fique mais nervosa.

— Como você pode saber disso, Sam? Vai me dizer que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar? — Eu dou um sorriso sarcástico, deixando-a desconfortável.

— Não, Bia... É só que... — Ela não termina e eu levanto do sofá, tentando retomar o ar.

— Você nunca perdeu ninguém, Samanta. Você tem o Júlio ao seu lado e nunca precisou chegar em casa e encontrar sua casa vazia, sua vida vazia. Eu

nunca imaginei na minha vida que ia perder o Vinícius. E então o que aconteceu? A porra de um caminhão tirou o meu namorado de mim! Então, por favor, não venha me dizer que eu não vou perder alguém de novo, porque você não sabe de merda nenhuma! — Eu elevo o tom de voz enquanto cuspo minhas palavras e vejo minha amiga arregalar os olhos para mim.

Ao contrário do que eu pensei que ela fosse fazer, Sam se levanta e me pega pelos ombros, me fazendo olhar em seus olhos.

— Tem razão, eu não sei de merda nenhuma. Mas você tem ideia do quanto está sendo injusta? Está se privando de ser feliz por medo. Bia, se você pensar assim nunca vai se relacionar com ninguém. Um dia todos nós morreremos, e o Lucas também. Pode ser que ele morra amanhã, assim como também pode morrer daqui a cinquenta anos. É algo que nenhum de nós pode prever! Mas ainda assim eu preferia arriscar e viver feliz mesmo que por pouco tempo a ser infeliz para sempre.

— Você diz isso porque nunca passou pelo mesmo que eu.

— Não, não passei. Não posso imaginar o tamanho da sua dor. Mas eu sei o que você passou no último ano e sei o quanto o Lucas mudou a sua vida desde que ele chegou. Não se boicote dessa forma, amiga. Você não merece isso.

Ela abaixa a guarda e eu também, deixando as lágrimas me vencerem mais uma vez.

— Eu não sei, Sam. De verdade, eu não sei...

— Vou deixar você sozinha, Bia. Mas por favor, pensa em tudo que eu te disse.

Balanço a cabeça assentindo e ela me puxa para um abraço.

— Desculpa, Sam. Eu não queria gritar com você, mas eu não estou legal.

— Não faz mal, eu entendo. Só fica bem, ok?

Concordo com a cabeça mais uma vez e me despeço dela. Quando passa pela porta e eu vejo que fico sozinha mais uma vez, me jogo no sofá, tentando organizar minha mente.

Pouco depois, sinto meu celular vibrar e quando vejo, tem um alerta de mensagem dele na tela. Meus dedos tremem enquanto clico para abrir e quando leio suas palavras, meu coração se aperta e mais lágrimas escorrem.

“Sinto sua falta.”

É tudo que ele diz e essas palavras fazem com que eu sinta meu coração se

partir em mil pedaços dentro do meu peito.

— Também sinto sua falta, Lucas. — Digo em voz alta, mas não respondo sua mensagem. Tenho medo de que isso faça com que ele venha me ver e eu ainda não estou preparada para isso.

Levanto do sofá e ando pela casa, remoendo a conversa que tive com Marcus e minha discussão agora com a Sam. Sei que eles têm razão, mas eu simplesmente não consigo. O medo de perdê-lo me sufoca, e eu sei que não seria capaz de lidar com essa dor mais uma vez.

Eu preciso ver o Vinícius novamente, preciso que ele me diga o que fazer. Que droga! Cadê ele que some quando eu mais preciso? Ele não disse que sempre que eu precisasse viria me encontrar? Então cadê?

Ando de um lado para outro pela casa, sem rumo algum. Eu preciso dormir, mas não consigo. Acho que se eu tiver uma noite tranquila e inteira de sono, eu vou conseguir sonhar. Eu preciso dele, eu preciso saber o que fazer, e o desespero começa a tomar conta de mim.

Estou perdida mais uma vez. Afastei meu namorado de mim por não ser capaz de encarar essa situação e não consigo ver meu anjo para me dizer o que fazer. Eu começo a gritar pela casa em desespero e sinto meu corpo todo tremer. Lágrimas caem sem parar enquanto soluços brotam da minha garganta.

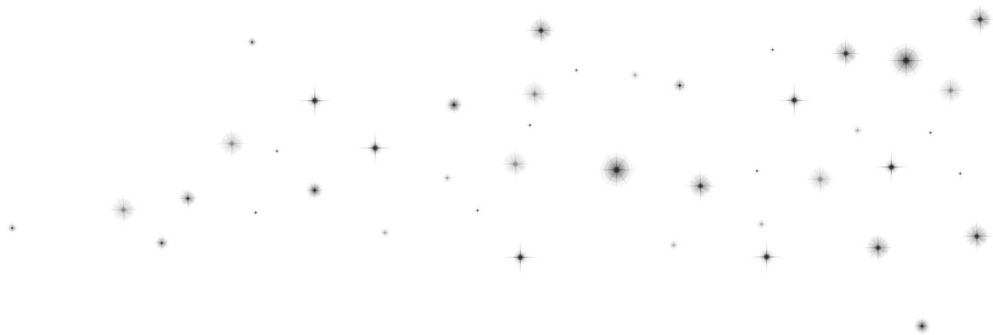
Eu não consigo pensar. Então eu tenho um estalo; me lembro de uma época não tão distante, em que eu não conseguia dormir de jeito nenhum pela ausência dele na minha vida.

Vou até o banheiro e abro o armário procurando pelos remédios certos. Pego dois comprimidos de calmante e jogo na minha boca, encho as mãos com a água da torneira e engulo em um impulso.

Olho para o espelho e a imagem que eu vejo não se parece em nada comigo. Meus olhos estão vermelhos e fundos e meu rosto mais pálido. Abaixo a cabeça e saio do banheiro, indo em direção ao meu quarto.

Me deito na cama, esperando que o efeito dos remédios venham para que eu consiga ter uma noite tranquila de sono, e quem sabe hoje eu consiga sonhar. Eu preciso desesperadamente sonhar.

Capítulo 45



Eu não sonhei.

A semana passou e eu tentei de todas as formas, mas ele não veio. Meu anjo não veio me ver. Passei pelo desespero, pela angústia, por todos os sentimentos, agora só me restou a dor. Só a dor que insiste em tomar conta do meu peito.

Aquela mensagem foi o último contato que tive do Lucas e eu deveria me sentir aliviada por isso, mas não me senti. Eu passei a semana toda sem a presença dos dois e isso me sufocou de uma forma que nem eu mesma soube lidar.

Hoje é sexta feira e depois de chegar do trabalho e tomar um banho, vesti uma roupa confortável e liguei a TV, como se eu fosse prestar atenção em alguma coisa que estivesse passando, mas eu precisava pelo menos ouvir outras vozes diferentes da minha para amenizar um pouco a minha solidão.

Ouçou um barulho diferente e quando abaixo o volume da TV, percebo que tem alguém batendo na porta. O que será que algum vizinho quer comigo? Desligo a TV e vou até a porta, e quando a abro, sinto meu corpo retesar.

Lucas está do outro lado com o braço encostado no batente, e ver seu semblante de dor acaba me destruindo mais um pouco. Vejo seus olhos acinzentados fundos, então constato que ele dormiu tão mal quanto eu esses dias. Sua barba cresceu de uma forma considerável, preenchendo boa parte do rosto. Eu quase não o reconheço, pois a imagem à minha frente é completamente diferente do Lucas que conheci.

Permanecemos um tempo apenas nos olhando, quando ele resolve quebrar o silêncio.

— Posso entrar?

Eu confirmo com a cabeça enquanto abro o caminho para ele entrar e fecho

a porta atrás de mim. Lucas caminha em direção ao sofá e antes que possa se sentar, se vira para mim.

— O que eu fiz, Bia? Por que você está fugindo de mim? — Seus olhos marejam, e ver o sofrimento estampado em seu rosto me corrói ainda mais por dentro.

— Eu não... — Começo a falar, mas ele me interrompe.

— Não está fugindo de mim? Sério?

Engulo em seco e ele balança a cabeça de forma frustrada.

— Eu te dei espaço, Bia. Não te procurei por esses dias esperando que você me ligasse. Mas você nem sequer mandou uma mensagem. O que mudou? O que eu fiz de errado?

— Você não fez nada, Lucas. — Eu abaixo a cabeça desviando meu olhar do dele.

— O que é, então?

— O problema não é você... — Ele ri e sua risada não tem humor algum.

— “O problema não é você, sou eu”. Sério mesmo que você ia me dizer isso?

Eu ergo o olhar para o dele e vejo que agora tem um misto de tristeza e raiva, o que só faz com que eu sinta um bolo na garganta.

Ele passa a mão pela barba, esfregando o rosto, e respira fundo, sem tirar os olhos de mim.

— Qual é o problema, Bia? Por favor, fala comigo. Eu não aguento mais ficar longe de você.

Engulo em seco mais uma vez. Eu queria dizer tanta coisa para ele, mas não consigo. Minha voz não sai.

— Eu não sou ele, é isso? — Suas palavras são tão ásperas que sinto como se tivesse levado um tapa no rosto.

— Não, Lucas... — Eu balbucio as palavras, mas ele não me deixa continuar.

— Porque não tem explicação, Bia. Eu fiz tudo no seu tempo, nunca te forcei a nada, e nós construímos um relacionamento tão bom. Não consigo encontrar um sentido para você ter se distanciado de mim.

Eu continuo calada e pelo seu semblante vejo que só o estou deixando ainda mais nervoso.

— Você nunca me contou nada sobre ele! Você nem toca nesse assunto e eu entendo, juro que entendo. Não deve ser fácil passar pelo que você passou. Mas

uma parte de mim acredita que você não confia em mim ou que eu não sou bom o bastante. Eu não sou bom como ele?

Ele termina de falar e as lágrimas já estão caindo desenfreadas de mim e meu corpo inteiro está tremendo.

— Não, Lucas... Não é isso. — Minha voz é engasgada e quando ele percebe que eu não vou dizer nada, ele se exalta.

— Então o que é, Beatriz? — Ele ergue os braços enquanto lágrimas escorrem pelos seus olhos, e vê-lo chorar me deixa ainda pior.

Eu não quero perder você! Eu grito, mas minha voz não sai. Coloco as mãos no rosto e choro ainda mais alto.

Ele espera por um tempo, para ver se vou dizer alguma coisa, mas quando ergo o rosto, toda a dor que eu vejo em seus olhos me faz vacilar.

— Ok, já entendi. Quando quiser conversar, sabe onde me encontrar. — Lucas passa por mim e sai do meu apartamento batendo a porta atrás de si.

Eu caio no chão em prantos e soluços, sem saber o que fazer. Abraço meus joelhos e balanço meu corpo para frente e para trás, seguindo o ritmo do meu choro. Eu perdi o Vinícius e agora deixei o Lucas ir embora. Meu Deus! O que eu faço agora?

Me levanto secando o rosto e pego o porta-retratos, olhando para a foto do Vinícius mais uma vez.

— O que eu faço agora, Vi? Por que dói tanto? — Meus olhos embaçam com as lágrimas e eu tento organizar meus pensamentos.

Então, como se uma luz acendesse dentro de mim, eu consigo entender. Ele não apareceu ainda porque queria que eu resolvesse sozinha. Ele já me disse que eu preciso seguir em frente. Ele me deu todas as pistas e eu, cega, me agarrei apenas ao desespero de vê-lo mais uma vez, sem me dar conta de que ele já tinha me dito o que fazer em todos os sonhos anteriores.

Lembranças de todos os nossos encontros vêm na minha mente e eu consigo enfim juntar as peças do quebra-cabeça. Seco as lágrimas mais uma vez e pego meu celular e as chaves de casa, já sabendo aonde ir.

Caminho apressada pelas ruas do meu bairro até chegar à avenida principal e sigo rumo à orla da praia, onde o vejo de longe, sentado na areia, olhando o mar. O vento balança seus cabelos e sinto sua rigidez quando me sento ao seu lado na areia.

Ficamos um tempo olhando para o mar sem dizer nada enquanto eu reúno todas as minhas forças para me abrir com o homem que mudou a minha vida.

— Eu conheci o Vinícius há quatro anos, em uma boate. Era uma festa de calouros da faculdade, umas garotas da minha turma me chamaram para ir e eu aceitei. — Respiro fundo para deixar todas as memórias virem à tona, e pelo canto do olho vejo que o Lucas se vira para mim, mas continuo olhando fixamente para o mar. — Eu nunca me senti bem em lugares fechados e em uma determinada hora da festa, eu saí de perto das meninas para procurar um lugar para respirar. No segundo andar tinha uma espécie de sacada, que dava visão da rua. Eu subi até lá e assim como o interior da boate, estava um pouco escuro, mas pelo menos eu conseguia respirar.

Dobro meus joelhos e os abraço, buscando forças para continuar.

— Depois que eu consegui me recuperar, estava prestes a me virar e voltar para dentro, quando senti um corpo prensando o meu na parede. Eu senti um pânico tomar conta de mim, tentei me mexer, mas eu estava travada por um forte corpo masculino. Com uma mão ele tapou minha boca, me impossibilitando de gritar, e com a outra percorreu todo o meu corpo. — Engulo em seco me forçando a continuar, mesmo sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. — Você sabe o que é se sentir fraco, incapaz? Eu tentei lutar de todas as formas para sair dali, mas quanto mais eu forçava, mais ele me apertava. Minha garganta apertou e eu fechei os olhos, pedindo a Deus para me tirar dali. Aquilo não podia acontecer comigo.

Ouçou um gemido escapar por sua garganta e quando olho para o lado, vejo que ele também está chorando.

— E então, como se Deus tivesse ouvido as minhas preces, senti o cara me soltar, e quando olhei para o lado, só vi de relance um rapaz tirando ele de perto de mim e dando um soco em seu rosto. Eu estava tremendo e chorando, então nem vi quando os seguranças chegaram e nem sei o que aconteceu com o cara depois disso, mas eu senti o rapaz chegar perto de mim e quando ergui o olhar e encontrei aqueles olhos azuis vibrantes me olhando com preocupação, me senti desabar. Chorei ainda mais, e ele me tomou em seus braços, me dizendo que estava tudo bem. Eu não sei como aceitei que me levasse para casa, mas eu simplesmente confiei. Algo dentro de mim me dizia que ele era bom, que não me faria mal. Vinícius me deixou em casa naquele dia, anotou seu telefone em um pedaço de papel e me estendeu, me fazendo garantir que ligaria para ele se precisasse de alguma coisa. Passaram alguns dias e eu havia me recuperado daquele choque quando resolvi ligar para ele e chamar para tomar um café, pois eu precisava agradecer pelo que ele fez por mim.

Seco minhas lágrimas e me viro para o Lucas que me ouve em silêncio.

— Nós marcamos de nos encontrar, e só quando ele chegou fardado na

cafeteria é que eu descobri que ele era policial. Acontece que na festa ele não era o Soldado Vinícius, era apenas um cara legal que quis ajudar outra pessoa. Porque era assim que ele era, tinha um coração do tamanho do mundo, e quanto mais eu o conhecia, mais o admirava por isso. Nos encontramos mais vezes depois disso e começamos a nos apaixonar, então tudo aconteceu.

Solto meus joelhos de forma inquieta e coloco os braços na areia, ao redor do meu corpo.

— Nós namoramos por três anos e tínhamos vários planos para o futuro. Quando surgiu uma vaga de Cabo em Vila Rica e ele foi promovido, vimos a oportunidade bater em nossa porta. Eu me formaria dali a seis meses e se ele se estabelecesse por lá, me mudaria de Monte Castelo para morar com ele. Estávamos planejando tudo, sabe? Éramos tão felizes... — Minha voz morre e eu preciso de um tempo para me recompor e continuar. — No dia que ele foi para Vila Rica levar uns documentos e se apresentar no batalhão, ele me ligou quando chegou lá e estava tão empolgado, Lucas. Tão feliz. Mas naquele mesmo dia eu recebi uma ligação do pai dele me dando a notícia de que no caminho de volta para casa um caminhão perdeu o controle e bateu nele, fazendo seu carro capotar... E ele... ele morreu na hora.

As lágrimas descem e eu preciso controlar minha respiração para continuar.

— Eu perdi meu chão. Meu mundo acabou ali, então eu vivi o pior ano da minha vida. Até te conhecer. — Viro-me para olhá-lo e dou um sorriso discreto. — Naquele dia que eu te vi pela primeira vez na praia eu tinha acabado de acordar de um sonho que eu tive com ele. Não um sonho qualquer, mas eu tinha encontrado com ele, sabe? Ele me disse tantas coisas bonitas e, principalmente, que sempre estaria comigo e que eu precisava aprender a viver sem ele. Depois disso ele apareceu outras vezes em sonhos, sempre me dando conselhos e me mostrando o que fazer. Então isso foi me dando forças para continuar, me ajudou a superar melhor sua perda. Mas desde que eu comecei a namorar você, ele não apareceu mais. Lembro que em um dos sonhos ele me disse que me encontraria sempre que eu precisasse dele, então isso me leva a crer que estou conseguindo seguir sozinha.

Eu dou uma pausa e logo respiro fundo, retomando.

— Te conhecer foi a melhor coisa que me aconteceu, Lucas. Eu havia perdido a fé na vida, em tudo. Achava que não seria feliz de novo, até você aparecer. Você me conquistou de uma forma que ninguém fez, e me fez ter confiança de novo, ter esperança. Eu nunca o comparei com o Vinícius, me perdoe se eu te fiz pensar isso. Mas eu me assustei quando você disse que me amava, porque eu tinha medo dessas palavras. A última pessoa que me disse isso

foi arrancada de mim, e eu não seria capaz de suportar essa dor mais uma vez. Ouvir aquelas palavras da sua boca fez com que todos os meus medos voltassem, como se eu não pudesse ser feliz de novo. Mas a verdade, Lucas, é que eu também sinto o mesmo por você, mas tinha tanto medo que não sabia enxergar esses sentimentos.

Paro para olhar em seus olhos e pego suas mãos, trazendo-as para junto do meu peito.

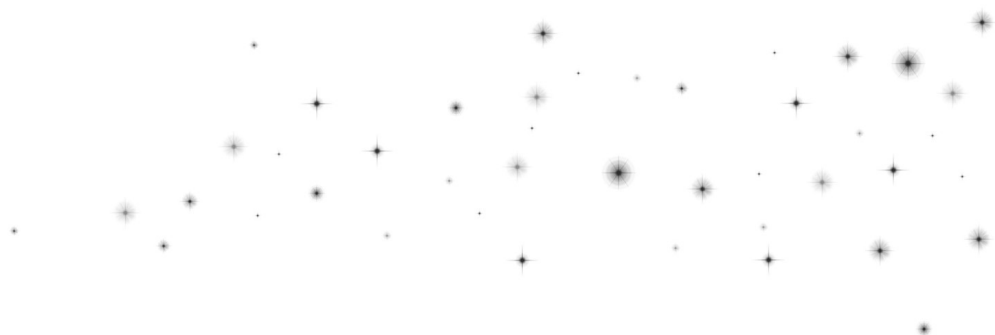
— Eu amo você, Lucas. Me perdoe por ser tão insegura e por ter me afastado de você. — Beijo suas mãos e ele sorri para mim por entre as lágrimas, antes de me puxar para um beijo.

Nossos lábios se afastam e eu me aninho em seu colo, quando o sinto beijar meu pescoço e sussurrar em meu ouvido.

— Eu não tenho o que perdoar, amor. Eu que peço perdão por ter sido tão injusto com você. Obrigado por compartilhar isso comigo.

Ele me aperta mais contra si e eu sinto todo seu calor, seu cheiro, e eu percebo que finalmente estou em paz. Mesmo depois de tanta tempestade, eu encontrei minha paz, meu abrigo.

Capítulo 46



Desço o calçadão da praia e me sento na areia de frente para o mar. Está escuro e ver o brilho da lua refletido na imensidão do mar me faz sorrir.

Sinto um movimento perto de mim e quando percebo, Vinícius se senta ao meu lado e eu me viro para olhá-lo. Estendo minha mão até ele e corro meus dedos pelo seu rosto, memorizando sua feição. Seus olhos azuis me encaram de forma intensa, como se enxergassem minha alma, e eu sorrio. Passo a mão pelos seus cabelos macios e faço questão de memorizar cada detalhe seu, pois sinto que não o terei por perto por muito mais tempo.

Os segundos passam e então ele sorri antes de tomar minha mão e plantar um beijo ali.

— Oi, meu amor. — Ele sorri de uma forma tão pura que faz meu coração se encher de amor.

— Oi, Vi.

— Sei que você sentiu minha falta nos últimos dias, Bia. Mas entendeu a necessidade de me afastar? — Balanço a cabeça em concordância e ele sorri. — Eu não vou poder aparecer sempre que passar por uma tribulação, linda, pois tem coisas que você vai precisar superar sozinha, e estou muito feliz por ter conseguido.

Sorrio para ele mais uma vez e aproximo sua mão da minha boca, retribuindo seu beijo.

— E por isso eu vim me despedir de você. — Meus olhos se arregalam e ele nota o meu desespero e procura me tranquilizar. — Você sabe que eu jamais sairei do seu lado, Bia. Estarei sempre presente, mas agora você aprendeu a seguir em frente sem precisar de mim, amor. Eu já cumpri minha missão com você.

Eu permaneço em silêncio enquanto sinto as lágrimas quentes correrem pela minha face.

— Eu vou sentir tanto a sua falta... — Me limito a dizer quando encontro forças na minha voz.

— Eu sei, meu amor. Mas eu sempre estarei com você. Está vendo aquela estrela ali? — Ele aponta para a estrela mais brilhante no céu e eu assinto com a cabeça. — Sempre que sentir minha falta, procure por ela. É a prova de que eu sempre estarei ali por você, em todos os dias da sua vida.

Ele me puxa para um abraço e eu afundo minha cabeça em seu peito, sentindo seu cheiro e procurando memorizar ao máximo cada detalhe seu.

— Um dia vamos nos encontrar de novo, Bia. E quando chegar esse dia, eu estarei de braços abertos te esperando.

Ele me aperta mais contra si e eu aproveito ao máximo esse último momento com ele.

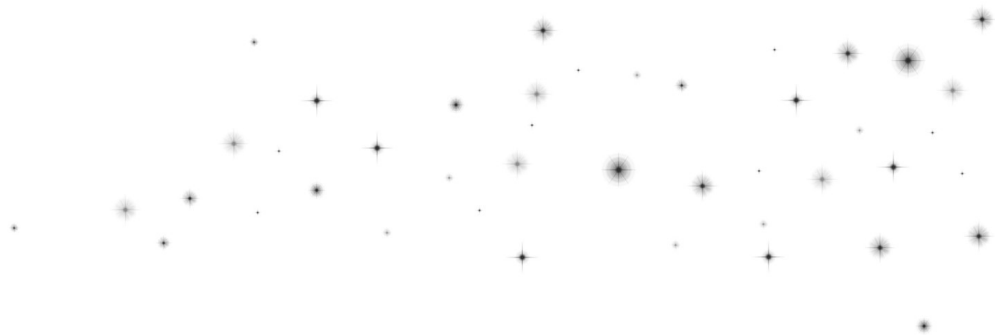
— Eu amo você, Vi. Sempre vou te amar.

— Eu sei, linda, também amo você. Nunca se esqueça disso.

Me aninho mais em seu corpo e o puxo contra mim, estendendo aquele momento. É muito difícil me despedir dele e por mais que eu soubesse que esse dia chegaria, ainda não estava preparada para isso.

Vinícius passou de forma curta pela minha vida, mas veio para mudar todo meu mundo. Sua partida abriu um buraco no meu coração, mas seu amor curou a ferida com a certeza de que ele sempre estará presente. Por toda minha vida.

Capítulo 47



Desperto no meio da noite e abro os olhos vendo que ainda está escuro. Lucas dorme ao meu lado, e vê-lo com o semblante tranquilo me faz sorrir. Depois que tivemos nossa conversa na praia e nos entendemos, voltamos para casa e fizemos amor de uma forma tão pura, tão doce, que só me fez ter ainda mais certeza de que tomei a decisão certa.

Rolo pela cama com cuidado e ando em direção à sacada do meu quarto, de onde entra uma brisa gostosa. Me inclino no parapeito e fico por um tempo apenas olhando o mar. O vaivém das ondas mesmo longe de mim, me enche de uma paz inexplicável.

Olho para o céu e não demoro a encontrar a estrela que o Vinícius me apontou e me vejo sorrindo. Incrível como ele cuidou de mim e se preocupou em me deixar bem, mesmo depois de tanto tempo.

Viro meu rosto para dentro do quarto e vejo as asas nas costas do Lucas. Sou uma mulher de muita sorte por ter dois anjos na vida, um na terra e um no céu. Anjos que me protegem, que cuidam de mim, cada um à sua maneira.

Eu pensava que para amar uma nova pessoa, eu teria que deixar de amar o Vinícius, e hoje eu vejo como eu estava enganada. Uma parte do meu coração sempre vai pertencer a ele e ninguém vai ocupar, pois eu jamais deixarei de amá-lo. Mas a outra parte do meu coração poderia ser aberta a um novo amor, e foi ali que o Lucas entrou e fez morada.

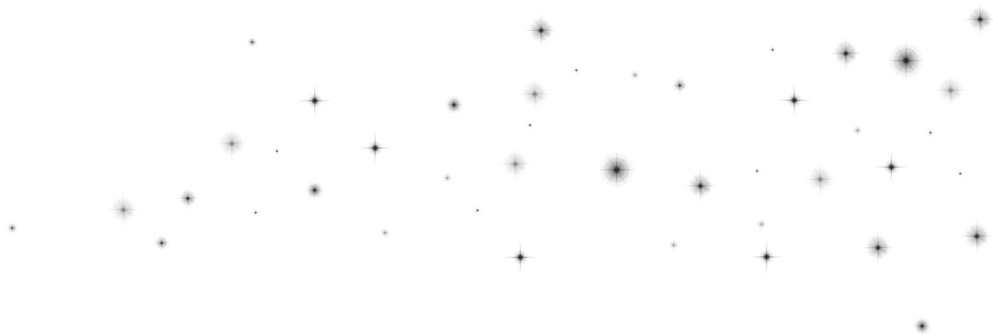
Se eu olhar para trás e vir tudo que eu enfrentei, acredito que jamais pensaria em como estaria hoje. Em como o destino, ou uma força maior, se encarregou de colocar as pessoas certas nos momentos certos da minha vida.

Sou muito grata por tudo que eu vivi, e principalmente por ter conhecido o Vinícius. Mesmo sabendo que nossa trajetória seria curta, eu ainda viveria tudo com ele de novo, pois o que vivemos foi único.

Volto para o quarto e deito na cama me aninhando ao Lucas, que me abraça junto ao seu corpo, me transmitindo paz. Ele é a minha dose de realidade, aquele que me faz ter fé no mundo, fé na vida. Sei que ainda virão muitas tribulações, mas se ele estiver ao meu lado, tudo dará certo.

Quando tudo parecer difícil, eu sei que se fechar meus olhos, vou me permitir sonhar.

Epílogo



Cinco anos depois

— Olha uma girafa ali, amor!

Estamos deitados na areia da praia olhando para as nuvens. Lucas adora olhar o céu e descobrir novos formatos, e mesmo depois de tanto tempo juntos, não consigo enxergar da mesma forma que ele.

— Girafa, Lucas? Desde quando? — Eu reviro os olhos e ele me cutuca, me fazendo rir.

— Você não tem imaginação nenhuma, né? — Meu marido olha para mim de forma divertida e eu rio ainda mais.

Eu e o Lucas nos casamos há três anos e desde então tenho vivido os melhores anos da minha vida. Nunca mais recebi uma visita do Vinícius em sonho, mas todas as vezes que olho para o céu noturno, vejo aquela estrela que sempre destoa das demais.

— É só uma nuvem comprida, anjo. Não sei como você enxerga um animal ali.

— Porque você é sem graça, Bia. Achei que com o tempo iria aprender comigo, mas pelo visto é impossível, né? Só espero que nossos filhos puxem a mim e não a você.

Eu rio de sua expressão inconformada e me viro para olhar em seus olhos.

— Ah, mas você não vai demorar a descobrir.

— Descobrir o quê? — Ele franze o cenho, me olhando curioso.

— Quem nossos filhos irão puxar.

Ele me olha com uma expressão confusa e devo dizer que o deixa muito fofo. Lucas abre e fecha a boca, sem saber o que falar, então eu resolvo facilitar

sua vida pegando sua mão e pousando em cima da minha barriga.

Meu sorriso se alarga e ele ainda me olha de forma incrédula, como se tivesse levado um choque. Eu rio com sua expressão um tanto fofa e cubro a sua mão com a minha.

— Sério, amor? — Eu assinto e ele abre um sorriso do tamanho do mundo, me mostrando aquelas covinhas lindas.

Ele se deita por cima de mim, tomando meu rosto em suas mãos e me beijando com devoção. Eu descobri nossa gravidez ontem e estava esperando o melhor momento para surpreendê-lo.

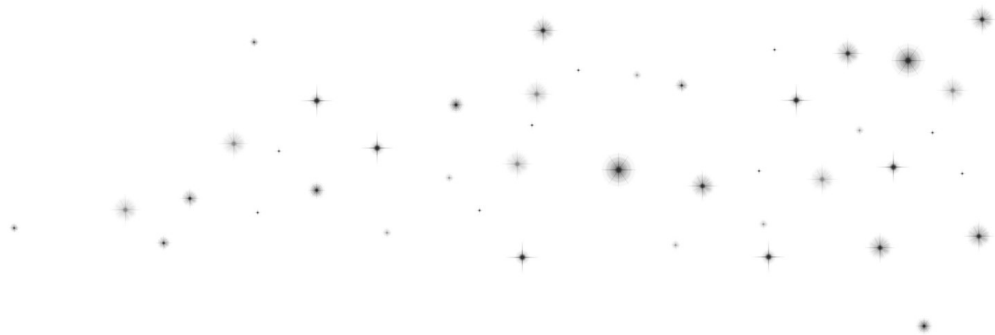
Lucas afasta nossos lábios e desce até a minha barriga, colocando as mãos ali onde não há nenhum volume ainda, plantando um beijo cheio de carinho.

— Oi, amor do papai. — Ele começa a conversar com nosso filho e eu sorrio ainda mais com essa cena que se passa diante dos meus olhos.

Que o Lucas vai ser um excelente pai eu nunca tive dúvidas, mas nada me preparou para o amor que eu vejo em seus olhos. Um amor puro, diferente de tudo que eu conheci.

Um amor de pai, de quem se doa por outra pessoa sem esperar nada em troca. O amor mais puro, o amor de um anjo.

Agradecimentos



Agradeço a Deus em primeiro lugar, sempre, pois graças a Ele eu tenho conseguido realizar todos esses sonhos. O lançamento do primeiro livro foi um divisor de águas na minha vida, pois finalmente descobri para o que eu nasci.

Ao melhor marido do mundo, pois sem o seu apoio nada disso seria possível. Obrigada por todo incentivo, por se orgulhar de mim e por me ajudar todos os dias. Essa conquista também é sua!

Um agradecimento especial a um grande amigo que me inspirou a escrever esse livro: Leonardo Vinícius. Usei seu segundo nome no personagem como forma de homenagem, mas enquanto escrevia cada linha dos sonhos, eu sentia como se estivesse conversando com você, vendo-o de perto, matando um pouco a saudade que sinto.

Léo, você nos deixou muito cedo, mas a sua amizade e lealdade deixaram marcas em muitos corações. Por esses e tantos outros motivos, eu tentei retratar um pouco de quem você era nesse marcante personagem. Espero que daí de cima, esteja orgulhoso de nós aqui embaixo. E espero que saiba, do fundo do meu coração, que você jamais será esquecido. Sempre te amaremos.

Não foi fácil criar esse personagem, muito menos escrever as cenas dos sonhos, principalmente por que algumas delas eu vivi. Eu tive a honra de receber algumas visitas dele em meus sonhos e isso serviu de total inspiração para mim. Espero ter conseguido transmitir toda a emoção que eu também senti.

Não posso deixar de agradecer a Consola, mãe do Léo, que me permitiu fazer essa pequena homenagem a ele e por ter me dado todo apoio. Você é muito importante para mim!

Agradeço também a todos que contribuíram diretamente para que essa obra

fosse lançada com tamanha perfeição:

Meu amigo Igor, que me ensinou de novo a jogar pôquer (depois de anos eu já havia me esquecido) e teve paciência de jogar algumas partidas *on-line* comigo para eu relembrar e criar a cena do jogo. Valeu demais!

Flá Kalpurnia, leitora beta e amiga de todas as horas, que leu cada linha e me deu incentivo a continuar nessa escrita. Você sabe que sem você não teria a menor graça!

Mi Mariani, que me emprestou seus meninos da *Fury Hunters* e também leu cada linha escrita e me ajudou a desenvolver algumas cenas que eu tinha dúvida. Foi maravilhoso dividir esse sonho com você! Obrigada por me aturar todo esse tempo e ter me dado tanto apoio! Você é maravilhosa!

Mi Passos, que honra a minha poder citar um pedacinho de você no meu livro. Amiga, a cada linha escrita, cada capítulo finalizado eu sempre me espelharei em você que me dá tanto apoio e acredita em mim!

Anderson, como deixar de te agradecer por tantas capas maravilhosas e por ser o melhor amigo que alguém pode ter? Você arrasa! É super talentoso e eu tenho o maior orgulho de dividir mais essa conquista com você. Que venham muitas mais! Obrigado por me apoiar sempre e acreditar em mim! (P.S.: Se você não existisse na minha vida, o Marcus jamais teria sido criado!).

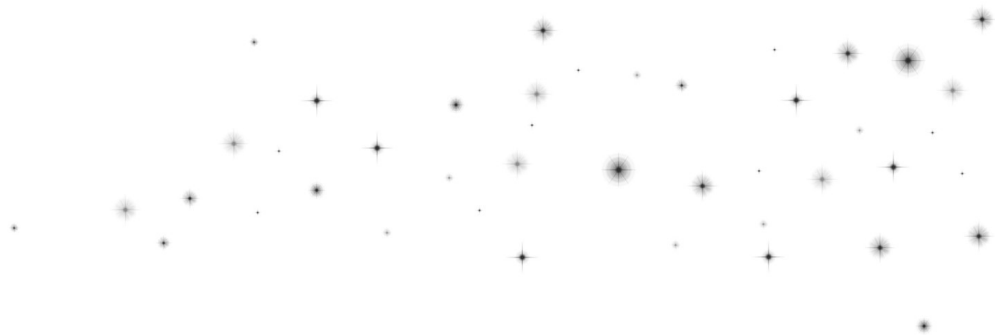
Becca, meu amor. Como posso te intitular apenas como revisora? Se você dá muito mais do que eu possa pedir? Obrigada por ser minha amiga, minha parceira e por me incentivar tanto. É maravilhoso ter você na minha vida!

Kalyne e Lídia, minhas leitoras beta, como agradecer vocês por tanto carinho? Ouvir tantas palavras de apoio significaram muito para mim. Você são demais!

A todas as minhas amigas e parceiras nesse mundo literário (são muitas, mas vocês sabem exatamente o lugar que ocupam no meu coração!) e aos meus leitores fiéis: Obrigada por todo carinho, sem vocês nada disso teria a menor graça. Amo cada um de vocês!

Aos amigos e familiares que sempre acreditaram em mim e no meu talento: gratidão eterna!

Siga a autora nas redes sociais



Insta: @bibliotecamagicadafe

Email: autora.fernandasantana@gmail.com

Face: @autorafernandasantana

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Siga a autora](#)